



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE



MARYVÂNSLEY NUNES DE SÁ REIS

**VIVÊNCIAS DE VIOLÊNCIAS NAS RELAÇÕES AMOROSAS DE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS DE ENFERMAGEM POR MÍDIAS SOCIAIS**

JEQUIÉ

2026

MARYVÂNSLEY NUNES DE SÁ REIS

**VIVÊNCIAS DE VIOLÊNCIAS NAS RELAÇÕES AMOROSAS DE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS DE ENFERMAGEM POR MÍDIAS SOCIAIS**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), área de concentração em Saúde Pública, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre.

Linha de pesquisa: Política, Gestão e Situação de Saúde da População.

Orientadora: Prof^a. Dra. Aline Vieira Simões

JEQUIÉ

2026

R375v Reis, Maryvânsley Nunes de Sá.

Vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais / Maryvânsley Nunes de Sá Reis. - 2026.

129f. : il., color.

Orientadora: Profª. Dra. Aline Vieira Simões.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Área de Concentração em Saúde Pública. Jequié, 2026.

Catlogação na fonte: Bibliotecária Eridiana Souza Silva - CRB-5/2129

UESB - Campus Jequié/BA

FOLHA DE APROVAÇÃO DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO
DE MESTRADO

REIS, Maryvânsley Nunes de Sá. “Vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais”. 2026. Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-Bahia.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALINE VIEIRA SIMÕES**
Data: 07/04/2026 07:40:47-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Aline Vieira Simões

Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Documento assinado digitalmente
 **VANDA PALMARELLA RODRIGUES**
Data: 08/04/2026 11:41:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Vanda Palmarella Rodrigues

Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Documento assinado digitalmente
 **LUCIA HELENA GARCIA PENNA**
Data: 07/04/2026 18:12:39-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Lucia Helena Garcia Penna

Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGEnf) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Jequié - Bahia, 07 de abril de 2026

*Dedico este trabalho a minha família. A vocês
todo o meu carinho, gratidão e amor! E a
todos os jovens universitários.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, pelo privilégio da vida, pelo sustento até aqui, me oportunizou a realização do sonho de entrar no mestrado, e me deu forças para trilhar esse caminho. Sou grata por todo amor concedido, pela oportunidade de respirar, de sentir sua presença e cuidado!

À minha mãe **Ivonete** e ao meu pai **Messias**, por todo o amor, por terem batalhado e me concedido uma educação com mais compromisso e responsabilidade. Gratidão especial a minha mãe, minha maior incentivadora da busca pelos meus objetivos, pela compreensão, atenção, ombro amigo e força em meio aos desafios, correrias, noites sem dormir e preocupações. Eu os amo e sou grata a Deus por tê-los em minha vida, mesmo que de longe.

Aos meus irmãos **Iwlysmênio**, **Mayriheth** e **Ívvian** pelo amor e cumplicidade. Muito obrigada pelo cuidado, atenção e apreço, pela compreensão principalmente nos momentos de ausência e por me ensinarem sempre a nunca desistir dos sonhos.

À minha namorada **Verônica**, minha companheira e amiga! Muito obrigada por todo o seu amor e cuidado. Obrigada por trilhar comigo cada instante, pela paciência e por tornar mais leve a jornada, sendo um ponto de tranquilidade. Sou grata a Deus por ter colocado você em minha vida.

À minha orientadora **Prof.^a Dra. Aline Vieira Simões**, por ter aceitado trilhar mais uma jornada junto a mim, sendo minha orientadora, sempre presente, compreensiva e paciente, que desde o início confiou em mim e no meu potencial. Obrigada pelo cuidado, compreensão e compartilhamento dos conhecimentos. Agradeço a Deus pela sua vida e por ter colocado a senhora em meu caminho e ter me conduzido não apenas nesse trabalho, mas também nessa jornada tão desafiadora e querida. Muito obrigada por tudo!

Aos meus amigos **Beatriz** e **Magno**, tão presentes, me acompanharam, incentivaram, torceram e compreenderam. Gratidão pela vida de vocês!

À **Sara**, por ter estado no barco comigo e por remá-lo em direção aos nossos objetivos. Por se fazer presente, especialmente nos momentos difíceis, por seu companheirismo, paciência, compreensão e partilha de conhecimentos. Muito obrigada pelas conversas, conselhos e incentivos. Sou grata a Deus pela sua vida, por ter te colocado no meu caminho e permitir que eu pudesse partilhar dessa caminhada junto a você!

Ao meu grupo *além do lattes*, por se fazerem presentes nessa jornada, tornando-a mais dinâmica, afetuosa, engraçada, leve e feliz. Muito obrigada **Dai, Rô, Ranna e Sara**. Gratidão pela existência de todas vocês e por serem mulheres empoderadas e fortes.

Às **amizades construídas** durante a jornada do mestrado e as que estiveram ao meu lado, incentivando e proporcionando mais aprendizados, em especial a **Ana Lúcia, Joseph e Taylline**.

Aos meus **colegas de turma do mestrado**, pessoas incríveis com quem convivi ao longo desses dois anos, que me ensinaram muito e que contribuíram, de alguma maneira, para a minha formação acadêmica, crescimento pessoal e profissional.

À **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)**, por contribuir, mais uma vez, em minha formação acadêmica e profissional, proporcionando uma riqueza de conquistas e aprendizados.

Aos **docentes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES)**, que se fizeram presentes nessa jornada, pelo compartilhamento dos conhecimentos e preocupação com o aprendizado. Gratidão por serem espelho e exemplo de dedicação.

Aos **funcionários do PPGES** pela disponibilidade e atenção, sempre solícitos e cordiais.

À **FAPESB** pela concessão de bolsa de estudos de mestrado, contribuindo para uma maior dedicação à pesquisa.

Ao **Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz (GPVIO)**, pelo acolhimento, ensinamento, incentivo e conhecimento compartilhado. Por todas as reflexões, ações e atividades voltadas para o combate à todas as formas de violência contra a mulher. Gratidão a todos os membros!

À **Prof.^a Dra. Vanda Palmarella Rodrigues e Prof.^a Dra. Lucia Helena Garcia Penna** pela participação na banca de Qualificação e aceitarem o convite para a banca de Defesa, com contribuições que enriquecem ainda mais a nossa pesquisa.

À **Prof.^a Dra. Vivian Mara Ribeiro**, por ter contribuído ricamente na construção do projeto desta pesquisa durante as aulas de Narrativas de Vida, mas também como membro participante da banca examinadora de Qualificação. Gratidão!

Aos **jovens universitários do curso de enfermagem** que contribuíram no desenvolvimento deste trabalho, vocês foram imprescindíveis para que essa pesquisa acontecesse. Obrigada por toda a confiança, segurança e disponibilidade em meio à rotina corrida das aulas. Em especial, aos estudantes que participaram das entrevistas - momento de criação de vínculo, compartilhamento de experiências, de confiança, de segurança, do olho no

olho. Que vocês se tornem seres humanos e futuros profissionais, cada dia mais sensíveis e defensores da luta contra à mulher em situação de violência, para assim, promoverem uma assistência humana, qualificada e compreensiva. A vocês, toda a minha gratidão!

“Todas as vitórias ocultam uma abdicação”.

Simone de Beauvoir

REIS, Maryvânsley Nunes de Sá. **Vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais**. Dissertação (Mestrado). 2026. 129 f. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2026.

RESUMO

A fase da juventude é marcada por grandes mudanças, tais como biológicas, fisiológicas, culturais e sociais. Ao considerarmos o espaço universitário em que estão inseridos, os jovens adquirem novos hábitos, responsabilidades e tomadas de decisões, assim como propagam e/ou ressignificam hábitos do seu cotidiano, os quais refletem direta e indiretamente em suas relações, especialmente as relações amorosas. Este estudo apresenta como objetivo geral analisar as narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais, e específicos: descrever as narrativas de vida dos jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais; e discutir os roteiros sexuais de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas, considerando as mídias sociais. O referencial teórico adotado foi a Teoria dos Roteiros Sexuais ou *Scripts* Sexuais, de Gagnon e Simon. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, por conter relação direta com as experiências e vivências de cada indivíduo, tendo como referencial teórico-metodológico a Narrativa de vida, de Daniel Bertaux, na perspectiva etnossociológica, desenvolvido com estudantes do curso de enfermagem, de uma Universidade Estadual Pública do Estado da Bahia, entre os meses de Abril e Agosto de 2025. A coleta de dados ocorreu com a utilização de um questionário sociodemográfico e com perguntas sobre a vivência das violências nas relações amorosas, considerando as mídias sociais. E, em seguida, a realização da entrevista em profundidade, com o auxílio de um *Smartphone Android*. Participaram da pesquisa 19 estudantes, com idades entre 18 e 27 anos. Os dados foram coletados após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa e assinatura do TCLE. A análise de dados ocorreu utilizando Bertaux, por meio das leituras flutuantes e profundas, identificação das recorrências temáticas, formação de agrupamentos de temas similares e análise entre eles, formação das subcategorias e, por fim, das categorias. A pesquisa apontou que as vivências dos jovens universitários de enfermagem em suas relações amorosas são marcadas pela masculinidade tóxica, sexismo, a perpetração do papel do homem nas relações e inferiorização do sexo feminino, evidenciados a partir de uma cultura patriarcal, machista e heteronormativa. Os achados refletem a prática perpetuada da violência de gênero que se estabelece em razão dos

cenários culturais, das influências sociais, culturais, religiosas e normativas. Ademais, apresentou a influência do estar conectado a todo instante, nas relações amorosas, e como a hiperconectividade tem, cada vez mais, influenciado a maneira como as relações amorosas tem se desenvolvido nos dias atuais, com relatos de situações de *Ghosting*, *gaslighting*, *catfishing*, *cyber dating abuse*, *sexting*, *stalking*, invasão de privacidade, gravação de vídeos, dentre outras situações de violência através das principais mídias sociais como: *WhatsApp* e *Instagram*, *TikTok*, ressaltando como os roteiros culturais, interpessoais e intrapsíquicos são gerados e o poder de influência dos aspectos sociais, culturais, religiosos e normativas nesses comportamentos. Dessa forma, o estudo evidenciou que as vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários do curso de enfermagem por mídias sociais são cercadas por papéis exercidos e influenciados pelos cenários culturais, roteiros interpessoais e intrapessoais, e da interação entre estes papéis, na vida desses estudantes. Ressalta-se, que por se tratar de um curso predominantemente feminino e por tal profissão ter sua visualização influenciado por questões sociais, faz-se urgente uma maior aproximação dos acadêmicos com a temática. Mediante o exposto, ressalta-se a necessidade de estudos, com outros públicos, sobre a temática; a formulação de ações, como papel que a universidade pode exercer em proporcionar contato dos estudantes com a temática, favorecendo futuras práticas profissionais conscientes e humanas.

Palavras-chave: Juventude; Roteiros sexuais; Violência no namoro; Violência de gênero; Enfermagem; Ensino superior; Mídias sociais; Redes Sociais.

REIS, Maryvânsley Nunes de Sá. **Experiences of violence in romantic relationships among young nursing students through social media.** Dissertation (Master's). Postgraduate Program in Nursing and Health, State University of Southwest Bahia. Jequié, Bahia, 2026.

ABSTRACT

The youth phase is marked by significant changes, including biological, physiological, cultural, and social ones. Considering the university environment in which they are immersed, young people acquire new habits, responsibilities, and decision-making skills, as well as propagate and/or redefine daily habits, which directly and indirectly reflect on their relationships, especially romantic relationships. This study aims to analyze the life narratives of young nursing students regarding violence in romantic relationships within the context of social media, and specifically: to describe the life narratives of young nursing students regarding violence in romantic relationships within the context of social media; and to discuss the sexual scripts of young nursing students in romantic relationships, considering social media. The theoretical framework adopted was the Sexual Scripts Theory by Gagnon and Simon. This is a descriptive, exploratory study with a qualitative approach, as it is directly related to the experiences and life stories of each individual. Its theoretical and methodological framework is based on Daniel Bertaux's Life Narrative, from an ethnosociological perspective. The study was conducted with nursing students from a public state university in Bahia, Brazil, between April and August 2025. Data collection involved a sociodemographic questionnaire and questions about experiences of violence in romantic relationships, considering social media. In-depth interviews were then conducted using an Android smartphone. Nineteen students, aged between 18 and 27 years, participated in the research. Data were collected after approval by the Research Ethics Committee and signing of the Informed Consent Form. Data analysis was conducted using Bertaux's method, through floating and in-depth readings, identification of recurring themes, formation of clusters of similar themes and analysis among them, formation of subcategories and, finally, categories. The research indicated that the experiences of young nursing students in their romantic relationships are marked by toxic masculinity, sexism, the perpetuation of the male role in relationships, and the inferiorization of the female sex, evidenced from a patriarchal, sexist, and heteronormative culture. The findings reflect the perpetuated practice of gender violence that is established due to cultural scenarios, social, cultural, religious, and normative influences. Furthermore, it presented the influence of being constantly connected on romantic

relationships, and how hyperconnectivity has increasingly influenced the way romantic relationships have developed in the present day, with reports of situations of ghosting, gaslighting, catfishing, cyber dating abuse, sexing, stalking, invasion of privacy, video recording, among other situations of violence through the main social media such as WhatsApp, Instagram, and TikTok, highlighting how cultural, interpersonal, and intrapsychic scripts are generated and the power of influence of social, cultural, religious, and normative aspects on these behaviors. Thus, the study showed that the experiences of violence in the romantic relationships of young university students in the nursing course through social media are surrounded by roles played and influenced by cultural scenarios, interpersonal and intrapersonal scripts, and the interaction between these roles in the lives of these students. It is important to highlight that, given that this is a predominantly female course and that the perception of this profession is influenced by social issues, a closer engagement of academics with this topic is urgently needed. Therefore, the need for studies with other audiences on this topic is emphasized; as is the formulation of actions, such as the role the university can play in providing students with contact with the subject, fostering future conscious and humane professional practices.

Keywords: Youth; Sexual scripts; Dating violence; Gender violence; Nursing; Higher education; Social media; Social networks.

LISTA DE SIGLAS

ADRA	Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde BVS
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
SciELO	Scientific Eletronic Library Online
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EERP-USP	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo
EJ	Estatuto da Juventude
GPVIO	Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz
IA	Inteligência Artificial
LILACS	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
LGBTQIA+	lésbicas, gays, transexuais, <i>queer</i> , intersexual e assexual
Medline	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PubMed	National Center for Biotechnology Information da National Library of Medicine
PNJ	Política Nacional das Juventudes
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
VPI	Violência por Parceiro Íntimo

LISTA DE QUADROS

APÊNDICE D: Quadro 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa por semestre de estudo **Erro! Indicador não definido.**

APÊNDICE E: Quadro 2 – Distribuição das categorias e subcategorias **Erro! Indicador não definido.**

APÊNDICE F: Quadro 3 – Distribuição das unidades temáticas extraídas das entrevistas **Erro! Indicador não definido.**

APÊNDICE F: Quadro 3 – Continuação: Distribuição das unidades temáticas extraídas das entrevistas **Erro! Indicador não definido.**

Apêndice G – Quadro 4: Distribuição dos temas agrupamentos - Síntese **Erro! Indicador não definido.**

Apêndice G – Quadro 4: Continuação: Distribuição dos temas agrupamentos – Síntese.. **Erro! Indicador não definido.**

Apêndice G – Quadro 4: Continuação: Distribuição dos temas agrupamentos – Síntese.. **Erro! Indicador não definido.**

Apêndice H – Quadro 5: Diário de campo **Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Fluxograma descritor dos estudos selecionados a partir da busca nas bases de dados. Jequié, BA, Brasil, 2025.....27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	25
2.1 Juventudes e Mídias Sociais	25
2.2 A formação em Enfermagem.....	27
2.3 A Abordagem da Temática das Violências nas Relações Amorosas	29
2.4 Vivências de Violências nas Relações Amorosas de Jovens Universitários de Enfermagem por meio das Mídias Sociais.....	32
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	38
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	41
4.1 Tipo de Pesquisa.....	41
4.2 Local da pesquisa.....	41
4.3 Participantes da Pesquisa.....	42
4.4 Instrumentos e Técnica para Coleta de Dados.....	43
4.5 Técnica para Análise de Dados	45
4.6 Aspectos Éticos da Pesquisa.....	46
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
5.1 Manuscrito 1	49
5.2 Manuscrito 2	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	109
APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	110
APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados	113
APÊNDICE C: Convite aos participantes	115
APÊNDICE D: Quadro 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa por semestre de estudo	116

APÊNDICE E: Quadro 2 – Distribuição das categorias e subcategorias	117
APÊNDICE F: Quadro 3 – Distribuição das unidades temáticas extraídas das entrevistas ..	118
APÊNDICE F: Quadro 3 – Continuação: Distribuição das unidades temáticas extraídas das entrevistas.....	119
Apêndice G – Quadro 4: Distribuição dos temas agrupamentos - Síntese	120
Apêndice G – Quadro 4: Continuação: Distribuição dos temas agrupamentos – Síntese	121
Apêndice G – Quadro 4: Continuação: Distribuição dos temas agrupamentos – Síntese	122
Apêndice H – Quadro 5: Diário de campo.....	123
Apêndice I– Historiograma.....	124
Apêndice J – Figura 1 - Fluxograma da construção da categoria analítica.....	129
ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP	131

1 INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas, a Organização Pan-Americana da Saúde, da Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) definem juventude como uma categoria sociológica que representa um momento de preparação dos jovens para assumirem o papel de adultos diante da sociedade e abrange o período entre os 15 e 24 anos de idade. A juventude é, portanto, uma categoria fluida e mutável, sendo sua definição flexível e variável conforme países e regiões (ONU, 2024; OPAS/OMS, 2019; UNESCO, 2024).

De acordo com o *World Youth Report*, do Programa das Nações Unidas para a Juventude, há cerca de 1,8 bilhão de pessoas entre 10 e 24 anos, a maior geração de jovens da história (Sustainable Development Goals, 2025).

No Brasil, a Política Nacional de Juventude (PNJ) e o Estatuto da Juventude (EJ) consideram jovem todo o sujeito, que cronologicamente pertence a faixa etária entre os 15 e 29 anos. Para a PNJ essa faixa etária divide-se em três grupos: jovens-adolescentes, de 15 a 17 anos; jovens-jovens, de 18 a 24 anos; e jovens-adultos, de 25 a 29 anos. Contudo, há também o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera jovem todo o indivíduo com idade entre 15 e 18 anos (Brasil, 2006, 2013, 1990).

O termo “Juventudes” expressa com fidedignidade a heterogeneidade e a grande diversidade de concepções, valores, estilos de vida e visões de futuro que caracterizam tal fase do desenvolvimento humano (Abramo, 1997; Sposito, 1997; Dayrell, 1999, 2003, 2005; Corrochano, 2012; Groppo, 2017; Guimarães; Groppo, 2022). As juventudes são essa diversidade concretizada a partir das condições sociais, culturais, étnicas, religiosas, de valores, gênero, das regiões geográficas, dentre outros aspectos (Borges; Vaz, 2013).

Por sua vez, as juventudes são marcadas pela predominância da dimensão psicossocial, assumindo presença afetiva (sendo responsável com algo ou por alguém) e efetiva no mundo (responsável perante algo ou alguém), fortalecendo as relações interpessoais em diversas esferas (Griffa; Moreno, 2011; Pintos, 2006). Os jovens também despertam para um projeto de vida, em especial, através de sua escolha profissional, ainda que surjam questionamentos ao longo do processo de formação. Além disso, apesar de independente, as juventudes têm necessidade de compartilhar, sendo sua principal angústia a solidão (Pintos, 2006).

Nesse sentido, conceituar e representar juventude é algo complexo. Isto, pois, necessita de uma compreensão abrangente e plural sobre como se dá a representatividade

deste grupo, de maneira a alcançar todas as dimensões que o pertencem, a saber: cronológica, sociológica e política. Ressalta-se que no presente estudo será considerada a classificação da PNJ.

A juventude é apontada como etapa do ciclo da vida em que ocorre os principais processos de socialização e amadurecimento das pessoas para a produção e reprodução da vida e da sociedade, sendo uma condição alcançada e/ou conservada pelas pessoas independentemente da idade, que são protagonistas e resistentes, e que promoverão a mudança social (Abramo, 2005; Kafrouni, 2009; Spaziari; Resende, 2010; Feixa; Leccardi, 2010; León, 2005; Trancoso; Oliveira, 2014).

Outrossim, a juventude é então uma condição social que se representa, ou seja, uma condição em que ocorrem diversas transformações no indivíduo, em uma determinada faixa etária, na qual se desenvolvem as alterações físicas, biológicas e psicológicas, em que estes sujeitos vivem em sociedades, em um determinado tempo, que lidam e representam esse momento (Borges; Vaz, 2013).

Ainda, ao adentrarem o espaço universitário, os jovens passam por uma série de transformações, com cobranças, responsabilidades, ajustes e integrações sociais com outras pessoas nesse mesmo contexto. E, o jovem conta muitas vezes apenas com seus próprios recursos psicológicos e o apoio das redes anteriores ao ingresso na universidade (Diniz; Almeida, 2006; Pascarella; Terenzini, 2005; Teixeira *et al.*, 2008).

As juventudes são consideradas como gerações digitais que fazem parte da vanguarda da adoção de novas tecnologias constituindo maior grupo demográfico de utilizadores e desenvolvedores que moldam as tendências digitais em nível mundial, o que os enquadra como a força motriz por trás da digitalização e da inovação. Além disso, é considerado também um grupo demográfico essencial, no que diz respeito ao aproveitamento do poder transformador das tecnologias para enfrentar os desafios globais (PAHO, 2024).

Sendo assim, no que se refere às mídias sociais, faz-se necessário compreender o significado que carrega sua terminologia. A palavra mídia denomina ferramenta de comunicação em que as informações são compartilhadas (Perassi; Meneghel, 2011).

As mídias sociais são tecnologias de informação que dão a possibilidade de o usuário expor conteúdo de forma pública e com isso até criar laço com outros usuários que tenham interesse em comum, propiciando, dessa forma, a disseminação e o compartilhamento de conhecimento (Clementi *et al.*, 2017).

É inquestionável como a tecnologia tornou-se essencial na vida cotidiana, permitindo a transformação da conexão entre as pessoas com a criação de novos espaços de socialização.

Por outro lado, o ambiente virtual passou a ser ferramenta de práticas de discriminação e violência, fornecendo oportunidades para perpetradores humilharem, deflagrarem e agredirem (Deans; Bhogal, 2017; Flach; Deslanches, 2017; Peskin *et al.*, 2017).

Destarte, os jovens já nasceram na geração da revolução das mídias sociais como *Facebook*, *WhatsApp*, *Snapchat*, *Skype*, *Instagram*, *Telegram*, dentre outros aplicativos, tornando esses espaços os seus meios de maior socialização, pois são ferramentas de comunicação mais facilitada, de aceitação de grupos de pares e de maior rede de contatos. Fazem parte de uma geração movida pelo número de *likes* em fotografias e publicações, pelo número de amigos ou seguidores nas redes sociais, maior compartilhamento de informações pessoais na sua página (IAS, s/d). Ou seja, são espaços em que os jovens tornam públicas suas intimidades com a autoexposição e podem se tornar mais vulneráveis, o que pode levá-los a vivenciarem a violência nas suas diversas formas.

Neste sentido, muitas investigações têm concentrado seu interesse no mau uso da tecnologia, através de fenômenos como *gaslighting* (abuso psicológico), *cyberstalking* (perseguição virtual), *porn revenge* (exposição de imagens íntimas sem consentimento), linchamento virtual e abuso digital nos relacionamentos amorosos (Cavalcanti; Coutinho, 2019).

O Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (ADRA), cuja terminologia internacional mais utilizada é *Cyber Dating Abuse*, diz respeito a ameaças, insultos, humilhações ou comportamentos de ciúme destinados a provocar angústia no parceiro e/ou isolamento. Além disso, inclui comportamentos como controle do parceiro (exigir conhecer as senhas do celular ou contas de e-mail), propagação de rumores, compartilhamento de fotos ou vídeos do parceiro sem sua permissão, pressão para que o parceiro envie fotos ou vídeos sexualmente explícitos ou pratique atos sexuais contra a sua vontade através da internet ou celular (Borrajo *et al.*, 2015; Flach; Deslanches, 2017; Van Ouytsel; Ponnet; Walrave, 2016).

Tais comportamentos abusivos neste contexto se constitui como um meio de propagação da violência de gênero. Isto, pois, a presença do excesso de poder e de controle, muito presente nos espaços digitais, provocam o sentimento de posse na objetificação do outro. Dessa maneira, essas relações abusivas surgem de maneira sutil, podendo ultrapassar os limites do saudável (Barreto, 2015).

Atrai-se a esta forma de exposição que o ambiente digital promove, uma potencialização dos comportamentos e práticas violentas durante as interações virtuais, como é o caso da *Slutshaming* considerado o mais novo fenômeno em que as mulheres são tratadas de maneira pejorativa por se comportarem, vestirem ou terem aparência física

diferente de um modelo “aceitável” (Roman, 2023), incentivando, assim, a prática da violência de gênero.

Estudos apontam que os autores desta forma de agressão são homens, jovens, heterossexuais e parecem professar uma ideologia machista e patriarcal (Martins; Fernandez; Nascimento, 2010). Ainda, apresentam a prática da violência física mais presente por considerarem uma maneira de descarga para agressividade, promovendo a coerção e amedrontamento de meninas jovens (Costa *et al.*, 2023).

A violência contra as mulheres trata-se de um grande problema de saúde pública e de violação dos direitos humanos das mulheres - cisgênero e transgênero (OPAS/OMS, 2024; STJ, 2023), sendo a violência por parceiro íntimo (VPI) a forma mais comum, com 38% dos assassinatos de mulheres sendo cometidos por um parceiro íntimo do sexo masculino, em nível global (OPAS/OMS, 2024).

Ademais, é também um fenômeno relacionado à desigualdade de gênero (Saffioti, 2015; Tassinari *et al.*, 2022), que se apresenta nas formas física, sexual, psicológica, patrimonial, econômica ou assédio moral e ocorre tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos (López, 2017; Tassinari *et al.*, 2022).

Esta violência que atinge meninas e mulheres apresenta sua raiz nos diferentes valores atribuídos culturalmente a mulheres e homens que determinam expectativas sobre seus comportamentos. Assim, a desigualdade de gênero gerada nas relações entre homens e mulheres, que dá origem às assimetrias e proporcionam relações amorosas violentas através de comportamentos que levam as mulheres à submissão (Bianchini; Bazzo; Chakian, 2022).

Nesse sentido, a violência de gênero recai predominantemente sobre as mulheres, haja vista a construção histórica dos corpos femininos e o fenômeno do patriarcado, com relações assimétricas e de poder entre homens e mulheres baseadas no gênero (Scott, 1995; Tassinari *et al.*, 2022).

Por sua vez, a OMS, estabelece que a violência provocada por parceiro íntimo se trata de “qualquer comportamento no âmbito de uma relação íntima que cause danos físicos, sexuais, psicológicos e comportamentos controladores, durante ou após o término de uma relação” (OMS, 2012, *s.p.*).

Assim, a Lei Maria da Penha tornou o Brasil um dos países mais avançados na legislação de proteção a mulheres ao consolidar conceitos sobre direitos e violência contra as mulheres. Ademais, tipifica as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras as violências física, psicológica, sexual e patrimonial (Brasil, 2006).

Desse modo, o interesse para a realização desta pesquisa se deu pela necessidade em compreender de que forma as mídias sociais influenciam a prática de violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem, tendo em vista que as juventudes têm vivenciado cada vez mais a era da tecnologia, com os maiores índices de conectividade e de utilização destas para o compartilhamento de informação, desenvolvimento de comportamentos e de relações, favorecendo, assim, a prática deste fenômeno e a incipiência de evidências científicas que versam sobre este assunto.

Atrai-se a esse interesse o fato de a pesquisadora deste estudo ser uma jovem universitária, enfermeira, que realiza pesquisas sobre violências nas relações amorosas de jovens universitários no Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz (GPVIO) cadastrado no Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela experiência em projeto de pesquisa sobre violência no namoro de jovens universitários durante a iniciação científica na graduação e, por ter ouvido relatos de colegas, amigos e outros jovens universitários sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais.

Dessa forma, este estudo tem como **questão de pesquisa** “Quais são as vivências de jovens universitários sobre as violências nos relacionamentos amorosos por meio de mídias sociais?”. Para responder a este questionamento, foram elaborados como objetivos **geral** analisar as narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais, e **específicos**: descrever as narrativas de vida dos jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais; e discutir as condutas sexuais de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas, considerando as mídias sociais.

O presente estudo é de grande relevância em nível mundial, de modo a dar maior visibilidade a temática, tanto para melhorar as relações amorosas íntimas entre os jovens, quanto para prevenir a violência conjugal. Além disso, há uma lacuna existente de publicações científicas que versam sobre as violências nas relações amorosas de jovens, principalmente de universitários, com ênfase nas mídias sociais como ferramenta de propagação e perpetração. Isto se deve também à incipiência das pesquisas sobre essa temática, assim como à inexistência de políticas públicas brasileiras relacionadas a esse fenômeno, voltadas para as juventudes.

Nesse sentido, os achados e conhecimentos produzidos poderão servir para uma maior compreensão do que são as violências nos relacionamentos amorosos de jovens universitários por meio das mídias sociais, para a formulação de ações que visem atender às demandas

apresentadas, de modo a reduzir suas implicações no futuro desses jovens. Ademais, poderão subsidiar para além da formulação de outros estudos tão pertinentes quanto este, visto que é um público com grande potencial de implicações tanto no presente, quanto no futuro, no que diz respeito à relacionamento amoroso e mídias sociais.

Ainda, em razão das implicações que a violência provoca para a saúde das pessoas, este estudo pretende contribuir na área do ensino e da assistência à saúde, a partir da elaboração das experiências relacionadas as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais. Tais experiências poderão possibilitar uma maior compreensão em relação as vivências de outros jovens, permitindo a formulação de estratégias educativas, considerando para além de suas próprias vivências, o fato de também em processo de formação de saúde/enfermagem e na qualidade de futuros profissionais de enfermagem.

O referencial teórico da Teoria dos Roteiros Sexuais ou “*Scripts Sexuais*”, de Gagnon e Simon (Gagnon, 2006), norteará a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa: as violências nas relações amorosas de jovens universitários do curso de enfermagem no âmbito das mídias sociais.

De maneira a melhor organizar este estudo, foram elaborados os seguintes pressupostos:

O jovem universitário encontra-se em uma fase de conflitos, mudanças e indecisões, os quais tendem a deixá-lo vulnerável à vivência de violências em suas relações amorosas, além de ser uma fase de descobertas, especialmente em relação aos comportamentos sexuais, sendo as mídias sociais um espaço altamente propício para o desenvolvimento desses comportamentos, em razão da sua facilidade, disponibilidade e interatividade. Além disso, por vezes, o jovem universitário encontra-se afastado de seu núcleo familiar, em um momento de sua vida de maiores dúvidas e transformações. Estes elementos tendem a deixar o jovem mais vulnerável ao desenvolvimento de distúrbios emocionais e sociais que irão refletir em suas relações amorosas.

As jovens universitárias do curso de enfermagem, profissão histórica e predominantemente feminina, em razão de sua característica e quantitativo de mulheres, tem na desigualdade de gênero, um indicador de maior vulnerabilidade. Sendo assim, essas jovens apresentam uma maior exposição social a esse fenômeno por questões ligadas a desigualdade de gênero, desigualdades nos papéis de gênero, entre homem e mulher, além da própria naturalização do patriarcado, machismo e sexismo, elaborados culturalmente e socialmente, reflete a permanência da mulher em situações de violências.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de conhecer o que existe na literatura sobre o objeto de estudo foi realizada uma revisão narrativa da literatura para os tópicos 2.1 Juventudes e mídias sociais, 2.2 A formação em enfermagem, e 2.3 A abordagem da temática da violência nas relações amorosas de jovens.

A partir das buscas, foram selecionados artigos científicos que versavam sobre a temática em estudo, incluindo dissertações e teses e, também materiais e manuais da Organização Mundial de Saúde (OMS), Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), Conselho Nacional da Juventude (CNJ) e outras entidades da área de saúde que abordavam sobre o objeto de pesquisa.

Por sua vez, para a composição do tópico 2.4 Vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários por meio das mídias sociais foi realizada revisão integrativa da literatura, detalhada no tópico correspondente.

2.1 Juventudes e Mídias Sociais

Na contemporaneidade, são mais de 1,8 bilhões de jovens entre 15 e 29 anos em todo o mundo, espalhados pelos cinco continentes. E, no que se trata do Brasil, há cerca de 50 milhões de pessoas nessa faixa etária, o que representa um quarto da população do país (Atlas da Juventude, 2021).

Em relação à caracterização da juventude brasileira, há uma vasta diversidade e potencialidade ímpares. À etnia, 10% se autodeclaram pretos, 51% pardos, 38% brancos, 0,5% amarelos e 0,4% indígenas, com uma distribuição equitativa entre jovens homens e mulheres, em que a faixa etária de 15 a 24 anos a maioria é masculina e entre 25 e 29 anos, a maioria é do sexo feminino, sendo que a maior parte dela vive em áreas urbanas, equivalendo a 7,8 milhões de jovens (Atlas da Juventude, 2021; IBGE, 2023).

Além disso, os jovens estão mais representados na região das periferias metropolitanas nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Ceará; e nas capitais dos estados de São Paulo, Paraná, Bahia, Pernambuco e Pará (Atlas da Juventude, 2021; IBGE, 2023); entre as macrorregiões do país, as regiões Norte e Nordeste contam com a maior proporção de jovens, respectivamente, 28% e 26% (IBGE, 2023; FGV, 2020).

Há estimativas de que o Brasil possua cerca de 6,6 milhões de jovens entre 15 e 29 anos com deficiência, o que representa aproximadamente 15% da população juvenil brasileira

(FGV social, 2020b; Atlas da Juventude, 2020); e, alguns estudos de grupos ligados ao movimento formado por lésbicas, gays, transexuais, *queer*, intersexual e assexual (LGBTQIA+) estimam que existam por volta de 20 milhões de gays (10% da população), 12 milhões de lésbicas (6%) e 1 milhão de pessoas trans (0,5%), entretanto, poucos são os dados existentes da juventude pertencente à comunidade LGBTQIA+ (Michels, 2018; Atlas da Juventude, 2020).

No que tange aos jovens no ensino superior, o estudo “Evidências para a transformação das juventudes”, do Atlas das Juventudes, aponta que os jovens negros e pardos representam 50,3% dos estudantes da rede pública de ensino superior e 46,6% da rede privada; estudos apontam também que 22,1% dos jovens de 15 a 29 anos não exercem atividade de trabalho ou estudo e necessitam apoio para superar dificuldades em participar de cursos de qualificação (Atlas da Juventude, 2021).

De acordo com o “Mapa do Ensino Superior no Brasil”, realizado pelo Instituto do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior (SEMESP), o Brasil possui apenas 17,4 das pessoas com faixa etária de 25 anos ou mais concluíram um curso e 18,1% dos jovens de 18 a 24 anos estão matriculados no ensino superior, sendo a taxa de escolarização bruta um pouco maior que 35,9% (IBGE, 2019). No que se refere às matrículas do ensino superior nacional, 75,8% das matrículas são em instituições de ensino superior (IES) da rede privada. Quanto à região, a Sudeste concentra a maior taxa de matrículas do país, com 43,8% (SEMESP, 2021).

Em relação à região Nordeste, a qual comporta a Bahia e, por conseguinte, a região sudoeste, que são de interesse deste estudo, o índice de matrículas é de apenas 21,7%. A Bahia possui uma das menores taxas de escolarização líquida para jovens de 18 a 24 anos matriculados no ensino superior, sendo de 13,6%. Do número de estudantes, 46,4% têm até 24 anos. Quanto às matrículas na rede pública, são cerca de 106, 209 mil (SEMESP, 2021).

No que diz respeito à acessibilidade à internet, 93,7% dos jovens entre 14 e 19 anos, 95,9% entre 20 e 24 anos, e 96,3% entre 25 e 29 anos, tiveram acesso. Além disso, 91,9% dos estudantes utilizaram a internet, enquanto os não estudantes correspondem a 87,1%. Quanto à caracterização da rede de ensino, a rede privada corresponde a 97,6% dos estudantes e a pública a 89,1% (IBGE, 2023).

Os dados supracitados confirmam que cada vez mais os jovens de hoje, desfrutam de um acesso sem precedentes à informação, à educação e à tecnologia. Contudo, em se tratando tecnologias digitais, especialmente das mídias sociais, há, sem dúvida, uma acentuada repercussão desta na vida das juventudes, tanto para o benefício quanto para o malefício.

A juventude, de modo geral, tem se conectado cada vez mais intensamente às tecnologias digitais e ampliado suas possibilidades, explorando as ferramentas disponíveis no ciberespaço com imenso alcance. As redes sociais digitais têm oferecido inúmeros recursos para a discussão das questões de gênero, para a contestação de injustiças, para a denúncia das inaceitáveis violações e para a construção de um mundo melhor (Sales; Silva, 2021).

As tecnologias, atualmente, são elementos indispensáveis na vida humana, impulsionando uma sociedade cada vez mais informatizada e sobrecarregada de estímulos e de exigências tecnológicas. Desde o nascimento, os seres humanos são expostos a essas conexões, que moldam suas experiências e interações (Sousa; Silva, 2024).

Embora sejam fluentes em todo o mundo digital, os jovens, os quais estão mais conectados do que ninguém, experimentam atualmente níveis de solidão maiores do que nunca. Isso então os leva a se voltarem para o mundo *online* em busca de conexão. Contudo, essa atitude, em última análise, amplia seus sentimentos subjetivos de solidão e desconexão do mundo real (Instituto BH Futuro, 2021).

2.2 A formação em Enfermagem

Historicamente, a enfermagem, desde sua criação, sempre teve sua prática realizada pelo público feminino. Isto se deve tanto ao fato de as mulheres terem habilidades consideradas como dons do cuidado, além das designações de funções como a pessoa responsável pelo lar, pelo cuidado com a casa, com os filhos e o marido; ainda, a submissão que se tinha na época, contribuiu para o estabelecimento da mulher neste mercado de trabalho.

Na primeira metade do século XX, estudar e se inserir no mercado de trabalho não era um ideal de vida do público feminino brasileiro, com exceção das professoras primárias, formadas em Escola Normal. Se ao homem cabia a esfera pública, o trabalho fora de casa e o sustento da família, à mulher recaía a responsabilidade pelo bom funcionamento do lar e educação dos filhos. Em contrapartida, nas classes mais baixas, muitas moças não tinham outra opção a não ser contribuir com o sustento da família, quando não, eram a única fonte de renda (Padilha; Vaggetti; Brodersen, 2006).

A expansão do ensino superior de Enfermagem esteve diretamente associada ao aumento do número de hospitais e, tal como no modelo inglês e norte-americano, a Enfermagem brasileira institucionalizou-se primeiramente subordinada à prática médica. Assim, a criação de escolas de enfermagem foi uma iniciativa para a melhoria da qualidade

assistencial dos serviços de saúde, mantendo a dependência desse grupo à classe médica, o que a colocava ainda distante de uma profissionalização no país (Galleguillos; Oliveira, 2001).

Na década de 1930, a Universidade do Rio de Janeiro foi reestruturada passando a chamar-se Universidade do Brasil (UB), a qual a Escola Anna Nery (EAN) passou a integrar primeiro, em 1937, como unidade complementar, o que teve um efeito notável para a valorização do curso e para a mudança no papel que a enfermeira exercia na sociedade, diante do diploma universitário como autorização para o exercício profissional (Aperibense *et al.*, 2019; Santos; Barreira, 2008).

Nesse sentido, a enfermagem é uma área de atuação historicamente construída e desempenhada por mulheres. Desde suas precursoras, como *Florence Nightingale* na Europa e Anna Nery no Brasil, até as profissionais de hoje, que constituem 85% da força de trabalho da área no país, segundo pesquisas do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) (PUCPR, 2021).

Assim, a enfermagem, como ciência e prática social que privilegia o cuidado, constitui-se historicamente como profissão com potência para liderar processos de enfrentamento das iniquidades em saúde em contexto mundial de guerras, conflitos sociais, violências e intolerâncias étnicas, de gênero, religiosas, políticas e de orientação sexual, além de crises na saúde pública e nos sistemas de saúde, com epidemias e pandemias (Nogueira *et al.*, 2020).

Em 2020, a enfermagem ganhou destaque e foi intensificada pela campanha *Nursing Now*, promovida pela OMS e apoiada no Brasil pelo COFEN e Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), que destaca que o corpo científico e a prática social da Enfermagem são estratégicos na qualificação e valorização da profissão globalmente (Nogueira *et al.*, 2020).

Portanto, é a noção de cuidado (de saúde à família), à ação concebida como feminina e produto das "qualidades naturais" das mulheres, que fornece atributos e coerência ao seu exercício no espaço formal das relações de trabalho na saúde. Esse último, historicamente, limitado pelas possibilidades sociais das mulheres, pelas perseguições religiosas e pelas corporações médicas. Nessa perspectiva, os valores simbólicos e vocacionais, introduzidos no recrutamento de trabalhadoras, apelam para a entrada seletiva das mulheres nesse espaço profissional apropriado cultural e socialmente ao seu sexo (Lopes, 1996).

Na compreensão desse processo é necessário considerar a influência de *Florence Nightingale* ao institucionalizar, na Inglaterra Vitoriana (1862), uma profissão para as

mulheres, para a qual elas são "naturalmente preparadas", a partir de valores que se consideravam femininos. Ao longo do processo de profissionalização, esses valores e atributos serão diferentemente explorados no trabalho institucionalizado (Lopes; Leal, 2005).

Nesse sentido, tendo em vista o sexismo presente em diversos contextos, vê-se que na enfermagem não é diferente. Inicialmente, observa-se a atribuição do cuidado à mulher, vista com um caráter maternal, dócil e obediente, características que iam de encontro às suas atividades no contexto familiar e na comunidade (Muroya; Auad; Bretas, 2011; Rodrigo; Faustino, 2024). Além disso, a religiosidade também é bastante influente na história da enfermagem, ou seja, a imagem social da enfermeira construiu-se a partir da mesma visão aplicada às mulheres de uma forma geral (Donoso, 2000; Rodrigo; Faustino, 2024).

2.3 A Abordagem da Temática das Violências nas Relações Amorosas

A violência é um problema de saúde pública e pode ser definida como: toda ação atitude que leve a prejuízos, sejam eles físicos, sociais, psicológicos e/ou espirituais, de cunho intencional ou não, realizada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações, direcionada a outrem (Minayo; Souza, 1998; Coelho; Silva; Lindner, 2014). É vista como um fenômeno de controle contínuo, em que as relações sociais são criadas através da coerção, no meio real ou virtual, que impeça a legitimação do outro, pessoa, gênero, classe ou raça, em que se utiliza da força e/ou coerção e provoque algum dano (Santos, 1996).

A resolução WHA 49.25 (WHA, 1996), da *World Health Assembly*, declara e reitera a violência como um dos principais problemas de saúde pública e aponta, no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, proposto pela OMS (Krug *et al.*, 2002), como definição de violência:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug *et al.*, 2002, p.27).

As tipologias da violência estabelecidas pela OMS dividem-se em três grandes categorias, sendo elas: i) violência dirigida a si mesmo (autoinfligida), subdividida em comportamentos suicidas (suicídio, ideação suicida e tentativas de suicídio), e os autoabusos (agressões a si próprio e as automutilações); ii) violência interpessoal, subdividida em violência comunitária e violência familiar, que inclui a violência infligida pelo parceiro íntimo, o abuso infantil e abuso contra os idosos. Na violência comunitária incluem-se a

violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro e o ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais, como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos; e iii) violência coletiva, que inclui os atos violentos que acontecem nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos e caracterizam a dominação de grupos e do Estado (os crimes cometidos por grupos organizados, os atos terroristas, os crimes de multidões, as guerras e os processos de aniquilamento de determinados povos e nações) (Krug *et al.*, 2002).

Por sua vez, as violências atingem as mulheres e os homens de maneira diferentes. Enquanto as violências contra as mulheres se dão em âmbito privado, as dos homens se dão na rua (Brasil, 2023). Nesse sentido, tratando-se da violência interpessoal, especificamente a violência contra mulheres, as Nações Unidas a definem como:

Qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada (OMS, 2024, *s.p.*).

Estimativas da OMS indicam que aproximadamente uma em cada três mulheres nas américas sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro íntimo ou violência sexual por não parceiro íntimo. Os dados também evidenciam que a VPI é a forma mais comum de violência contra a mulher, em que, em nível global, até 38% dos assassinatos de mulheres são cometidos por um parceiro íntimo do sexo masculino (OMS, 2024).

No Brasil, a Lei 11.340/2006 (Brasil, 2006), conhecida como Lei Maria da Penha, prevê cinco formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, sendo elas e suas manifestações:

- a) Violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher, como, por exemplo, espancamentos; atirar objetos, sacudir e apertar os braços; estrangulamento ou sufocamento; lesões com objetos cortantes ou perfurantes; ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo; tortura.
- b) Violência psicológica, considerada qualquer conduta que cause danos emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões. Exemplo: ameaças; constrangimento; humilhação; manipulação; isolamento; vigilância; perseguição; insulto; chantagem; violação de sua intimidade; ridicularização; exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo a saúde psicológica e a autodeterminação.
- c) Violência sexual, trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação

ou uso da força. Exemplo: estupro; impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar; forçar matrimônio, gravidez ou prostituição por meio de coação, chantagem, suborno ou manipulação, dentre outros.

- d) Violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades. Exemplo: controlar o dinheiro; deixar de pagar pensão alimentícia; estelionato; destruição de documentos pessoais, dentre outros.
- e) Violência moral, considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. Exemplo: acusar a mulher de traição; expor a vida íntima; fazer críticas mentirosas, dentre outras.

Destarte, a Lei 13.772, altera a Lei Maria da Penha e o Decreto-Lei nº 2.848, de 1940, e passa a “reconhecer que a violência da intimidade da mulher configura violência doméstica e familiar”, passando, assim, a “criminalizar o registro não autorizado de conteúdo com cena de nudez ou ato sexual ou libidinoso de caráter íntimo e privado” (Brasil, 2018, *s.p.*).

Há ainda a prática dessas formas de violência através da internet, também conhecida como violência cibernética, que se refere a qualquer forma de violência ou abuso que ocorre no ambiente digital, podendo ser através das redes sociais, fóruns, aplicativos de mensagens privadas e outros espaços (SSIC/GSI/PR, 2024).

A violência cibernética comumente tem as mulheres em situação de violência, sendo um crime praticado por ex-companheiros ou companheiros motivados pela vingança e ciúmes, ou cibercriminosos que buscam obter algum benefício financeiro. Dentre as diversas formas de violência cibernética contra mulheres, vale ressaltar (SSIC/GSI/PR, 2024):

- i) Assédio *on-line*, caracterizado por condutas abusivas através de palavras, textos e comportamentos que causam danos a integridade física ou psíquica de alguém. Alguns exemplos são a prática de *body shaming* (ato de criticar ou ridicularizar alguém com base em seu peso, forma ou aparência física); envio de mensagens de conotação sexual sem consentimento da pessoa que as recebe e; compartilhamento de informações não autorizadas por terceiros.
- ii) *Cyberstalking*, caracterizada pela perseguição e assédio constante de alguém na internet. A lei 14.132/2021 já prevê crime de perseguição (*stalking*) reiterando o crime por meio presencial ou *on-line*. Alguns exemplos são: criação de perfis falsos para

envio de mensagens e monitoramento da mulher em situação de violência; instalação de *spyware* no celular da mulher em situação de violência, de modo a rastrear a sua localização e; o *stalker* pode instalar *softwares* espiões para monitorar as atividades da mulher em situação de violência.

iii) Sextorsão, trata-se de um crime que envolve extorsão de uma pessoa com a ameaça de exposição de fotos ou vídeos sexuais na *internet*.

No Brasil, a Lei 12.737/2012, mais conhecida como Lei Carolina Dieckmann, torna crime a invasão de aparelhos eletrônicos para obtenção de dados particulares. Alguns exemplos são: chantagem após conversa de cunho sexual com mútua exposição e cobrança de valores sob ameaça de publicação do conteúdo; invasão de dispositivos e contas de redes sociais para roubar conteúdos íntimos, dentre outros (Brasil, 2012).

Outro marco é a Lei 15.123/2025, que tipifica crime de violência psicológica contra a mulher quando praticado com o uso de inteligência artificial (IA) ou de qualquer outra tecnologia que altere imagem ou voz da mulher em situação de violência, e terá a pena agravada (Brasil, 2025). Sendo assim, passa a considerar toda prática de violência realizada por meios tecnológicos.

Portanto, nota-se com essas informações, que as violências que são praticadas, de maneira geral, possuem as mulheres como mulheres em situação de violência e podem ser empregadas de quaisquer formas e maneiras, utilizando-se de qualquer ferramenta capaz de tal atribuição.

2.4 Vivências de Violências nas Relações Amorosas de Jovens Universitários de Enfermagem por meio das Mídias Sociais

Para a realização da revisão integrativa da literatura desse tópico, elaborou-se a questão norteadora: Quais as vivências dos jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas em mídias sociais? Utilizou-se a estratégia PICO, sendo o participante (P) os jovens universitários de enfermagem, o interesse (I) as vivências sobre violências e o contexto (Co) mídias sociais (LOCKWOOD *et al.*, 2020).

O levantamento bibliográfico foi realizado entre Dezembro de 2023 e Dezembro de 2025, no Portal da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), portal de periódicos *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), na base de dados *Medical Literature Analysis and*

Retrieval System Online (MEDLINE), através do portal do *National Center for Biotechnology Information da National Library of Medicine (PubMed)*, e Google Acadêmico.

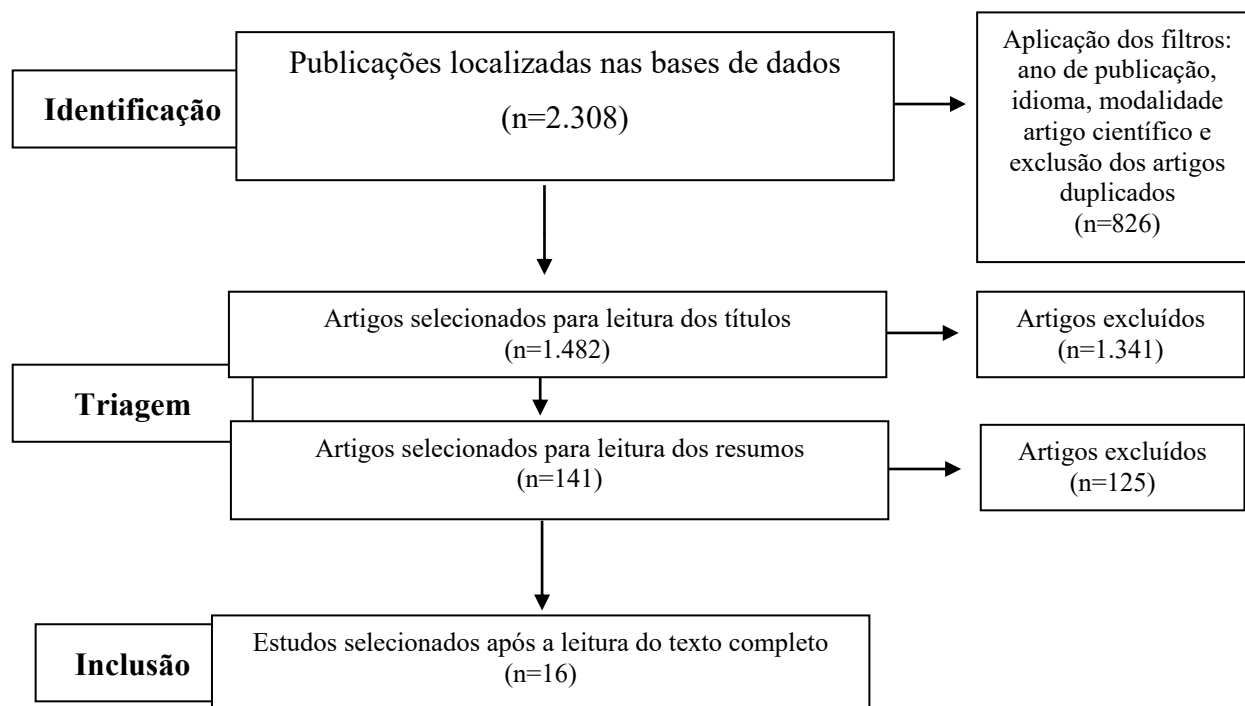
Foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Jovens; Ensino Superior; Enfermagem; Violência por parceiro íntimo; Violência no namoro; Mídias Sociais; Violência nas relações afetivas-intimas; Enfermagem; Redes Sociais; Jovens universitários; interconectados pelo operador booleano *AND* e *OR*, gerando os seguintes comandos de pesquisa: [Jovens AND Ensino Superior AND Enfermagem AND Violência por parceiro íntimo OR Violência no namoro AND Mídias sociais]; [Jovens universitários AND violência nas relações afetivas intimas AND enfermagem AND redes sociais]; [Jovens AND Ensino Superior AND Enfermagem AND Violência por parceiro íntimo OR Violência no namoro AND Mídias sociais]; [Youth AND Higher Education AND Nursing AND Intimate Partner Violence OR Dating Violence AND Social Media]; [young university students AND violence in intimate relationships AND nursing AND social networks] e; [Social media AND intimate partner violence AND youth]; nos idiomas português e inglês, de acordo com a base de dados utilizada.

Os critérios de inclusão utilizados foram artigos completos gratuitos, nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados entre 2015 e 2025, com assunto principal: mídias sociais, internet, violência por parceiro íntimo, violência de gênero, violência contra mulher, comportamento do adolescente, vítimas de crime, telefone celular, envio de mensagens de texto, minorias sexuais e de gênero, delitos sexuais, parceiros sexuais. Como critério de exclusão, foram utilizados: artigos duplicados, sejam na mesma ou em outras bases de dados; teses; dissertações e estudos que não atendessem ao objetivo desta pesquisa.

Foram encontrados 2.308 estudos, sendo 13 na BVS, 1.900 no Google Acadêmico, 395 na PubMed; 0 no SciELO. Depois de aplicados os filtros de inclusão e exclusão, restaram 9 na BVS, 71 no Google Acadêmico e 53 na PubMed. Foram lidos títulos, resumos e estudos completos, restando apenas 16, os quais comporão o escopo desta revisão.

Destaca-se, como limitação desta revisão, a lacuna de evidências que envolvem jovens universitários, e a incipiência relativa aos jovens universitários de enfermagem.

Figura 1. Fluxograma descritor dos estudos selecionados a partir da busca nas bases de dados. Jequié, BA, Brasil, 2025.



Dados da pesquisa, 2025.

O ambiente virtual passou a ser ferramenta-chave para a realização de práticas de discriminação e violência nos relacionamentos amorosos de jovens (Deans; Bhogal, 2017; Flach; Deslanches, 2017; Peskin *et al.*, 2017). A falsa liberdade proporcionada por esses espaços virtuais, seja em virtude de os usuários acreditarem que não estão sendo supervisionados e que podem nunca ser descobertos, ou pela razão da privacidade estabelecida nos termos de cada plataforma digital, incentivam a maior susceptibilidade da realização de tal prática.

Mesmo sendo um fenômeno ainda emergente, as práticas abusivas digitais já são reconhecidas como uma nova expressão da VPI, que envolve desde práticas de disseminação de fotos, vídeos, mensagens íntimas sem o consentimento prévio, com intuito de humilhar, difamar a pessoa, bem como inclui as formas de controle das postagens e comunicações feitas, com perseguições e ciúmes (Flack; Deslanches, 2017; Martins; Rodrigues; Sohngen, 2020; Lisbino, 2022; Bhogal *et al.*, 2025).

O abuso digital nas relações amorosas de jovens, como uma VPI, caracteriza-se da mesma maneira que a violência no namoro, pois pode provocar violência psicológica, levando ao isolamento, depressão, ansiedade, uso de drogas, baixo rendimento escolar e até a tentativa

ou efetivação de suicídio (Ball *et al.*, 2015) e está intimamente relacionado ao uso crescente da tecnologia entre os parceiros (Cavalcanti; Coutinho, 2019).

Um estudo espanhol apontou que os jovens espanhóis têm uma visão ampla das atitudes e comportamentos que compõem a violência de gênero no namoro em um relacionamento afetivo; que a educação recebida em casa é de vital importância para os jovens, mas nem todos a recebem; e redes sociais são ferramentas frequentes através das quais muitos jovens perpetuam a violência controladora contra o parceiro e normalizam aspectos e situações de violência de gênero, tornando necessário destacá-las nos programas de prevenção (García-Ruiz *et al.*, 2024).

Um estudo brasileiro realizado com homens universitários frisa que os participantes possuem uma compreensão sobre a violência doméstica, reconhecem as formas físicas e psicológicas e destacam a presença do ciúme na maioria dos relacionamentos íntimos (Souza *et al.*, 2025). Assim, apesar de terem acesso à informação e conhecimento crítico sobre a temática, jovens universitários vivenciam violência em suas intimidades, entre agressores e pessoas em situações violentas (Reis *et al.*, 2025; Oliveira *et al.*, 2025).

Há evidências quanto ao aumento da misoginia no *Twitter*, através de *tweets* agressivos e de ódio dirigido às mulheres, em relação ao comportamento sexual idealizado e objetificação da mesma; a exposição desautorizada de materiais íntimos por meio do *Facebook*, ressaltando o poder e a sexualização sobre o corpo feminino; agressão sexual relacionado ao abuso em encontros cibernéticos, através da agressão, controle, assédio e humilhação da mulher; a intrusão eletrônica como potencializador da demonstração de ciúmes; o aumento da autoprodução e consumo de conteúdos sexuais por meio das mídias sociais de jovens e adolescentes; a reprodução do amor romântico dos casais de mídia em relacionamentos cujos cotidianos reais se dão com violência, sendo a violência sexual facilitada pelas mídias tecnológicas (Reed; Tolman Monique, 2017; Matassoli; Deslandes, 2017; Stonard *et al.*, 2017; Wolak *et al.*, 2018; Henry; Powell, 2018; Carlyle *et al.*, 2019; Kulkarni *et al.*, 2019; Matasooli, 2019; Prado, 2020; Paz; Silva, 2021; Fornari *et al.*, 2021; Dehingia *et al.*, 2023; Muñoz-Zapata, 2024).

Tal constatação evidencia que as redes sociais têm sido utilizadas pelos jovens como ferramenta de perpetração de violências, normalizando questões e situações patriarcais, machistas e sexistas, enfatizando, cada vez mais, a prática da violência de gênero.

Contudo, apesar da proliferação de plataformas sociais online tenha se tornado uma parte significativa das interações e abuso em relacionamentos virtuais entre parceiros íntimos (Afrouz; Vassos, 2024), tal tecnologia não restringe a ela as práticas violentas nas relações

amorosas presenciais de jovens, pelo contrário, potencializam. Sendo assim, a intrusão eletrônica está associada à perpetração de violência presencial em relacionamentos amorosos de jovens (Doucette *et al.*, 2018; Santos *et al.*, 2025).

Quanto às repercussões, o relacionamento afetivo-íntimo violento pode resultar em depressão, pânico, desqualificação da autoimagem, alteração abrupta do peso, ansiedade, abuso de álcool e drogas, comportamentos antissociais e ideação suicida, além de desfechos de curto e longo prazos (Hellevik; Overlin, 2016; Reed; Tolman; Ward, 2016; Rogers *et al.*, 2019; Braga *et al.*, 2024; Oliveira *et al.*, 2025) sendo maiores quando incentivados por práticas virtuais.

Ainda, estudos apontam relatos mistos de mulheres em situação de violência baseada em gênero em relação ao abuso em relacionamentos virtuais; no entanto, as meninas foram mais propensas a enfrentar as repercussões graves e negativas em comparação aos meninos. Ou seja, normas sociais baseadas em gênero e fatores comportamentais e sociais associados podem aumentar o risco de abuso em relacionamentos virtuais entre mulheres jovens (Charlene; Silva, 2020; Rojan Afrouz; Vassos, 2024; Zena-Nanez *et al.*, 2025).

Ademais, a violência na intimidade de jovens é a expressão da violência de gênero, onde a gravidade da violência tende a aumentar com o passar do tempo na relação. Jovens em situação de violência na intimidade quase nunca procuram ajuda profissional para lidar com essa questão e não saem do relacionamento e quando conseguem sair, acabam por se envolver com relacionamentos abusivos crônicos (Souza; Silva; Honorato, 2020), a exemplo da prática de “*stealthing*”, sendo que ter sofrido *stealthing* está associado ao sexo feminino e se identificar como mulher (Costa *et al.*, 2022).

É importante ressaltar que, muitas vezes, tal vivência pode ser ou não moldada por crenças românticas advindas da observação de relacionamentos amorosos de outras pessoas e pela mídia, a partir de narrativas envolvendo o amor romântico e o à primeira vista, amor competitivo e o fusional, amor lúcido e o triunfante, amor contínuo e o amor eterno (Couture *et al.*, 2023). Além do mais, no que tange aos comportamentos e atitudes perceptíveis, uma relação abusiva advém de comportamentos silenciosos e superprotetores que na sociedade acabam sendo romantizados e estereotipados para as relações tidas como “felizes e saudáveis” (Charlene; Silva, 2020). Tais crenças românticas tornam-se dominantes e colocam os jovens em risco de sofrerem violência em suas relações amorosas.

Outrossim, para além das crenças, os mitos e a persistência de tabus na sociedade têm se mostrado cruciais para a aceitação da ocorrência de violências nos relacionamentos íntimos de jovens, em que se tem a legitimação do amor através do ciúme, controle e dominação das

redes sociais e a não aceitação de determinadas condições como forma de traição (Campeiz, *et al.*, 2020).

Ainda, urge o movimento *red pill*, fenômeno digital que tem ganhado ainda mais notoriedade no Brasil, apresentando-se como uma roupagem moderna do machismo, representando nova dimensão da violência de gênero, ao disseminar discursos misóginos legitimando a dominação masculina e desqualificando as reivindicações do feminino (Kraisch et al, 2025).

Esta ideologia se constitui um obstáculo bastante significativo aos esforços de enfrentamento da violência de gênero, ao defender a manutenção dos privilégios masculinos. Sendo assim, o que pode começar como conversas sobre inseguranças masculinas, pode contribuir para a formulação de discursos de ódio e misoginia, transformando a mulher em uma pessoa inimiga. A normalização dessas narrativas está diretamente associada ao aumento de práticas abusivas e à legitimação da dominação masculina (Kraisch et al, 2025; Boas; Silveira, 2024; Dawson et al, 2023; Marwick; Caplan, 2018).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Teoria dos Roteiros Sexuais ou *Scripts sexuais*

O presente estudo tem como base um referencial teórico que contemple de forma ampla a expressão das condutas e comportamentos sexuais de jovens universitários às violências nas relações amorosas por meio das mídias sociais, assim como possibilite uma melhor compreensão sobre como esses jovens se expõem a determinados agravos à saúde, como é o caso das violências.

A teoria dos roteiros sexuais, ou “scripts sexuais”, foi desenvolvida pelos sociólogos John H. Gagnon em parceria com William Simon, em 1973. Esta teoria propõe que a sexualidade é uma construção social e cultural, influenciada por normas, valores e expectativas, e não apenas uma resposta biológica ou instintiva, o que substitui teorias biologicistas ou psicanalíticas sobre o comportamento sexual ser determinado por impulsos biológicos ou ambientais (Gagnon; Simon, 1973).

Os roteiros são metáforas que conceituam a elaboração de comportamentos na vida social. São compreendidos também como esquemas cognitivos organizados que possibilitam uma pessoa identificar determinada situação e agir diante dela, além de “permitir que dois ou mais atores participem de um ato complexo, que envolva a dependência mútua” (Gagnon; Simon, 1973, p. 18).

Assim, os *scripts sexuais* são esquemas comportamentais que visam orientar como os sujeitos devem se sentir, pensar e sentir em relação às questões sexuais. São como manuais de comportamento esperado, moldando e, de certa forma, determinando como as pessoas interpretam e vivenciam suas experiências sexuais.

Os roteiros sexuais funcionam como guias que dão significados às palavras, situações, sensações e estados corporais na produção de uma nova situação da mesma natureza (Simões, 2019). Eles determinam as questões ligadas a sexualidade como variável e flexível. Essa variabilidade diz respeito às situações vivenciadas e aos significados simbólicos que podem ser diferentes e subjetivas, e a flexibilidade à capacidade refere-se a *feedbacks* criativos, além da adaptação a uma nova circunstância (Gagnon, 2006).

Os esquemas cognitivos possuem elementos simbólicos e não verbais, de modo a planejar condutas em sequências que permitam às pessoas refletirem sobre comportamentos futuros e avaliar os atuais. Esses roteiros identificam os atores, suas características e os motivos por trás de seus comportamentos, além de estabelecer atividades verbais e não

verbais necessárias para uma transição bem-sucedida para novas ações (Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1973).

Os roteiros sexuais operam em níveis individual, interativo e cultural, refletindo a complexidade da socialização de cada pessoa. Eles são importantes em contextos onde a sexualidade influencia a construção do papel social. A sexualidade é fundamental na vida social, e as relações íntimas com familiares, amigos e parceiros contribuem para a formação de vínculos interpessoais e a legitimação de comportamentos socialmente aceitos (Gagnon, 2006).

Para entender as condutas sexuais padrão, é crucial analisar os contextos em que elas são formadas, além das diretrizes culturais promovidas por instituições sociais como família, escola, igreja e universidade. Essas instituições desempenham um papel fundamental na prática cotidiana e na formação das normas relacionadas à sexualidade (Gagnon, 2006).

Nesse sentido, as expectativas dos atores sobre o comportamento de seus parceiros influenciam como eles interagem, promovendo uma reflexão sobre si mesmos e suas ações. Na perspectiva da roteirização, esses atores estão inseridos em estruturas sociais e culturais, que permitem a ativação de roteiros baseados nas interpretações de normas sociais, fantasias e mitos culturais (Gagnon, 2006).

Assim, cinco grandes concepções fundamentam o conceito de roteirização sexual:

1. A sexualidade é moldada pela história e cultura, variando globalmente e ao longo do tempo;
2. O significado das condutas corporais depende das relações sociais e atributos individuais, não sendo fixo;
3. O estudo da sexualidade é influenciado pela cultura e pelo contexto histórico, refletindo interesses sociais do momento;
4. A sexualidade é aprendida, mantida e desaprendida, organizando-se conforme a estrutura social e cultural, que pode ser homogênea ou heterogênea;
5. A sexualidade e o gênero são socialmente aprendidos, resultando em comportamentos distintos entre homens e mulheres, refletindo as normas de gênero em diferentes culturas (Gagnon, 2006).

Ademais, os roteiros sexuais se dividem em três níveis distintos que interagem dinamicamente e incluem dimensões históricas, culturais e individuais: I - Cenários culturais: referem-se ao contexto mais amplo, onde normas e valores culturais influenciam a sexualidade; II - Roteiros interpessoais: envolvem as interações entre indivíduos, moldando comportamentos e expectativas nas relações; III - Roteiros intrapsíquicos: relacionam-se aos processos internos e reflexões pessoais sobre a sexualidade (Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1973).

Os roteiros interpessoais operam no nível da interação social, conectando o comportamento cultural abstrato ao comportamento real. Eles estabelecem padrões contínuos de comportamento social, orientando os indivíduos a agir conforme as expectativas dos outros. A forma como uma pessoa se comporta é influenciada pela sua autoimagem e pela percepção que tem do outro. Esses roteiros refletem a resposta do indivíduo ao ambiente externo, baseando-se fortemente em cenários culturais e elementos simbólicos. Entre suas funções, os roteiros interpessoais ajudam a organizar a autorrepresentação e a percepção dos outros sobre a sexualidade do indivíduo, reduzindo incertezas e aumentando a legitimidade de suas condutas sexuais, tanto para si quanto para os outros (Bozon, 2004; Gagnon, 2006; Simon; Gagnon, 1984, 1979).

Os roteiros intrapsíquicos envolvem os diálogos internos do indivíduo, combinando suas expectativas sociais e culturais sobre comportamento. Eles refletem o conteúdo da vida mental, influenciados por cenários culturais e interações sociais, organizando desejos e imagens que sustentam o desejo sexual. Esses roteiros ajudam a coordenar a vida mental e o comportamento social, orientando a conduta sexual no presente e na compreensão do passado (Gagnon, 2006; Simon; Gagnon, 1979).

As condutas sexuais variam em significado social e individual, dependendo dos atributos e relações de cada pessoa. Em muitas sociedades, as condutas sexuais e de gênero estão interligadas, especialmente em situações de violência de gênero, onde normas sociais muitas vezes responsabilizam as mulheres pela provocação da agressão masculina. A violência de gênero é vista como um ato social roteirizado, refletindo diferenças nas relações de papéis sociais. Sendo assim, as agressões e coerções sexuais podem surgir em relacionamentos íntimos, especialmente à medida que se tornam mais envolvidos (Gagnon, 2006; Simon; Gagnon, 1979).

Ao associar as violências nas relações amorosas ao estudo dos roteiros sexuais, podem-se apresentar aportes teóricos para examinar de maneira mais detalhada os comportamentos sexuais, o como e o porquê os influenciadores agem sobre a temática e são produzidos. Sobretudo, é possível a partir do conhecimento partilhado pelos participantes da pesquisa e de suas práticas, analisar suas vivências, identifica-las e descrevê-las articulando-as ao saber científico, formando, assim, as narrativas de vidas de jovens universitários de enfermagem sobre a violência no namoro.

Desta forma, os roteiros sexuais permearão este estudo, já que as vivências de violências de jovens universitários de enfermagem sobre a violência no namoro construídas proporcionam uma compreensão da realidade das práticas desses estudantes.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

4.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, por conter relação direta com as experiências e vivências de cada indivíduo, tendo como referencial teórico-metodológico a Narrativa de vida de Daniel Bertaux, na perspectiva etnossociológica, baseada no relato de vida dos participantes.

Esta metodologia visa descrever as práticas sociais, permeando as maneiras como o sujeito se insere, atua e se apresenta nos espaços, grupos e mundos que faz parte (Bertaux, 1980).

O método qualitativo de pesquisa é aquele que se desenvolve por meio do nível subjetivo e a relação com a realidade social e é apresentado por meio da história, do universo, dos significados, motivos, crenças, valores, atitudes e razões dos atores sociais (Minayo, 2014).

Destarte, o presente estudo de natureza qualitativa, com delineamento descritivo-exploratório, possibilita o aprofundamento e familiaridade com o objeto de estudo, o que contribui para a obtenção de evidências para análise das vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem no âmbito das mídias sociais, a influência dessas vivências nas condutas e comportamentos sexuais, assim como o papel das mídias sociais diante de trajetórias de violências nas relações amorosas destes jovens universitários.

4.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma universidade estadual pública do estado da Bahia, localizada na região sudoeste, com população total estimada de 156.277 habitantes em 2021, conforme estimativo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021a).

A instituição mencionada é umas das principais referências de ensino superior do Norte e Nordeste brasileiro. É multicampi, possui sua sede na mesorregião do Centro-Sul baiano, no município de Vitória da Conquista, a qual é a terceira maior cidade da Bahia, cuja população estimada é de 343.643 habitantes (IBGE, 2021b).

A instituição pública de ensino superior, localizada na região Sudoeste da Bahia, na cidade de Jequié, possui 16 cursos de graduação, sendo oito bacharelados (Ciências

Biológicas, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Química e Sistemas de Informação) e oito licenciaturas (Ciências Biológicas, Educação Física, Dança, Letras, Matemática com enfoque em Informática, Pedagogia, Química e Teatro) (Bahia, s/d.).

O curso de bacharelado em Enfermagem e Obstetrícia iniciou-se no ano de 1984, no entanto, o seu processo de reconhecimento aconteceu posteriormente em 1989, pela Portaria Ministerial nº 214 de 1989 do MEC (UESB, 2022). Atualmente o curso consta com regime acadêmico de entradas regulares semestralmente em dois períodos letivos e em turno diurno. A matriz curricular encontra-se dividida por disciplinas, com carga horária total de 4.415 horas, que correspondem a 192 créditos tendo duração de nove semestres (UESB, 2022).

Com relação aos conteúdos programáticos, a carga horária está distribuída em três grandes áreas temáticas: Ciências Biológicas e da Saúde; Ciências Humanas e Sociais; e Ciências da Enfermagem. Totalizam 42 disciplinas obrigatórias e 17 disciplinas optativas, devendo o estudante cursar três disciplinas optativas, além de cumprir durante a graduação, 200 horas de atividades complementares (UESB, 2007).

Segundo informações coletadas no colegiado do curso, os estudantes da Graduação em Enfermagem da UESB são, em sua maioria, adultos-jovens e do sexo feminino, com o total de 192 estudantes. O curso tem um histórico de reconhecimento pela contribuição para o desenvolvimento da região, contando com estudantes provenientes tanto de Jequié, quanto de municípios circunvizinhos.

4.3 Participantes da Pesquisa

Participaram da pesquisa 19 acadêmicos do curso de enfermagem, de todos os semestres, regularmente matriculados e que atendessem aos critérios de inclusão da pesquisa.

Esta variabilidade amostral se deu pela necessidade em compreender as realidades vivenciadas por estudantes de diferentes semestres, com uma diversidade de narrativas, visto que se encontram em contextos de vida e momentos diferentes do processo educacional, o que pode possibilitar uma diversidade de narrativas e maior variabilidade, conforme direciona a perspectiva etnossociológica. E, além disso, permitirá o reconhecimento das caracterizações das vivências quanta a igualdade e semelhança entre elas (Bertaux, 2010).

No período de coleta de dados estavam regularmente matriculados 192 estudantes, nos períodos letivos (PL) vigentes 2025.1 e 2025.2, do curso de graduação em enfermagem.

O contato inicial com os público-alvo deu-se através do contato presencial com os estudantes durante o período de aulas, na instituição de ensino, em que foram feitos os

convites para participação. Em seguida, a seleção dos participantes ocorreu de forma aleatória, utilizando o aplicativo de comunicação *Whatsapp*, para a realização do agendamento da entrevista.

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos participantes foram: estudantes devidamente matriculados em quaisquer períodos do curso de enfermagem e com idade a partir de 18 anos. Os critérios de exclusão foram: estudantes matriculados, mas que não estejam cursando o período seja por licença ou quaisquer outras formas de afastamento.

Desta maneira, os 19 estudantes responderam ao questionário sociodemográfico e informações dos participantes, e também participaram da Entrevista em profundidade (APÊNDICE D), conforme demonstrado no Quadro 1:

4.4 Instrumentos e Técnica para Coleta de Dados

As entrevistas aconteceram entre os meses de Abril e Agosto de 2025 e tiveram uma duração média de 30 minutos, variando entre 15 e 100 minutos.

A produção de dados se deu por meio da entrevista aberta (APÊNDICE B), a qual foi conduzida pela pesquisadora.

A entrevista aberta ou em profundidade consiste numa interlocução livre, balizada pelos parâmetros do objeto de estudo, onde será explicado o intuito da conversa e, no decorrer da narrativa, serão feitas perguntas a partir do que foi apresentado pelo entrevistado, com o objetivo de dar mais profundidade à reflexão (Minayo; Costa, 2019).

Para tal, a pesquisadora necessitou estar muito atenta à narrativa, utilizando-se de sua habilidade de escuta ativa, olhar apurado e sensibilidade aflorada, “buscando sempre encontrar os fios relevantes para aprofundar a interlocução” (Minayo; Costa, *s.p.*, 2019). No decorrer da entrevista, a pesquisadora demonstrou interesse pela narração apresentada, através de gestos e sinais, interrompeu minimamente o entrevistado, especialmente em momentos de dispersão e para maior ênfase em alguma elucidação, além de ter fornecido todas as explicações sobre a pesquisa ao participante (Bertaux, 2010).

Inicialmente foram feitos os convites (APÊNDICE C) aos estudantes do Curso de Enfermagem por meio da visita em sala de aula e, em seguida, agendadas as entrevistas pelas redes sociais, através da plataforma digital de comunicação *WhatsApp*. Após os estudantes terem concordado em participar, a pesquisadora apresentou o objeto de estudo e os objetivos da pesquisa. Outrossim, os participantes assinaram o TCLE e oficializaram o interesse em narrar suas vivências.

A condução da entrevista narrativa deu-se com base em uma única questão norteadora. Para um melhor direcionamento das narrativas, foram elaborados filtros sobre os assuntos e conteúdos sistematizados da entrevista. E, por fim, elucidada ao participante quanto à liberdade que terá para expor o que melhor lhe convir, contanto que sua narrativa esteja de acordo com o objeto de estudo da pesquisa (Bertaux, 2010).

Após o cumprimento desses passos, a entrevista foi realizada com a utilização do gravador do aparelho celular e solicitação ao participante para que respondesse à questão norteadora, a qual foi elaborada com base na utilização da expressão “conte-me” ou “fale-me”, que remeterá a “descrição sob forma narrativa de um fragmento da experiência vivida” (Bertaux, 2010). Além do mais, antes da pesquisa propriamente dita, foram coletadas informações sociodemográficas dos jovens participantes da pesquisa, com o intuito de melhor caracterizá-los quanto ao seu perfil e contexto social.

Dessa maneira, com o intuito de analisar as narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre as violências vivenciadas nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais, descrever as vivências dos jovens universitários sobre as violências vivenciadas nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais; e discutir as condutas sexuais de jovens universitários, considerando as violências no âmbito das mídias sociais, a questão norteadora se iniciou da seguinte forma: **“Conte-me sobre suas vivências de violências nos relacionamentos amorosos por meio de mídias sociais”**. Utilizados como **filtros**: reações com os primeiros contatos de violência virtual; sentimentos e sensações provocadas pelas violências vividas; dependência emocional, amor romântico, amor fantasiado, responsabilidade afetiva; os conflitos internos e externos; formas de violência de gênero virtual nas relações amorosas; abusos digitais (*Gaslighting*, *Stalking*, *Sexting*, dentre outros); tipos de violência pelas mídias sociais; mídias sociais (Instagram, WhatsApp, Facebook, Telegram e outras plataformas ou aplicativos digitais); rede de apoio presente e ausente (família, amigos, conhecidos); as tomadas de decisões com base na violência vivida; as dimensões da vida que mais foram afetadas; se houve interferência nas condições de estudos e condições financeiras; relacionamento tóxico; se pensou ou precisou trancar matrícula; como percebe o seu futuro pessoal.

Para além da gravação das entrevistas, foram registradas em um diário de campo as impressões da pesquisadora durante a entrevista, sendo evidenciadas expressões corporais e faciais, gestos, entoação da voz, entre outras reações, conforme proposto pelo método da narrativa de vida (Bertaux, 2010).

Em seguida, realizado um historiograma (APÊNDICE D) formado por um resumo das principais narrativas apresentadas pelos participantes, além de suas descrições, com a finalidade de promover maior conhecimento das características dos participantes e um melhor entendimento das histórias apresentadas.

No que tange ao local de realização das entrevistas, ocorreram no próprio *campus*, em um local privativo, gravadas por meio de um celular e realizadas até atingir o limite estabelecido, também chamado de ponto de saturação (Bertaux, 2010).

Ao término de cada entrevista, fora solicitado ao participante que confirmasse a sua fala e informasse sobre a possibilidade de agendar um novo encontro, em caso de necessidade de posteriores esclarecimentos.

4.5 Técnica para Análise de Dados

Para análise foi utilizado o método da narrativa de vida na perspectiva etnossociológica proposta por Daniel Bertaux, uma vez que tem por intuito o estudo de um “objeto social” como um fragmento da realidade sócio-histórica, entendendo suas nuances, a maneira que se deu suas relações sociais, dentre outras questões que o caracterizam (Bertaux, 2010).

As entrevistas foram transcritas totalmente e, juntamente com as gravações, armazenadas na plataforma do Google Drive®. As narrativas foram analisadas por meio de leituras, respeitando a individualidade e subjetividade de cada participante. Para isto, foram levadas em consideração as três ordens de realidade vivenciadas pelos sujeitos: a realidade histórico-empírica (história realmente vivida); a realidade psíquica e semântica (o que o sujeito sabe e pensa) e; a realidade discursiva (o que o sujeito quis dizer do que sabe ou acredita saber) (Spindola; Santos, 2003; Bertaux, 2010).

Em se tratando da análise e organização dos dados gerados, conforme o proposto no referencial de narrativa de vida, esta se deu em três etapas: codificação, recodificação e síntese (Bertaux, 2010). Para tal, foi necessário realizar duas leituras, sendo a primeira com o intuito de conhecer o teor da narrativa e a segunda com destino a selecionar e grifar, com diferentes cores, as informações mais importantes. E, a partir disso, executar as etapas do referencial de narrativas de vida (Santos; Santos, 2008).

Na primeira etapa da análise foram codificadas as falas dos participantes, ou seja, foram realizadas as marcações de partes importantes do depoimento para atingir os objetivos da pesquisa, de modo a gerar as unidades temáticas (UTs). Foi criado um quadro

demonstrativo com os desdobramentos temáticos (temas que surgiram) e os agrupamentos (com subtemas agrupados por afinidade temática) para melhor identificação dos temas similares entre as UTs (Bertaux, 2010; Santos; Santos, 2008).

As narrativas foram analisadas por meio da realização de leituras, considerando a individualidade e a especificidade de cada entrevistado e, posteriormente, foi realizado o agrupamento por similaridade de temas, distinguindo-os utilizando a marcação por cores. Essa etapa é denominada codificação, da qual emergiram 153 unidades temáticas.

Na segunda etapa, foi realizada a recodificação (com a interpretação do significado obtido dos depoimentos) e a construção de agrupamentos para melhor identificação dos temas similares entre as UTs, os quais foram distinguidos através da marcação de cores.

Assim, novas leituras das narrativas foram feitas em busca de duplicidades, similaridade ou ausência de unidades temáticas, sendo possível reorganizá-las, comparando-as conforme os temas que emergiram dos discursos dos entrevistados num processo denominado de recodificação, quando se resumiu em 61 unidades temáticas (Bertaux, 2010).

E na terceira, realizou-se a síntese e o agrupamento destas unidades temáticas que deram origem a seis grandes grupos chamados de agrupamentos, para a obtenção das categorias analíticas e as subcategorias, de acordo com as similaridades dos temas agrupados (Bertaux, 2010; Santos; Santos, 2008).

Em seguida, foi contabilizado o número de vezes que as unidades temáticas apareciam entre as participantes, denominado de recorrência (Quadro 2).

Diante deste processo emergiram duas categorias analíticas com quatro subcategorias: *Categorias Analíticas*: 1) Narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre violências nas relações amorosas; 2) Condutas sexuais nas relações amorosas por mídias sociais de jovens universitários de enfermagem; *Subcategoria 1*: Compreendendo os discursos socioculturais das violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem; *Subcategoria 2*: A “indigência” dos jovens universitários de enfermagem em situação de violência nas relações amorosas; *Subcategoria 3*: Repercussões das violências nas vivências de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas; *Subcategoria 4*: Condutas sexuais de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais nas relações amorosas.

4.6 Aspectos Éticos da Pesquisa

O presente estudo se primou no que foi estabelecido pelo Conselho Nacional de Saúde em suas Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e de nº 510, de 07 de abril de 2016, as quais instituem diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012, 2016).

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB), por meio da Plataforma Brasil, no mês de Fevereiro de 2025, tendo sido aprovado em 28 de Março de 2025, conforme CAAE nº 87011025.5.0000.0055 e parecer consubstanciado nº 7.473.802 (ANEXO A). Antes do início da coleta de dados, os participantes deste estudo foram esclarecidos sobre a pesquisa em relação aos aspectos contidos na resolução supracitada e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

Para maior proteção das identidades dos participantes foi utilizada a palavra Entrevistado seguido de número de 1 a 19, referente à ordem da realização das entrevistas, como também a identificação do semestre em que o estudante estava matriculado.

Este estudo apresentou risco relacionado ao participante se confrontar com vivências difíceis, que poderão causar-lhe desconforto, tristeza, angústia. Porém, caso esta participação trouxesse algum desconforto ou riscos ocasionais para a sua integridade física ou moral, eles foram informados previamente sobre a liberdade para não responderem ao(s) questionamento(s), suspendendo a entrevista temporariamente ou até deixar de participar da pesquisa, a qualquer instante.

Os benefícios deste estudo consistem em ofertar as contribuições para pesquisa científica gerados a partir dos conhecimentos e vivências dos sujeitos, de modo a promover uma maior compreensão das realidades desses jovens e podermos traçar estratégias e propostas de intervenção para os desafios apontados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão deste estudo são apresentados em dois manuscritos científicos, os quais foram elaborados de acordo às normas dos periódicos selecionados. Abaixo segue o título do manuscrito, periódico que será submetido e link das instruções aos autores.

Manuscrito 1 – Violência nas relações amorosas de jovens universitários do curso de enfermagem e sua interface com as mídias sociais

Revista Latino-americana de Enfermagem (RLA) – (Qualis A1)

Instrução aos autores: <https://www.scielo.br/journal/rlae/about/#instructions>

Manuscrito 2 – Juventudes e mídias sociais: roteiros sexuais de universitários em suas relações amorosas

Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) – (Qualis A2)

Instrução aos autores: <https://reben.com.br/instrucoes-aos-autores/#h2-2>

5.1 Manuscrito 1

VIOÊNCIA NAS RELAÇÕES AMOROSAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE ENFERMAGEM E SUA INTERFACE COM AS MÍDIAS SOCIAIS

GENDER-BASED VIOLENCE IN THE ROMANTIC RELATIONSHIPS OF YOUNG UNIVERSITY STUDENTS IN NURSING PROGRAM

Resumo

Objetivo: analisar e descrever as narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais. **Método:** trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, cujo referencial teórico-metodológico escolhido foi a Narrativa de vida, utilizando-se da Perspectiva Etnossociológica, e à análise com base no referencial teórico da teoria dos Roteiros Sexuais ou “scripts sexuais”. Participaram da pesquisa 19 discentes do curso de enfermagem, de todos os semestres, de uma Universidade Estadual Pública do Estado da Bahia. A coleta de dados ocorreu com a utilização de um questionário sociodemográfico e com perguntas sobre a vivência das violências nas relações amorosas, considerando as mídias sociais. Os dados foram coletados após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa e assinatura do TCLE. A análise de dados ocorreu utilizando Bertaux, por meio da identificação das recorrências temáticas, formação de agrupamentos de temas similares e análise entre eles, formação das subcategorias e, por fim, das categorias. **Resultados:** os dados mostraram que a vivência da sexualidade é fortemente influenciada pelos cenários culturais, tendo sido observadas situações de vulnerabilidade diretamente relacionadas à violência de gênero nas relações amorosas, as quais mostram-se agravadas pelo contexto de violências, especialmente

psicológicas. Ainda, as mídias sociais apresentaram-se como espaço propício e indelével para a prática da violência de gênero, tornando-se passível de perpetuação das violências.

Conclusão: é indispensável considerar que os aspectos socioculturais estão fortemente entrelaçados com a propagação dos estereótipos de gênero, assim como da violência de gênero nas relações amorosas dos jovens universitários. Assim, é imprescindível combatê-los, para que os jovens universitários não perpetuem esse tipo de relação durante a idade adulta.

Palavras-chave: Enfermagem; Juventude; Violência de gênero; Violência por parceiro íntimo; Roteiros sexuais; Universidades.

Abstract

Objective: To analyze and describe the life narratives of young nursing students regarding violence in romantic relationships within the context of social media. **Method:** This is a descriptive, exploratory study with a qualitative approach, whose chosen theoretical-methodological framework was Life Narrative, using the Ethnosociological Perspective, and the analysis based on the theoretical framework of the theory of Sexual Scripts. Nineteen nursing students from all semesters of a public state university in Bahia participated in the research. Data collection was carried out using a sociodemographic questionnaire and questions about the experience of violence in romantic relationships, considering social media. Data were collected after approval by the Research Ethics Committee and signing of the Informed Consent Form. Data analysis was performed using Bertaux's method, through the identification of thematic recurrences, formation of groupings of similar themes and analysis among them, formation of subcategories and, finally, of categories. **Results:** The data showed that the experience of sexuality is strongly influenced by cultural settings, with situations of vulnerability directly related to gender-based violence in romantic relationships

being observed, which are aggravated by the context of violence, especially psychological violence. Furthermore, social media presented itself as a conducive and indelible space for the practice of gender-based violence, becoming susceptible to the perpetuation of violence.

Conclusion: It is essential to consider that sociocultural aspects are strongly intertwined with the propagation of gender stereotypes, as well as gender-based violence in the romantic relationships of young university students. Thus, it is crucial to combat them so that young university students do not perpetuate this type of relationship into adulthood.

Keywords: Nursing; Youth; Gender violence; Intimate partner violence; Sexual scripts; Universities

Introdução

As relações humanas se dão por meio de interações e vínculos que são estabelecidos com outras pessoas e grupos, e são cruciais para o desenvolvimento social, individual, profissional, mental e espiritual. Atualmente, tais interações e vínculos têm ocorrido através das mídias sociais, não havendo uma separação nítida entre as experiências *offline* e *online*, em que as atividades essenciais às relações humanas como o trabalhar, aprender, consumir e se relacionar são inerentes e influenciam o comportamento humano⁽¹⁾.

Assim, as mídias sociais são espaços coletivos consolidados como um elemento onipresente, que provocam mudanças de comportamentos, atitudes e ressignificação de valores e percepções em relação ao outro⁽²⁾, sendo influenciada e influenciando, concomitantemente, a construção cultural, identitária, comportamental e relacional a todo instante, seja de maneira positiva e/ou negativa, especialmente em se tratando de jovens.

Na sociedade contemporânea, nada é pensado para durar, sendo as identidades, valores e relacionamentos estabelecidos de maneira frágil e substituível⁽³⁾. Essa falta de

compromisso nos vínculos amorosos, aponta para a liquidez e a não responsabilização afetiva que imperam nas relações humanas, sobretudo, dos vínculos amorosos juvenis.

Idealmente, o namoro durante a fase da juventude, é o contexto no qual os indivíduos exploram quem são e os papéis que irão desempenhar na idade adulta. O conflito, no entanto, é inerente às relações, independentemente de sua natureza, podendo ser resolvido de forma amigável ou evoluir para a violência⁽⁴⁾. Quando há a evolução para a violência, de qualquer espécie, estamos diante da violência no namoro (do original *dating violence*), conceito que surgiu em 1981 a partir do sociólogo *James Michael Makepeace*, o qual observou que o enfoque do estudo à época era sobretudo o da violência doméstica e infantil, desconsiderando-se a fase do namoro⁽⁴⁻⁵⁾.

Todavia, tal constatação ainda é atual no Brasil, uma vez que a violência no namoro é um assunto pouco discutido quando comparado com a violência na intimidade adulta. Esta lacuna, especialmente no campo científico e acadêmico, mostra uma certa despreocupação com a temática, não levando em consideração que os jovens, ao produzirem padrões de relacionamentos abusivos ainda na fase do namoro, poderão seguir vivenciando esse comportamento na vida conjugal⁽⁴⁻⁶⁾.

Tais padrões são elaborados por comportamentos e condutas humanas como expressão da própria sexualidade, sendo uma resposta não apenas biológica e instintiva, mas também como um produto da sociedade, uma construção sociocultural, que, ao mesmo tempo em que é influenciada pelas modificações transgeracionais das relações, do mesmo modo é responsável pela influência nas mesmas elaborações comportamentais⁽⁷⁾.

Nesse sentido, a violência nas relações amorosas, outrossim conhecida como violência por parceiro íntimo (VPI), é um fenômeno social, relacional e transgeracional e constitui-se como um grave problema de saúde pública tanto pelas repercussões negativas na

qualidade de vida quanto pelas implicações nas dimensões jurídica, econômica, social e da saúde⁽⁸⁻¹¹⁾.

Diante disso, a Teoria dos Roteiros Sexuais, de Gagnon e Simon, foi escolhida como referencial teórico para conduzir este estudo de maneira a contribuir para uma compreensão ampla dos comportamentos e condutas⁽⁷⁾ juvenis em seus relacionamentos amorosos, considerando, essencialmente, as relações humanas *Onlife*.

A teoria dos Roteiros Sexuais ou “Scripts Sexuais”, propõe a sexualidade como uma construção sociocultural, em que o comportamento humano é elaborado a partir de influências sociais, como normas, valores e expectativas⁽⁷⁾.

Os Roteiros Sexuais ou “Scripts Sexuais” se apresentam como um passo a passo de elaboração, significado e significância de os comportamentos sociais, que são criados, recriados e ressignificados a partir de elementos sociais, culturais, geracionais e transgeracionais.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar e descrever as narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais.

Método

Delineamento do estudo e amostra

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa por conter relação direta com as experiências e vivências de cada indivíduo.

O referencial teórico-metodológico escolhido foi a Narrativa de vida, utilizando-se da Perspectiva Etnossociológica, baseada no relato de vida dos participantes. Tal abordagem visa

descrever as práticas sociais, permeando as maneiras como o sujeito se insere, atua e se apresenta nos espaços, grupos e mundos que faz parte⁽¹²⁾.

Participaram 19 estudantes do Curso de Bacharelado em Enfermagem, de todos os semestres, regularmente matriculados e que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Foram incluídos estudantes devidamente matriculados em quaisquer períodos do curso de enfermagem e com idade a partir de 18 anos. E excluídos estudantes matriculados, mas que não estivessem cursando o período seja por licença ou quaisquer outras formas de afastamento.

A variabilidade amostral deu-se pela necessidade em compreender as vivências de estudantes de diferentes semestres frente às distintas realidades, conforme recomenda o método das narrativas⁽¹³⁾.

Local de estudo

A pesquisa foi realizada em uma universidade estadual pública do estado da Bahia, localizada na região sudoeste.

Coleta de dados

A coleta de dados deu-se entre os meses de Abril e Agosto de 2025, sendo realizadas em espaços privados da referida instituição e tiveram uma duração média de 30 minutos, variando entre 15 e 100 minutos.

O primeiro contato com o público-alvo deu-se durante o período de aulas, na instituição de ensino, em que foram feitos os convites para participação. Em seguida, a

seleção dos participantes ocorreu de forma aleatória, utilizando o aplicativo de comunicação *Whatsapp*, para a realização do agendamento da entrevista.

Foram coletados os dados sociodemográficos e logo após, foi realizada a entrevista aberta por meio da pergunta indutora: “Conte-me sobre suas vivências de violências nas relações amorosas por meio das mídias sociais”.

De maneira a melhor direcionar a entrevista, foram utilizados filtros sobre os assuntos sistematizados e informado ao participante quanto à liberdade para expor o que melhor lhe conviesse, contanto que sua narrativa permanecesse com relevância no que diz respeito ao objeto de estudo desta pesquisa⁽¹³⁾.

Para realização da entrevista foi utilizado o gravador do aparelho celular *Android* e solicitado ao participante para que respondesse à questão norteadora, a qual remeteu a lembrança das experiências vividas. Utilizado também um diário de campo, em que foram feitos registros das impressões da pesquisadora durante cada entrevista, sendo evidenciadas expressões corporais e faciais, gestos, entonação da voz, entre outras reações, conforme proposto pelo método da narrativa de vida⁽¹³⁾.

Instrumento de avaliação

Foi criado um formulário de dados sociodemográficos e de perguntas gerais relacionadas a Violência no namoro, com o intuito de melhorar a visualização das informações relativas às vivências das violências.

Ademais, foi realizada a entrevista aberta por meio da pergunta indutora: “*Conte-me sobre suas vivências de violências nas relações amorosas por meio das mídias sociais*”, utilizando *filtros*, de modo a proporcionar um melhor direcionamento do assunto.

Tratamento e análise dos dados

A análise foi realizada na perspectiva etnossociológica, uma vez que tem por intuito o estudo de um “objeto social” como um fragmento da realidade sócio-histórica, entendendo suas nuances, a maneira que se deu suas relações sociais, dentre outras questões que o caracterizam⁽¹³⁾.

As narrativas foram transcritas logo após a realização das entrevistas e analisadas de maneira comparativa, conforme o método das narrativas⁽¹³⁾. Em seguida, os relatos foram lidos, considerando a individualidade e a especificidade de cada entrevistado e, posteriormente, gerado o agrupamento por similaridade de temas, distinguindo-os utilizando a marcação por cores. Essa etapa é denominada codificação, da qual emergiram 153 unidades temáticas (UTs).

Na segunda etapa, foi realizada a recodificação e a construção de agrupamentos para melhor identificação dos temas similares entre as UTs, os quais foram distinguidos através da marcação de cores. Assim, novas leituras das narrativas foram feitas em busca de duplicidades, similaridade ou ausência de unidades temáticas, sendo possível reorganizá-las, comparando-as conforme os temas que emergiram das narrativas dos entrevistados, quando se resumiu em 61 UTs⁽¹³⁾.

E, na terceira, realizou-se a síntese e o agrupamento destas unidades temáticas que deram origem a seis grandes grupos chamados de agrupamentos, para a obtenção das categorias analíticas e as subcategorias, de acordo com as similaridades dos temas agrupados⁽¹³⁾.

Logo após, foi realizado um “historiograma” formado por resumo das principais narrativas apresentadas pelos participantes, além de suas descrições, com a finalidade de promover maior conhecimento das características dos participantes e um melhor

entendimento das histórias narradas. Os participantes foram identificados pela letra “E” seguidos de números de 1 a 19 e pelo sexo, sendo “M” para masculino e “F” para feminino (EF1, EM2, EF3...), conforme ordem de realização das entrevistas.

No que tange à análise com base no referencial teórico da teoria dos Roteiros Sexuais ou “scripts sexuais”, este tem por finalidade refletir a complexidade do processo de socialização, a partir dos cenários culturais, dos roteiros interpessoais e dos roteiros intrapsíquicos, de cada pessoa^(7, 14).

Ademais, os Roteiros Sexuais são a expressão da sexualidade, formados por comportamentos e condutas sexuais. O comportamento sexual é uma ação física, uma manifestação tangível, determinada pelo ato biológico, enquanto a conduta sexual é a interpretação, avaliação e internalização dos comportamentos sexuais dentro de um contexto social específico⁽⁷⁾.

Neste estudo, será retratada a *Categoria Analítica: Narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre violências nas relações amorosas*; e as *Subcategorias 1: Compreendendo os discursos socioculturais das violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem*; e *Subcategoria 2: Repercussões das violências nas vivências de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas*.

Aspectos éticos

Esta pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado “*Vivências de Violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais*” e obedeceu às Resoluções 466/2012⁽¹⁵⁾ e 510/2016⁽¹⁶⁾, que orientam a ética em pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em

Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em 28 de Março de 2025, sob parecer substanciado nº 7.473.802 e conforme CAAE ° 87011025.5.0000.0055. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de acessarem os instrumentos de coleta de dados.

Resultados

Foram entrevistados 19 acadêmicos do curso de Bacharel em Enfermagem, de todos os semestres. De acordo com o perfil sociodemográfico, 11 são do sexo feminino e oito masculino, com idades entre 18 e 27 anos.

A partir das narrativas, foi possível identificar duas subcategorias:

Subcategorias 1: Compreendendo os discursos socioculturais das violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem.

Nesta subcategoria são apresentados os fundamentos e aspectos das violências durante as relações amorosas dos jovens.

Os entrevistados apresentaram em suas falas a pressão sobre a virgindade, a religião como grupo social de conduta moral, a necessidade em comunicar aos pais sobre o relacionamento e de se estabelecer uma relação, a partir da pressão, conforme abaixo:

“Eu sempre tive um grande problema na minha vida que era essa questão da pressão sobre virgindade. Minha mãe sempre falou comigo que eu tinha que guardar minha virgindade, porque o homem não casa com mulher que não é virgem [...]”. (EF2)

“Por essa questão de religião, a gente não pode fazer nenhum ato assim, sexual, antes do casamento. E ele tentava sempre me mostrar o outro lado da relação sexual, que sempre ia ser para aproximar o casal [...]”. (EF3)

“[...] A gente foi começando a se relacionar, até que um dia eu cheguei e falei pra minha mãe que eu estava conhecendo uma pessoa e ele falou pra mãe dele. E aí a gente resolveu. Ele resolveu entrar na minha casa, falar com meus pais. Não era nem pedir em namoro, mas comunicar né? [...]”. (EF6)

“[...] ela falou pra mim o seguinte: meu pai me falou que tu só me ver de novo se for pra gente se relacionar. Aí eu falei: tá bom, então vamos nos relacionar [...]”. (EM9)

Outrossim, há relatos que trazem as redes sociais como espaço de controle das interações estabelecidas nas relações amorosas, de não aceitação do vínculo de amizade com outras pessoas do sexo masculino, assim como do *gaslighting* a partir das formas de interações, indicando posse e objetificação.

“[...] Eu não podia fazer nada nas redes sociais porque era algo que para ele estaria mostrando a imagem dele. Então eu não poderia aceitar nenhum amigo, postar nenhuma foto na praia ou na piscina de biquini, porque se eu aceitasse ou postasse, eu já sairia como vagabunda [...]”. (EF2)

“Ele não gostava que eu tivesse amizade com homens. Então, na minha cabeça era certo, porque era o meu primeiro relacionamento, o que estava acontecendo eu estava aceitando. Eu me afastei dos meus amigos, posteriormente me afastei das minhas amigas, e comecei a me afastar da minha família também[...]. (EF7)

“Desde o início ele começou a ter comportamentos de ciúmes estranhos. Na cabeça dele, eu não tinha que ter vivido aquilo, eu tinha que ter me guardado para ele, porque ele só

teve três parceiras sexuais, e eu tive mais [...] ele começava a me culpar muito por ter tido mais parceiros sexuais e aí ele começou a olhar o que eu mexia no celular; se abria o Instagram do meu ex ou o story de alguém que você já fiquei, e ele não gostava que eu olhasse; ele começava a adotar comportamentos de raiva, de fúria e fechava a cara pra mim, não queria conversar comigo... E, então, ele começava a pedir pra eu bloquear. Aí eu bloqueava essas pessoas”. [E.15]

“[...]ele vinha até a mim pessoalmente e também por WhatsApp falar que ele não ia curtir porque ele não tinha gostado... que não era pra ficar postando foto de biquíni; eu lembro que na época, eu archivei as fotos pra evitar problema com ele “. (EF17)

Subcategoria 2:Repercussões das violências nas vivências de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas.

Esta subcategoria apresenta os desdobramentos das experiências das violências durante as relações amorosas dos jovens.

Ainda, as narrativas revelam o controle a partir de ameaças, tentativas de mudanças no comportamento do outro, desestabilização da autoestima e invasão de privacidade, além de enfatizarem *gaslighting* e comportamentos narcisistas.

“[...] ela mesmo fazia questão de dizer: se eu me afastar de você, você não vai ter ninguém. Eu sou o melhor que você vai conseguir na vida e eu ia correndo atrás para tentar fazê-la ficar. Eu sempre pensava: não quero ficar sozinho, eu tinha medo de ficar sozinho por conta de outras situações passadas [...]”. (EM1)

“Ele acabou demonstrando ser uma pessoa muito ciumenta, invasiva em relação às minhas redes sociais. Controlava o celular com quem eu conversava. Chegou uma época que começou a querer modificar a forma que eu vestia”. (EF4)

“Ele pegou minha conta do Google e de madrugada ele acessou, foi no meu Google fotos, foi olhando todas as minhas fotos, até o que nem eu sabia que existia ele acessou e aí ele começou a printar as fotos e tentou tirar informações de mim [...] ele viu fotos íntimas no meu drive e me dizia que eu tinha traído ele... tinha feito milhões de coisas, sendo que eu não estava com ele na época dessas fotos”. (EF11).

“[...] ele falava que se a gente terminasse, eu não ia arranjar outra pessoa porque ninguém ia me amar como ele me amava. Então eu ficava com medo. Era algo que me fazia relutar, inclusive para terminar com ele, porque eu tinha essa vontade de terminar, mas, ao mesmo tempo, eu não tinha força. [...] tinha essa dependência emocional com ele na época e aí eu ficava imaginando: meu Deus, mas se eu terminar com ele agora, eu não vou conseguir ficar com mais ninguém; ninguém vai querer ficar comigo; eu não sou boa o suficiente pra poder ficar com ninguém [...]”. (EF17)

“[...] ele fazia o jogo virar contra mim, como se a realidade fosse eu invadindo a privacidade e tempo dele, procurando coisas no celular dele [...] e todas as vezes que eu procurava uma briga, ele fazia essa reversão, ele jogava tudo contra mim [...]”. (EF7)

“Eu acabava enviando algumas fotos para ele na esperança de fazer com que ele não voltasse a ficar frio e distante comigo, sabe? Enquanto ele estava intercalando entre esses dois estados: de ser muito fofo e de ser muito frio comigo [...]”. (EF8)

“Eu começava provando de todas as formas totalmente verídicas [...] eu me preocupava mandando fotos, prints provando que não era mentira [...] ela me mandava as mensagens me acusando, principalmente quando eu demorava um pouquinho de responder

[...] eu mandava foto do que eu estava fazendo, para provar que aquela demora foi plausível”. (EM9)

Além disso, crenças sobre o amor da vida, decisões e comportamentos em prol da outra pessoa e apenas para agradá-la, submissão e violência sexual, são retrados nas falas das participantes.

“Eu achava que era o amor da minha vida, mas eu estava vivendo esse relacionamento tóxico que não conseguia sair e eu soube que era tóxico só quando eu saí [...]”. (EF11)

“[...] as tomadas de decisões sempre eram em prol dessa pessoa, porque eu não decidia nada por mim... eu não fazia nada porque eu tinha vontade; eu fazia porque eu estava sendo mandado”. (EM14)

“Eu comecei a adotar comportamentos só pra agradá-lo[...] eu não conseguia falar não pra ele, porque sempre que eu falava, ele ficava corroendo. Então eu não tinha mais coragem de falar tipo, hoje eu não tô a fim. Todas as vezes que ele queria, eu fingia até que eu tava com vontade, só para fazer, pra satisfazer ele... Então não era prazer meu”. (EF15)

Discussão

Corroborando os achados, estudos ressaltam que o público mais acometido pelas formas de violências no namoro é o feminino, com idades entre 14 e 25 anos, sendo este mais propenso a enfrentar repercussões graves e negativas em comparação ao público masculino⁽¹⁷⁻²⁰⁾.

Tal realidade, faz-nos deparar com a perspectiva de gênero independente dos diversos contextos de relacionamentos amorosos, como o ficar e o namoro. Sendo assim, a

violência no namoro como uma questão de gênero, evidencia a mulher como pessoa/indivíduo em situação de violência, e o homem como o seu principal agressor.

Diante do público jovem, cada vez mais hiperconectado, e de uma sociedade patriarcal, machista, sexista e heteronormativa, as violências se apresentam como um instrumento poderoso para a construção das masculinidades⁽¹⁷⁾ e, por sua vez, como provável determinante da naturalização e legitimação das inúmeras formas de agressão. Assim, tal desigualdade de poder entre as gerações pode ser um fator determinante para uma maior vulnerabilidade dos mais jovens a este fenômeno⁽²¹⁾.

Portanto, as violências se dão a partir de interações complexas com as estruturas sociais, como machismo estrutural e dominante, o patriarcado, as desigualdades e as dinâmicas de socialização de gênero, em que há, por sua vez, a super valorização do masculino e a desvalorização do feminino, proporcionando assimetria das relações de gênero⁽²²⁾.

À luz dos Roteiro sexuais, a violência no namoro se constitui como uma violência de gênero e se apresenta entrelaçada com os cenários culturais, intrapsíquicos e interpessoais das relações humanas, visto que a conduta de agressão adotada se deve à uma construção histórica e social, pautada em uma sociedade androcêntrica⁽²³⁾.

No que tange aos “*cenários culturais*”, estes estabelecem que o comportamento e a conduta sexuais são moldados pelos cenários, como: normas, valores e significados coletivos atribuídos à sexualidade⁽⁷⁾. Nas narrativas de jovens universitários, pode-se compreender esse significado.

Nas narrativas das entrevistadas EF2 e EF3, percebe-se o predomínio da influência da genitora e da religião na roteirização da conduta sexual, ao retratar a virgindade como uma espécie de tesouro precioso, um requisito legal e obrigatório, capaz de elevar o valor de si ao ponto de se tornar interessante para que o outro queira estabelecer um vínculo afetivo seguro;

de idealizar o casamento como contrato que manterá a disciplina da sexualidade dos indivíduos; de estabelecer que a mulher só deve ter relações sexuais após a efetivação do casamento e que o descumprimento dessa norma a conduziria ao pecado. Ademais, as falas deixam claro a ideia de que o sexo deve acontecer dentro de um relacionamento romântico, progredindo de forma linear (beijo, toque, penetração).

Na contemporaneidade, embora tenham ocorrido inúmeras transformações sociais no que diz respeito ao espaço da mulher e da sua sexualidade, em sociedades patriarcais, como a do Brasil, a virgindade feminina, assim como o sexo, permanecem sendo negligenciados, reprimidos e deslegitimados. Ainda, por uma questão cultural, muitos homens são encorajados a manterem relações sexuais descompromissadas na adolescência e, para boa parte das mulheres, o sexo deve ser realizado somente no âmbito de uma união estável, cujo objetivo maior é a reprodução e não a satisfação sexual feminina⁽²⁴⁾.

Nesse sentido, a cultura sexual brasileira é determinada pela desigualdade de gênero, que recai predominantemente sobre as mulheres, haja vista a construção histórica dos corpos femininos e o fenômeno do patriarcado, com relações assimétricas e de poder entre homens e mulheres baseadas no gênero⁽²⁵⁻²⁷⁾.

As narrativas de EF6 e EM9 reforçam a influência dos pais sobre os relacionamentos dos filhos, em que na entrevista EF6 percebe-se uma necessidade em estabelecer uma comunicação com os pais sobre o relacionamento, não com o intuito de mantê-los informados, mas com a intencionalidade implícita de tornar algo mais sério. O relato da EM9, aponta a interferência do pai ao estabelecer uma condição forçada para que pudessem continuar se vendo. Ambos os comportamentos reforçam os papéis de gênero em sua desigualdade e tornam evidentes comportamentos violentos por meio da coerção indireta e da manipulação.

No tocante, entrar em um relacionamento através da manipulação ou coerção é um processo de prisão psicológica, em que o consentimento é anulado ou distorcido. Trata-se de uma conduta padrão, que envolve comportamentos que não consideram a autonomia do sujeito, dominando suas decisões sob a ideia pretensiosa de amor ou cuidado⁽²⁸⁾.

Nas entrevistas EF2, EF7 e EF17, os relatos mostram as hierarquias de gênero perpetuadas, em que a figura masculina estabelece à figura feminina como sua posse, um objeto pessoal, onde a mulher é obrigada a aceitar normas e regras que contrapõem a sua autonomia em seus espaços pessoais virtuais. Revela a violência de gênero baseada na coerção, sendo um padrão de abuso de comportamento, nesse caso, realizado por meio das mídias sociais, com intuito principal de retirar a autonomia e constranger.

Os conflitos e comportamentos psicológicos inicialmente frequentes nos relacionamentos entre jovens são as ameaças, verbal/ emocional e relacional^(29,30). Contudo, o cotidiano dos relacionamentos não é composto somente de comportamentos explícitos de desqualificação, ameaça ou intimidação, esses atos se mesclam a gestos carinhosos ou aparecem disfarçados de atenção e cuidado^(31, 32).

O abuso emocional apesar de ser uma violência psicológica persistente, nem sempre é fácil de reconhecer ou de dar a devida importância, sendo, por vezes, negligenciada. A violência psicológica geralmente busca controlar, subjugar, punir e isolar por meio de humilhações e medo as pessoas envolvidas⁽³³⁻³⁵⁾.

Os relatos EM1, EF4, EF11 e EF17 apresentam os papéis de gênero relacionados à privacidade, a partir das ameaças, ciúmes excessivos, controle das redes sociais e dispositivos celulares e, invasão de contas e aplicativos.

Os papéis de gênero influenciam significativamente a forma como homens, mulheres e pessoas de gêneros diversos experienciam, valorizam e protegem sua privacidade, tanto no

ambiente físico quanto no digital. As normas sociais moldam expectativas de comportamento, resultando em disparidades na segurança e no controle da intimidade.

É também relevante discutir as violências nos contextos das tecnologias de informação e comunicação (TIC). O Brasil é um dos países de maior uso de telefonia celular no mundo, e há literatura expressando como o aspecto controle, na forma de violência psicológica, se tornou sofisticado com os meios tecnológicos⁽³⁶⁻³⁸⁾.

As narrativas EF7, EF8 e EM9 expressam táticas modernas de perpetração da violência no namoro. Fazer o parceiro ou parceira sentir-se constantemente culpado em um relacionamento é uma forma de manipulação emocional e se enquadra como violência psicológica (ou emocional), sendo um pilar da violência de gênero. Esta tática é utilizada para exercer controle, poder e dominação sobre a outra pessoa, visando desestabilizar sua autoestima e fazer com que a pessoa em situação de violência duvide de sua própria realidade, sentimentos e sanidade (técnica conhecida como *gaslighting*)⁽³⁹⁾.

As falas apontam uma agressão direta, em que são realizados ameaças, insultos, disseminação de informações privadas, incluindo fotos e vídeos pessoais, roubo de identidade por meio da criação de perfis falsos em rede social, rastreamento da última conexão, uso de senha pessoal do (ex)parceiro sem o consentimento para verificar e-mail, contatos telefônicos, mensagens de texto e de rede social ou até mesmo para monitorar a localização via *Global Positioning Global* (GPS), com a intenção de o humilhar e embaraçar.

Destaca-se nas narrativas a influência sociocultural, implícita e explicitamente, em que as violências psicológicas são naturalizadas, minimizadas e negligenciadas socialmente por seus perpetradores e por quem as sofre. Isto se comprova por estudos que ressaltam que, geralmente, a busca por ajuda por parte das mulheres ocorre a partir de lesões físicas⁽⁴⁰⁾.

Há ainda o controle/monitoramento feito, envolvendo o controle de localização, a escuta de ligações telefônicas, acesso a mensagens de texto, às redes sociais, e-mail, à galeria de imagens e vídeos, clonagem do *WhatsApp*, dentre outras práticas violentas⁽⁴¹⁾.

As narrativas EF11, EM14 e EF15 reiteram a fantasia do amor. O amor romântico, quando fantasiado e idealizado, atua frequentemente como uma construção social que perpetua papéis de gênero desiguais, posicionando a mulher como passiva e negligenciando seus próprios desejos em favor da idealização masculina, o que reforça a submissão feminina e a ideia de que a mulher deve ser abnegada, cuidadora e sacrificial.

No que se refere às crenças e fantasias criadas pela observação de relacionamentos amorosos de outras pessoas e a partir da própria mídia, algumas pesquisas exploram a associação destes elementos e o da dependência, à maior vivência de violências nas relações afetivas-íntimas dos jovens.

É evidente a necessidade em se questionar certas crenças românticas e ressignificar, principalmente a compreensão que se tem sobre o amor, visto que, a violência psicológica em um relacionamento íntimo gera desdobramentos comportamentais que podem causar danos como confusão mental, dependência emocional e sentimentos de desvalorização⁽⁴²⁾.

As narrativas confirmam a acentuação dos problemas gerados nos jovens em situação de violência, como desqualificação da imagem⁽⁴³⁾. Refletem uma sociedade patriarcal, perpetuam o abuso de poder e a desigualdade de gênero, para além de enfatizar a possessividade⁽⁴⁴⁾.

Ademais, o isolamento social, a perda da própria identidade e da autoestima geram dependência do parceiro e do relacionamento, o que permite o aumento da frequência e intensidade dos abusos, bem como o medo de retaliação. Além disso, o controle pode ser interpretado como zelo⁽⁴⁵⁾. Essa compreensão distorcida demonstra como as violências

psicológicas se mostram associadas ao gênero, meios de garantir a manutenção do poder em relacionamentos assimétricos, hierárquicos e desiguais^(34, 45-48).

Sendo assim, as violências fazem parte do cotidiano e reforçam a dicotomia entre pessoa em situação de violência e agressor. As interpretações e compreensões da violência não interferem no reconhecimento da violência; a reprodução de padrões sociais de gênero contribui para a manutenção de hierarquias e desigualdades que atingem os jovens de diferentes formas, ou seja, o silenciamento a respeito do tema contribui para a invisibilidade da violência no relacionamento e conseqüentemente a não procura de cuidado junto aos serviços adequados.

Por fim, as narrativas apresentadas se aproximam com o que a teoria dos Roteiros sexuais denomina de **cenários culturais**, que caracterizam-se como instruções e práticas dos papéis sociais, a serem desenvolvidas pelas pessoas, influenciadas pelos arranjos sociais, como família, escola, religião, cultura, valores e normas^(7, 14).

Conclusão

Os dados obtidos por meio dos relatos dos participantes deste estudo demonstraram que os discursos dos parceiros íntimos de jovens universitários carregam notória influência social, cultural, religiosa e familiar, e estes são reforçados pelo modelo patriarcal que impera a partir de falas machista, sexista, heteronormativa e androcêntrica, predominante na violência de gênero.

A construção da masculinidade e da feminilidade é histórica, social e cultural, em que as desigualdades de poder estabelecidas por essas construções confluem com a desigualdade de poder entre as gerações. Assim, gênero e geração são determinantes da violência no namoro, bem como da sua vulnerabilidade.

Ademais, foi possível depreender que os jovens universitários passaram por várias situações complexas e violentas durante suas vivências de relacionamentos amorosos, fazendo-se necessário, um olhar mais sensível, tanto da universidade, como de professores, diretores, coordenadores, reitores e profissionais em geral, quanto dos próprios jovens em relação a si mesmos, voltado para a compreensão e respeito de sua história, singularidades e processos de vida.

Por sua vez, há a necessidade de maior incentivo à realização de ações, atividades e projetos voltados para a saúde mental dos jovens universitários de enfermagem, assim como de esclarecimento quanto a temática, por meio do acesso mais facilitado ao serviço de psicologia institucional, acesso às práticas integrativas e complementares em saúde, palestras, rodas de conversas, dentre outras estratégias que podem ser executadas de forma factível e simples.

Apesar das evidências encontradas, o presente estudo apresentou limitações quanto à restrição ao curso de enfermagem e a quantidade de participantes, assim como às evidências para uma discussão mais aprofundada sobre tal fenômeno, o que indica a necessidade de realização de mais estudos.

Referências

1. Floridi L, editor. The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era. Cham: Springer Open; 2015. DOI: 10.1007/978-3-319-04093-6.
2. Souza RR, Moraes LF. Impactos das redes sociais na cultura e saúde mental dos usuários. Rev. Tecnol. Soc. [Internet]. 2022 [citado em 4 de Dezembro de 2026];18(53):133-149. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/12640>.

3. Bauman Z. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
4. Weiler ALD, Nielsson JG, das Neves ASA. Quando no namoro há violência: O fenômeno dating violence no Brasil e o que podemos aprender com Portugal. RDD [Internet]. 17º de fevereiro de 2025 [citado 4º de março de 2026];34(63):e16454. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/16454>.
5. Makepeace JM. Courtship Violence among College Students. In: Family Relations, v. 30, n. 1, p. 97-102, 1981. DOI: <https://doi.org/10.2307/584242>
6. Brasil. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Dispõe sobre a proteção das mulheres em situação de violência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006.
7. Gagnon JH, Simon W. Sexual conduct: the social sources of human sexuality. New Jersey: Aldine Transaction, 1973.
8. Falcke D., Oliveira DZ, Rosa LW, Bentancur M. Violência conjugal: Um fenômeno interacional. Contextos Clínicos, 2(2), 81-90, 2009. DOI:10.4013/ctc.2009.22.02.
9. Acosta DF, Gomes VL de O, Fonseca AD da, Gomes GC. Violence against women committed by intimate partners: (in)visibility of the problem. Texto contexto - enferm [Internet]. Jan;24(1):121–7, 2015. Available from: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015001770013>.
10. Coll C., Ewerling F., García-Moreno C., Hellwig F., Barros AJD. Intimate partner violence in 46 low income and middle-income countries: an appraisal of the most vulnerable groups of women using national health surveys. BMJ Global Health, 5(1), 1-10, 2020. DOI:10.1136/bmjgh-2019-002208.
11. Bobato ST, Alves B., Benvenuti JN, Becker APS. Violência nos relacionamentos amorosos de estudantes universitários. PsicolArgum. 39 (107), 1199-1219, out./dez., 2021. Disponível: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/download/27691>.

12. Bertaux D. L'approche biographique: sa validé méthodologique, ses potentialités. Cahiers int sociol, n. 69, p. 197-225, 1980.
13. Bertaux D. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. 2. ed. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.
14. Gagnon JH. Uma Interpretação do Desejo. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. 2012.
16. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 07 de Abril de 2016. Dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. 2016.
17. Costa LLV, Visentini DM, Scott JB, Siqueira AC. Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. Inter. Psicol. [Internet]. 22º de dezembro de 2023; 27(3). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/87183>
18. De Souza CMB, Dos Santos YSPC, Sampaio JMC. A dinâmica do dating violence entre jovens universitários na capital federal brasileira. Programa de Iniciação Científica - PIC/UniCEUB - Relatórios de Pesquisa [Internet]. 2023 Feb 10. DOI: DOI: <https://doi.org/10.5102/pic.n0.2021.8911>
19. Zeña-Ñañez Sandra, Morocho-Alburquerque Noelia, Failoc-Rojas Virgilio E., Ichiro Peralta Christopher, Valladares-Garrido Mario J. Violencia durante el enamoramiento en estudiantes universitarios. Rev Cub Med Mil [Internet]. 51(1), 2022. Disponible en: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0138-65572022000100007&lng=es. Epub 01-Mar-2022.
20. Reis MN de S, Santos S de J, Machado JC, Rodrigues VP, Simões AV. AGRESSÃO E ABUSO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE

VIOLÊNCIA NO NAMORO. semicit [Internet]. 5º de agosto de 2025. Disponível em: <https://anais2.uesb.br/index.php/semicit/article/view/4315>.

21. Brancaglioni B de CA, Fonseca RMGS da. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. Rev Bras Enferm [Internet]. 2016Sep;69(5):946–55. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>

22. Machado DF, Castanheira ERL, Almeida MAS de. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 5003–5012, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.02472020>.

23. Medeiros AJG, Barreto ES. Gênero e ciência: silenciamentos e perdas. Revista Feminismos, 10 (2-3), 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42950>.

24. Silva ACFC, Lopes MP, Pereira AS. O tabu do sexo na boca da mulher: dizeres e sentidos sobre o comportamento sexual feminino na contemporaneidade. Via Litterae [Internet]. 13(2):267-79, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7986091>

25. Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, v. 20, n.2, p. 71 - 99. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>.

26. Saffioti HIB. Gênero, patriarcado, violência. Expressão Popular. 2015.

27. Tasqueto Tassinari T, Honnef FH, Arboit J, Ferreira Langendorf T, Cardoso de Paula C, de Mello Padoin SM. Violencia de género entre estudiantes universitarias: evidencia sobre prevalencia y factores asociados. Acta. Colomb. Psicol. [Internet]. 13 de diciembre de 2021; 25(1):105-20. DOI: [10.14718/ACP.2022.25.1.8](https://doi.org/10.14718/ACP.2022.25.1.8).

28. Machado MOS, Da Fonseca PN, Tannuss ADG, Dias DGN, Pereira RS. Gaslighting em relacionamentos íntimos: uma revisão de escopo. Ciencias Psicológicas, 19(2), e-4477, 2025. DOI: 10.22235/cp.v19i2.4477.

29. Barreira AK, Lima MLCD, Avanci JQ. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>
30. Oliveira QBM, de Assis SG, Njaine K, Pires TO. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & saúde coletiva*, 19, 707-718, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
31. Razera J, Falcke D. Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. *Psicologia Clínica*, 29(3), 543-562, 2017.
Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652017000300010&script=sci_abs-tract&tlng=pt
32. Ribeiro MRC, da Silva AAM, Batista RFL, de Rocha LMLN, Schraiber LB, Medeiros NL, Barbieri MA. Psychological violence against pregnant women in a prenatal care cohort: rates and associated factors in São Luís, Brazil. *BMC pregnancy and childbirth*, 14(1), 1-9, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1186/1471-2393-14-66>
33. Dempsey, F., Hammond, M. D., & Dixon, L. (2023). Examining self-reported motivations for physical and psychological intimate partner aggression: A systematic review. *Aggression and violent behavior*, 69. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2023.101822>
34. Hamel, J.; Cannon, C. E., & Graham-Kevan, N. (2023). The consequences of psychological abuse and control in intimate partner relationships. *Traumatology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/trm0000449>
35. Klencakova, L. E., Pentaraki, M., & McManus, C. (2023). The impact of intimate partner violence on young women's educational well-being: A systematic review of literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(2), 1172-1187. <https://doi.org/10.1177/15248380211052244>
36. Dichter ME, Thomas KA, Crits-Christoph P, Ogden SN, Rhodes KV. Coercive control in

intimate partner violence: Relationship with women's experience of violence, use of violence, and danger. *Psychology of Violence*, 8(5), 596–604, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.1037/vio0000158>

37. Bueno S, Martins J, Lagreca A, Sobral I, Barros B, Brandão J. O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. In: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 17o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 136-145, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>

38. Caridade S, Sousa HFP, Dinis MAP. Cyber and offline dating abuse in a Portuguese sample: prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, 10(10), 152, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/28371>

39. Melo ACC de, Silva RS e, Sousa L de M. Violência invisível: o gaslighting como mecanismo de controle e dominação. *Rev. Bras. Sex. Humana* [Internet]. 36:1288, 2025. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1288.

40. Mascarenhas MD, Tomaz GR, Meneses GM, Rodrigues MT, Pereira VO, Corassa RB. Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23(suppl 1). 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200007>.

41. Flack RMD, Deslandes SF. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7): 2017. DOI: 10.1590/0102311X00138516.

42. Ferreira IB. Violência psicológica entre parceiros íntimos na juventude: da invisibilidade à compreensão. *Pucspbr* [Internet]. 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/42185>

43. Oliveira YP de, Araujo A da F, Riboldi Junior O, Frugoli R. Consequências da violência de gênero na saúde de universitárias: um estudo de caso sobre relacionamentos íntimos

abusivos. *Physis* [Internet]. 2024;34:e34087. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434087pt>

44. Braga D, Veras D, Melo M, Duque T. Abusive relationships and their repercussions from the perspective of undergraduate healthcare students. *Concilium* [Internet]; 24(15):521–44, 2024. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/2246/e72010c75d51c5ddb822cbe1255be19aa022.pdf>

45. Karakurt G, Silver KE. Emotional abuse in intimate relationships: The role of gender and age. *Violence and victims*, 28(5), 804-821, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-12-00041>

46. Miller MS. *Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres*. Summus Editora, 1999.

47. Saffioti HI. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagú*, 115-136, 2001. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644541>

48. Saffioti HI. *Gênero, patriarcado, violência*. Ministério Público do Estado da Bahia. 2004.

49. Hamel J, Cannon CE, Graham-Kevan N. The consequences of psychological abuse and control in intimate partner relationships. *Traumatology*. Advance online publication, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1037/trm0000449>.

5.2 Manuscrito 2

ARTIGO ORIGINAL

Juventudes e mídias sociais: roteiros sexuais de universitários em suas relações amorosas

RESUMO

Objetivo: discutir os roteiros sexuais de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas, considerando as mídias sociais.

Métodos: pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, fundamentada nas Narrativas de Vida, de Daniel Bertaux. O referencial teórico adotado foi a Teoria dos Roteiros Sexuais ou Scripts Sexuais, de Gagnon e Simon. Participaram desse estudo 19 estudantes do curso de Enfermagem, de uma Universidade Estadual Pública da Bahia. Os dados foram coletados utilizando um instrumento sociodemográfico e entrevista em profundidade, aplicados após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa e assinatura do TCLE. A análise de dados ocorreu utilizando Bertaux, por meio da identificação das recorrências temáticas, formação de agrupamentos de temas similares e análise entre eles, formação das subcategorias e, por fim, das categorias.

Resultados: as juventudes têm suas relações amorosas fortemente desenvolvidas através das mídias sociais e apresentam comportamentos sexuais influenciados por roteiros interpessoais e intrapsíquicos. Os comportamentos mais frequentes foram: *sexing*, *gaslighting*, *catfishing*, *porn revenge*, ADRA, realizados no *WhatsApp*, *Instagram* e *TikTok*.

Considerações finais: Os achados revelam que os jovens universitários de enfermagem apresentam uma variedade de roteiros sexuais em suas relações amorosas, de formas diferentes, quando consideramos os sexos feminino e masculino, sendo o masculino marcado por comportamentos abusivos, de dominação, objetificação da mulher e coerção sexual, enquanto o feminino apresenta-se como subordinação e invisibilidade.

Descritores: Comportamentos sexuais; Juventudes; Mídias Sociais; Ensino Superior; Enfermagem.

Descriptors: Sexual behaviors; Youth; Social media; Higher education; Nursing.

Descriptoros: Conductas sexuales; Juventud; Redes sociales; Educación superior; Enfermería.

INTRODUÇÃO

A juventude é uma categoria não permanente, transitória e fugaz, natural e biológica, construída socialmente, com alto potencial de variabilidade, influenciada pela cultura e os processos culturais que marcam uma sociedade⁽¹⁾. É, portanto, uma representação e uma condição social, evidenciada pela *condição juvenil*, evidenciada não apenas a partir do momento do ciclo de vida, dimensão histórica e geracional, mas, prioritariamente, pela forma como tal condição é vivenciada, considerando todos os aspectos sociais, como classe, gênero, etnia, dentre outros^(2,3).

Assim, as juventudes são representações construídas pelos contextos social, político, econômico, cultural e tecnológico, no qual os sujeitos estão inseridos⁽⁴⁾ e influem na condição juvenil internamente, ao considerar comportamentos dos sujeitos diante da vida e da sociedade, e externamente, quando relacionada às situações objetivas de organização social⁽¹⁾.

Sob essa ótica, percebe-se que as juventudes têm vivenciado com veemência o consumo das tecnologias e mídias sociais como nunca antes visto. Com a cultura do *estar conectado* popularizada, este comportamento tem influenciado diretamente a maneira como as relações humanas e especialmente as relações amorosas têm sido estabelecidas.

A partir dos anos 2000, a internet e suas inovações tecnológicas digitais ampliaram ainda mais as possibilidades de conexão e hiperconexão, propiciando a ruptura de barreiras geográficas e mesmo presenciais. Conhecida como segunda geração da *World Wide Web*, a *Web 2.0*, surge com a promessa de ampliar as possibilidades de trocas de informações entre as pessoas, incluindo a colaboração em sites e serviços digitais, transformando o ambiente *online* mais dinâmico, afetando mundialmente a maneira como se dão as relações íntimas e interpessoais cotidianas⁽⁵⁾.

As redes sociais digitais surgem dentro deste contexto e passam a funcionar como mediadores estratégicos das relações sociais, inclusive afetivo-sexuais. Tais alterações transformaram o *estar conectado* em *ser conectado*, modificando os comportamentos e tornando impossível separar a vida *online*, da *off-line*⁽⁶⁾.

Portanto, os comportamentos sexuais juvenis têm sofrido modificações e são intensificados mediante a utilização das mídias sociais. Por sua vez, estes comportamentos orientam e fazem parte das condutas e valores estabelecidos nas relações amorosas, em especial, de jovens universitários.

A teoria dos Roteiros Sexuais aponta que os processos que envolvem a sexualidade humana não se trata tão somente de um impulso inato ou uma manifestação puramente fisiológica, mas de um fenômeno aprendido e organizado por meio de *scripts*, ou seja, são influenciados e por vezes determinados pelos conjuntos de normas, expectativas e significados culturalmente compartilhados que orientam como os indivíduos interpretam, experienciam e executam as suas práticas sexuais ou roteiros sociais⁽⁷⁾.

Nesse sentido, a utilização da teoria dos Roteiros Sexuais, propiciará uma compreensão aprofundada dos comportamentos sexuais das juventudes, no que se refere aos aspectos de sua sexualidade, tanto no que diz respeito a identificação desses comportamentos, como no que tange as suas ocorrências, descrevendo-os.

OBJETIVO

Discutir os roteiros sexuais de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas, considerando as mídias sociais.

MÉTODOS

Aspectos éticos

Esta pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado “*Vivências de Violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais*” e obedeceu às Resoluções 466/2012⁽⁸⁾ e 510/2016⁽⁹⁾, que orientam a ética em pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UESB conforme CAAE ° 87011025.5.0000.0055 e parecer consubstanciado nº 7.473.802. Todos os participantes assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após compreensão e anuência.

De modo a manter o anonimato, os participantes foram identificados pela letra “E”, seguidos dos números de 1 a 19 e da letra “M” para masculino e “F” para feminino para

identificação do sexo (EF1, EM2, EF3...), de acordo a ordem de realização das entrevistas, conforme estabelecido pelo método⁽¹⁰⁾.

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, tendo como referencial teórico-metodológico as Narrativas de Vida, de Bertaux, na perspectiva etnossociológica, visto que se baseia nos relatos das experiências dos participantes da pesquisa⁽¹⁰⁾.

Referencial teórico

Esta pesquisa tem como referencial teórico a Teoria dos Roteiros Sexuais, de Gagnon e Simon, a qual fundamenta que a expressão da sexualidade humana se dá a partir dos fenômenos intrínsecos à condição humana em sociedade, considerando os aspectos sociais, culturais, étnicos, religiosos^(7, 11).

Assim, os Roteiros Sexuais são estabelecidos pelos comportamentos e condutas sexuais⁽⁷⁾, propagados de maneira transgeracional e a todo instante influenciados pelos aspectos sociais. Nesse sentido, mesmo que a manifestação do comportamento sexual seja determinada pela biologia humana, a sua prática é pautada em aspectos sociais os quais o sujeito encontra-se inserido e a racionalização feita quanto a este aspecto⁽⁷⁾.

A teoria dos Roteiros Sexuais ou “scripts sexuais”, são desenvolvidos a partir dos cenários culturais, dos roteiros interpessoais e dos roteiros intrapsíquicos, de cada pessoa^(7,11).

Cenário de estudo

O estudo foi realizado em uma universidade pública do interior da Bahia, localizada na região sudoeste, sendo umas referências em ensino superior.

Amostra

A amostra foi definida por saturação teórica, sendo que a mesma foi considerada plenamente alcançada na décima nova entrevista, realizada com jovens universitários do curso

de bacharel em enfermagem, de todos os semestres. Os critérios de inclusão foram estudantes devidamente matriculados em quaisquer períodos do curso de enfermagem e com idades a partir de 18 anos. Os critérios de exclusão foram estudantes matriculados, mas que não estivessem cursando o período, seja por licença médica ou quaisquer outras formas de afastamento.

A variabilidade amostral ocorreu utilizando todos os semestres do curso de enfermagem, para uma melhor compreensão das diferentes realidades e experiências dos acadêmicos, contendo, assim, uma diversidade de narrativas e, principalmente, de experiências⁽¹⁰⁾.

Os estudantes foram convidados por meio de uma visita em sala de aula e selecionados através do contato pela rede social *WhatsApp*, a partir da demonstração de interesse e disponibilidade para as entrevistas.

O Curso de Enfermagem foi escolhido por ser formado predominantemente pelo público feminino e por se tratar de futuros profissionais da área da saúde que, durante a assistência, poderão acolher outras jovens e mulheres em situação de violência.

Coleta de dados

Os dados foram obtidos a partir do formulário sociodemográfico e da entrevista em profundidade, realizada por meio da pergunta indutora: “*Conte-me sobre suas vivências de violências nas relações amorosas por meio das mídias sociais*”, até atingimento do ponto de saturação progressiva, adquirindo, portanto, o valor de generalidade⁽¹⁰⁾.

Foram utilizados filtros acerca da temática, informado sobre o diário de campo para registro de aspectos da comunicação não-verbal e elucidado quanto à liberdade do participante em expor apenas o que lhe convir e que tivesse relevância quanto ao objeto de estudo⁽¹⁰⁾.

A entrevista foi gravada por um aparelho de celular *Android*, após esclarecimento dos participantes e assinatura do TCLE. Ao início da gravação, foi feita a pergunta indutora e, logo após, o participante narrou as lembranças de suas vivências que remeteram a temática.

As entrevistas duraram entre 15 e 100 minutos e foram realizadas na própria instituição de ensino, em um local privado e silencioso, garantindo, assim, a privacidade dos participantes ⁽¹⁰⁾.

Análise dos dados

As análises das entrevistas foram feitas na perspectiva etnossociológica, como proposto por Daniel Bertaux, cujo intuito é compreender o objeto social amplamente, considerando suas relações e processos sociais⁽¹⁰⁾.

Inicialmente foram transcritas cada entrevista, assim que eram finalizadas, conforme preconizado pelo método⁽¹⁰⁾ e separadas em arquivos individuais do Google documentos. Em seguida, foram feitas leituras flutuantes e destacadas as falas que correspondessem ao objetivo do estudo.

Logo após, foram realizadas leituras aprofundadas, considerando a individualidade e subjetividade dos participantes, e em seguida realizado os agrupamentos por temas similares destacados de diferentes cores, caracterizando a codificação. Nesta etapa emergiram 153 unidades temáticas (UTs).

Após, ocorreu a recodificação juntamente com a construção de agrupamentos para identificação das similaridades dos temas entre as UTs. Foram realizadas outras leituras a fim de identificar duplicidade, similaridade ou ausências de unidades temáticas, e utilização da comparação de temas que surgiram nas entrevistas, dando origem a 61 UTs⁽¹⁰⁾.

Por fim, as UTs foram organizadas em agrupamentos, os quais foram analisados e deram origem a seis grandes grupos. Após essa análise, foi possível obter as categorias e as subcategorias das entrevistas⁽¹⁰⁾.

Ainda foi criado um historiograma com uma síntese das principais narrativas de cada participante, de maneira a possibilitar um melhor entendimento sobre as narrativas.

A análise com base no referencial teórico da teoria dos Roteiros Sexuais ou “Scripts Sexuais”, visa promover uma reflexão quanto ao processo de socialização, considerando os cenários culturais, roteiros interpessoais e os roteiros intrapsíquicos de cada sujeito^(7, 11).

Neste estudo, será retratada a Categoria Analítica: Condutas sexuais nas relações amorosas por mídias sociais de jovens universitários de enfermagem.

RESULTADOS

Foram entrevistados 19 acadêmicos do curso de Bacharel em Enfermagem, do primeiro ao nono semestre, sendo 11 do sexo feminino e oito masculino, com predominâncias da raça/cor parda, de orientação sexual heterossexual, religião majoritária católica. Dentre

eles, 12 estavam em um relacionamento amoroso, seja namoro, noivado, união estável ou casado.

Os participantes apontaram as redes sociais como espaço escolhido para o estabelecimento das relações interpessoais, em que eram compartilhadas informações sobre o cotidiano, as sensações, assim como para a investigação das trocas que existiam entre o (a) parceiro (a) e seu grupo de socialização.

A gente tinha muito essa troca de sensações, falar como passou o dia, o que aconteceu no dia, o que chateou ele no dia. Essa troca muito de comportamentos virtuais sexuais não acontecia, porque a gente é meio receoso com essa questão de mandar fotos, mandar vídeos [...]. [EM5]

Começamos a usar o Instagram como um meio para manter o contato. O *Instagram*, o *WhatsApp*, a gente usava muito o *Twitter* também, o *TikTok* para compartilhar vídeos, a rotina [...]. [EF7]

Eu o via muito exagerado nas emoções dele com as amigas dele e eu lembro que eu ficava muito preocupada com isso [...] eu comecei a mexer no celular dele, no *Instagram*, nas redes sociais, porque eu ficava realmente preocupada com isso... eu pedia para poder ver o Instagram dele. E eu sempre encontrava alguma coisa que me incomodava [...]. [EF8]

As narrativas descrevem as mídias sociais como espaço oportuno tanto para se conhecerem quanto para a prática de comportamentos sexuais virtuais, atestados através dos encaminhamentos de fotos e vídeos íntimos, planejamento das futuras relações sexuais, de falas e comentários picantes, de cunho relacional e/ou intrinsecamente sexual.

Esse rapaz me deu um *ghosting* [...] a gente conversava, já tinha se encontrado duas vezes aí eu mandava mensagem pra ele e ele me avisou que tinha chegado em Salvador, parou o contato comigo e duas semanas depois ele assume relacionamento com a menina pelo Instagram. [EF17].

[...] a gente conversava, tinha conversas picantes e tal, mas não chegou a ser um relacionamento propriamente dito [...] a gente tinha conversas mais sexuais, mas nada de muita foto, muita exposição, porque eu sempre tive muito medo, então eu preferia não fazer [...]. [EF19]

[...] a gente já teve trocas de fotos íntimas [...] de mensagens íntimas [...]. [EF2]

[...] começou a aumentar esse tipo de conversa sobre interações sexuais... tanto troca de fotos, vídeos e chamadas com conteúdo sexual [...] não havia pressão [...] as conversas, trocas de mensagens de conteúdo sexual, fotos, troca de vídeo, aconteciam por *WhatsApp*. [EM9]

[...] a gente usava muito chamada de vídeo no *WhatsApp*; o *Telegram* quando tinha que mandar vídeos e neles ele não mostrava o rosto na câmera, só mostrava o ato acontecendo. [EF11]

A gente planejava as relações que queria ter, o desejo de satisfazer um ao outro. [...] quando ele começou a me dizer que não queria nada comigo, no *Instagram*, ele foi se afastando [...] eu peguei o *Instagram* dele só pra ter certeza de uma coisa que eu já tava imaginando, que ele já estava com outra pessoa. [EF3]

[...] Nós tínhamos conversas por outras redes, mas era mais por *WhatsApp*. [...] Às vezes a gente tinha conversa normal, como casal, mais íntima ou picante. Mas, assim, fotos, vídeos, essas coisas eu nunca enviei via rede social no *WhatsApp* [...]. [EF4]

Algumas das vivências ressaltam as mídias sociais como ferramenta e motivo para demonstração de ciúmes, medo, *gaslighting* (manipulação), *catfishing* (perfil falso manipulativo) e de coação para a gravação de vídeos íntimos.

[...] ele usava muito o *Instagram* para curtir fotos de meninas, e aí eu ficava chateada, mas eu não podia reclamar, porque se eu reclamasse, a errada era eu [...] ele fazia todo mundo achar e até eu mesmo acreditar que eu estava traindo ou que eu estava fazendo algo errado. [EF7]

Como eu tinha medo dele voltar a ficar distante e frio, eu acabava enviando algumas fotos na esperança de fazer com que ele não voltasse a ficar frio e distante comigo [...] eu tinha medo dele mandar para alguém, principalmente porque a gente se conhecia há pouco tempo, mas eu enviava porque eu tinha medo mesmo, eu acreditava que essa era uma forma de fazer com que ele gostasse mais de mim ou de evitar de ele ficasse frio e distante comigo. [EF8]

Ele mandava fotos íntimas, todo tipo de intimidade que a gente tinha, mas eu descobri que não era ele nas fotos íntimas, era outra pessoa, mas eu já estava envolvida o suficiente [...]. [EF11]

Eu me sentia pressionada... às vezes ele me ligava dando escândalo porque eu não queria fazer e às vezes eu até mesmo fazia o vídeo, por exemplo, relutante. [EF17]

Também foi narrada a vivência da troca de sexo por favores, conforme a seguinte fala:

[...] era quase uma prostituição virtual [...] que eu entregava pra ele parte de mim, tipo uma orgia e ele me dava coisas de presente ou dinheiro ou coisa de comer; eu tinha um cartão vinculado na conta dele, que ele pagava a fatura. Como minha família é muito pobre, eu só tinha conseguido as coisas quando isso acontecia; e pra mim era bom, porque ele me dizia que era amor e na época eu acreditava, não fazia sentido pra mim dizer que aquilo era prostituição [...]. [EF11]

Contudo, alguns participantes ressaltaram não apresentarem e, muito menos, compartilharem comentários e produtos íntimos sexuais em suas redes sociais, em razão do

medo, estranheza, falta de confiança, receio de compartilhamento por parte de outrem, insegurança, dentre outras razões.

[...] não tivemos nenhum comportamento virtual sexual, nenhuma conversa picante, porque ela queria pessoalmente, eu queria pessoalmente também. Ela falava alguma coisa no *Whatsapp* ou no *Instagram* e eu tentava mudar de assunto com medo [...]. [EM10]

[...] os comportamentos virtuais sexuais ela considerava isso um pouco estranho [...] ela não achava legal, então não tínhamos. [EM14]

E os que fizeram gravações de vídeos íntimos sem consentimento, ficaram traumatizados, em razão de determinados comportamentos sexuais ocorridos em suas vivências.

Fulano tinha vídeos íntimos nossos e quando eu descobri foi só depois, quando não tinha mais graça [...] eu não sabia que ele tinha gravado [...]. [EF11]

Ele me fez ter um bloqueio de relação sexual. Então, eu não queria me envolver com ninguém pessoalmente, só por *WhatsApp* e por *Instagram*, pessoas que eu só conseguisse ter, no máximo, conversas sobre sexo, trocar fotos íntimas, mas que não chegasse ao ato. [EF15]

DISCUSSÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS), reconhece a saúde e o prazer sexual como direitos humanos fundamentais e define a saúde sexual como "um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade; não meramente a ausência de doença, disfunção ou enfermidade". Esse reconhecimento baseia-se em princípios internacionais de direitos humanos que garantem a liberdade, a dignidade e a igualdade para todas as pessoas (12:s.p.).

Doravante, diante da disponibilidade facilitada e precoce aos produtos digitais, os jovens estão cada vez mais conectados às plataformas de mídia social⁽¹³⁾ e criam sua identidade, permitindo-lhes a exploração dos espaços *online*, incluindo aqueles relacionados à sexualidade⁽¹⁴⁾.

Assim, os comportamentos sexuais estabelecidos nos espaços digitais permanecem permeados e intrinsecamente influenciados pelos roteiros interpessoais e intrapsíquicos, gerados, por sua vez, pela interação social, ao conectar o comportamento cultural abstrato ao comportamento real, e dos diálogos internos estabelecidos a partir dessas experiências^(11, 15-17).

Em relação aos roteiros interpessoais, os discursos dos participantes EM5, EF7 e EF8 apontam as mídias sociais como o mais novo espaço de socialização, de impacto profundo e multifacetado, para o estabelecimento de vínculos amorosos-juvenis, na partilha em relacionamentos amorosos, atuando tanto como facilitadoras da comunicação quanto como fontes de conflito, insegurança e comparações irreais.

Além do mais, a intrusão eletrônica é uma forma de abuso cibernético em relacionamentos amorosos que inclui o monitoramento da localização do parceiro, com quem ele(a) está conversando e outras informações privadas por meio de tecnologia e redes sociais⁽¹⁸⁾.

As narrativas EF17 e EF19 reforçam comportamentos descontinuados presentes nas relações. Na EF17 fica evidente o *ghosting*, com o fim abrupto, inesperado e não comunicado da relação estabelecida; e o EF19 que menciona práticas sexuais estabelecidas sem que haja um vínculo relacional socialmente estabelecido. Além do mais, é possível perceber nos discursos os roteiros interpessoais, ao (re)produzir comportamentos socialmente aceitos, e uma consciência implícita sobre suas práticas e situações, o que apresenta brevemente a dimensão dos roteiros intrapsíquicos.

Ademais, as narrativas de EF2, EM9, EF11, EF3, e EF4 trazem à tona comportamentos sexuais exercidos pelos jovens universitários sem observação da gravidade, da possibilidade da quebra da privacidade, tornando-os vulneráveis em suas condutas. Sendo assim, percebe-se nas narrativas dos jovens, que a forma de se relacionar tem sofrido modificações, com o estabelecimento de condutas sexuais expostas.

Tendo em vista que as relações amorosas contemporâneas são impactadas pela tecnologia, de maneira emergente, surge a artificialidade das relações amorosas. Tal artificialidade se caracteriza pelo estabelecimento dos interesses individuais sobre os vínculos afetivos⁽¹⁹⁾. Assim, o estabelecimento dos vínculos amorosos-juvenis é conexão interpessoal para a satisfação das necessidades individuais imediatas.

Por sua vez, as relações contemporâneas tendem, a assumir um caráter instrumental, aproximando-se mais de transações do que de vínculos substantivos, assim, os laços afetivos tornam-se cada vez mais frágeis e descartáveis, refletindo a lógica do consumo que permeia outras esferas da vida social. Esta transformação não significa necessariamente um empobrecimento relacional, mas antes uma reconfiguração complexa das expectativas e dinâmicas afetivas^(19, 20).

Nos relatos de EF7 e EF8, fica claro que os comportamentos relacionais foram baseados na conformidade e no medo. No primeiro caso, por entender que sairia como errada,

mesmo estando certa, e de ainda tornar verdadeira uma informação ou conduta falsa; e a segunda, pelo receio do distanciamento e frieza do parceiro.

As falas de EF11 e EF17, também apresentam a conformidade relacional. Contudo, traz à tona perigo no envolvimento estabelecido completamente através das mídias sociais, dando a entender um processo de dependência emocional.

Não obstante, as narrativas mencionadas acima trazem um processo de aceitação da situação vivenciada sem questionamento, como se acreditassem que mereciam a forma com que eram tratadas, e reforçam a existência de uma nova estrutura social estabelecida por meio das mídias sociais em detrimento da geração de vínculo nas relações afetivas e amorosas na atualidade.

Durante as falas apresentadas foi possível identificar a agressão direta, em que são realizadas ameaças, insultos, disseminação de informações privadas, incluindo fotos e vídeos pessoais, roubo de identidade por meio da criação de perfis falsos em rede social, rastreamento da última conexão, uso de senha pessoal do (ex)parceiro sem o consentimento para verificar e-mail, contatos telefônicos, mensagens de texto e de rede social ou até mesmo para monitorar a localização via GPS, com a intenção de o humilhar e embaraçar⁽⁵⁾.

Nesse sentido, a tecnoafetividade torna-se excessivamente necessária para a criação das relações amorosas, com as mídias sociais criando formas de intimidade mediada, onde gestos como curtidas, mensagens instantâneas e compartilhamentos assumem significados afetivos específicos. Esta mediação tecnológica das emoções explica em parte como os relacionamentos contemporâneos podem ser simultaneamente mais conectados e mais frágeis⁽²¹⁾.

Estudos apontam o abuso digital nos relacionamentos associados as formas de violência física, sexual e psicológica em relacionamentos amorosos, sugerindo que as mídias digitais são um contexto para comportamentos potencialmente prejudiciais em relacionamentos amorosos, e a experiência dos abusos pode diferir entre os gêneros em relação aos comportamentos sexuais desenvolvidos⁽²²⁾.

Dentre os relatos, o EF11 foi um dos mais chocantes, visto que descreve, com detalhes, como a condição social pôde influenciar a tomada de decisão para a sobrevivência. A fala não apenas evidencia um roteiro interpessoal, mas, ao final, torna claro, um rompimento da ideia de não gravidade da situação, a partir do diálogo com o eu e a expectativa concebida sobre o comportamento sexual, como estabelecido pelo roteiro intrapsíquico.

Diante das narrativas, é possível depreender que os roteiros interpessoais são expressos pela naturalização da utilização das mídias sociais como espaço para a execução de todos os comportamentos afetivo-sexuais. Essas condutas são rompidas pelos roteiros interpessoais padronizados, que são criados e funcionam a partir da interação social, em que estabelece que o sujeito direciona sua conduta com o objetivo de suprir as expectativas de outra pessoa ^(11, 15).

Os relatos de EM10 e EM14 deixam claro o não rompimento com os roteiros interpessoais, a partir do momento em que a prática de atividades sexuais não são elaboradas e muito menos executadas nos espaços virtuais, fugindo a regra atual. Mas há, enfaticamente, a presença dos roteiros intrapsíquicos, mediada pelo amor e por não achar interessante.

E outros relatos que apresentam o rompimento de ambos os roteiros através de memórias traumatizantes criadas por suas vivências sexuais, como é o caso de EF11 e EF15.

Assim sendo, a conduta sexual e o desejo podem se apresentar instável e com mudança de preferências quanto a considerar as mídias sociais como espaço apropriado para a manutenção das relações sexuais de um indivíduo ao longo da vida. Essa instabilidade pode estar ligada ao período da juventude, por ser um ciclo em que se inicia a execução dos roteiros sexuais apropriados, conforme o desejo sexual de cada sujeito⁽¹¹⁾.

Portanto, as narrativas apresentam influência tanto dos roteiros interpessoais quanto dos intrapsíquicos, e revela a influência dos aspectos socioculturais perpetuados inclusive diante das mídias sociais. Tais comportamentos exprimem condutas violentas, sendo as mídias sociais o espaço escolhido e propenso para o agravamento das formas de violência.

Limitações do estudo

Este estudo foi conduzido com estudantes apenas do curso de enfermagem, de uma universidade pública do interior da Bahia. Pesquisas futuras podem expandir a amostra para incluir estudantes de diferentes cursos, universidades e municípios, promovendo compreensão mais abrangente.

Contribuições para a área da enfermagem, saúde ou política pública

O modelo teórico resultante oferece contribuições significativas para as ciências da saúde e a formação universitária em diferentes áreas do conhecimento científico, ao conscientizar sobre a necessidade de estratégias de intervenção que fomentem práticas mais

compassivas e preventivas relacionadas aos comportamentos sexuais de jovens universitários nas relações amorosas e as mídias sociais, por meio do resgate de ações de educação em saúde.

Ainda, a enfermagem se beneficia diretamente do modelo teórico desenvolvido, por fornecer aos futuros enfermeiros uma dimensão mais aprofundada sobre as violências e os comportamentos sexuais que os jovens estão expostos, contribuindo, assim, para um autoconhecimento e, por sua vez, para uma prática profissional mais consciente e acolhedora.

Ademais, a violência é um problema de saúde pública grave, inter e intrageracional, onde as que as pessoas que a vivenciam têm suas vidas totalmente impactadas. Considerando em se tratar de jovens universitários, estes são passíveis de reproduzirem comportamentos violentos em algum momento de sua experiência pessoal, o que torna imprescindível pesquisas como essa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados revelam que os estudantes apresentam uma variedade de roteiros sexuais, que se diferenciam entre os sexos feminino e masculino, a exemplo do feminino apresenta-se como subordinação e invisibilidade, enquanto o masculino por comportamentos abusivos, de dominação, objetificação da mulher e coerção sexual. Tais roteiros sexuais são influenciados pelos aspectos sociais e culturais gerados a partir das relações.

As narrativas apontaram relações amorosas patriarcais, com dominação do sexo masculino, sobretudo quando as jovens universitárias são mais expostas ao abuso digital, violência de gênero, violência psicológica, sexual e moral, o que torna imprescindível a promoção de ações de educação em saúde, pautada na cultura de paz das relações amorosas, para todos os jovens.

Ainda, ao considerarmos o papel da universidade, recomenda-se que o curso de Enfermagem, assim como todos os outros cursos da universidade, dê atenção ao fenômeno da violência, sobretudo, nas relações amorosas de todos os jovens, visando o esclarecimento, sensibilização, prevenção e enfrentamento dessas situações, visto que são responsáveis pelo cuidado a outras pessoas.

FOMENTO

Não.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAL

Esta pesquisa é derivada da dissertação de mestrado “Vivências de Violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB.

REFERÊNCIAS

1. Portela EL. Juventude Juventudes: dos contornos sobre o conceito às implicações de um programa socioeducativo. *Rev Educ Emancip.* 2021;14(3):474.
2. Peralva AT. O jovem como modelo cultural. *Rev Bras Educ.* 1997;(5-6):15-24.
3. Dayrell J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ Soc.* 2007;28(100):1105-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>
4. Duarte MRT. Perfis de jovens e concepções de juventudes. In: Duarte MRT, organizador. *Palavras de jovens sobre o Projovem: estudos com egressos e a formação de pesquisadores em avaliação de programas educacionais.* Belo Horizonte: Escritório de Histórias; 2009. p. 33-56.
5. Flach RMD. Violência digital nas relações afetivo-sexuais adolescentes [tese]. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz; 2019.
6. Santaella L. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. Nó2. In: Primo A, organizador. *Interações em rede.* Porto Alegre: Sulina; 2016.
7. Gagnon JH, Simon W. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality.* New Jersey: Aldine Transaction; 1973.
8. Brasil. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.

9. Brasil. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.
10. Bertaux D. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. 2. ed. Cavalcante ZAC, Lavallée DMG, tradutores. São Paulo: Paulus; 2010.
11. Gagnon JH. Uma interpretação do desejo. Rio de Janeiro: Garamond; 2006.
12. World Health Organization. Developing sexual health programmes: a framework for action. Geneva: World Health Organization; 2010. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/70501>
13. Hollis C, Livingstone S, Sonuga-Barke E. Editorial: The role of digital technology in children and young people's mental health - a triple-edged sword? *J Child Psychol Psychiatry*. 2020 Aug;61(8):837-841. doi: 10.1111/jcpp.13302.
14. Houtrow A, Elias ER, Davis BE; Council on Children with Disabilities. Promoting healthy sexuality for children and adolescents with disabilities. *Pediatrics*. 2021 Jul;148(1):e2021052043. doi: 10.1542/peds.2021-052043.
15. Simon W, Gagnon JH. Sexual scripts: permanence and change. *Arch Sex Behav*. 1986;15(2):97-120.
16. Gagnon JH. The interaction of gender roles and sexual conduct. In: Katchadourian H, organizador. *Human sexuality: a comparative and developmental approach*. Berkeley: University of California Press; 1979.
17. Bozon M. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.
18. Doucette H, Collibee C, Hood E, Gittins Stone DI, DeJesus B, Rizzo CJ. Perpetration of electronic intrusiveness among adolescent females: associations with in-person dating violence. *J Interpers Violence*. 2021 Jun;36(11-12):NP6581-NP6601. doi: 10.1177/0886260518815725.
19. Silva FMO, Miranda BB, Faria T. Relações amorosas na contemporaneidade: globalização, cibercultura e espetacularização do eu. *Psicol Saúde Debate*. 2025;11(2):559-571. doi: 10.22289/2446-922X.V11A2A33.

20. Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Medeiros CA, tradutor. Rio de Janeiro: Zahar; 2004.
21. Primo A. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina; 2007.
22. Reed LA, Tolman RM, Ward LM. Bisbilhotice e sexting: a mídia digital como contexto para agressão e abuso em relacionamento amorosos entre estudantes universitários. *Violence Against Women*. 2016 Nov;22(13):1556-1576. doi: 10.1177/1077801216630143.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou que as vivências dos jovens universitários de enfermagem em suas relações amorosas são marcadas pela masculinidade tóxica, sexismo, a perpetração do papel do homem nas relações e inferiorização do sexo feminino, evidenciados a partir de uma cultura patriarcal, machista e heteronormativa. Os achados refletem a prática perpetuada da violência de gênero que se estabelece em razão dos cenários culturais, das influências sociais, culturais, religiosas e normativas.

Ainda, apresentou a influência do estar conectado a todo instante, nas relações amorosas, e como a hiperconectividade tem, cada vez mais, influenciado a maneira como as relações amorosas tem se desenvolvido nos dias atuais, com relatos de situações de *Ghosting*, *gaslighting*, *catfishing*, *cyber dating abuse*, *sexting*, *stalking*, invasão de privacidade, gravação de vídeos, dentre outras situações de violência através das principais mídias sociais como: *WhatsApp* e *Instagram*, *TikTok*, ressaltando como os roteiros culturais, interpessoais e intrapsíquicos são gerados e o poder de influência dos aspectos sociais, familiares, culturais, religiosas e normativas nesses comportamentos.

Ademais, o estudo traz a tona que as vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários do curso de enfermagem por mídias sociais são cercadas por papéis exercidos e influenciados pelos cenários culturais, roteiros interpessoais e intrapessoais, e da interação entre estes papéis, na vida desses estudantes.

Os dados obtidos por meio dos relatos dos participantes deste estudo demonstram que as mídias sociais têm se tornado cada vez mais espaço para a propagação das violências em todas as suas formas, sendo as juventudes as principais protagonistas nesse cenário, visto que estão cada vez mais hiperconectados e vivenciam com veemência a era das tecnologias digitais.

As narrativas apontaram que as mídias sociais, especialmente, o *WhatsApp*, *Instagram* e o *TikTok* têm se tornado cada vez mais espaços que propiciam a perpetuação da violência como *Gaslighting*, *Sexing*, *Porn revenge*, *Catfishing*, *ADRA*, dentre outras. Além disso, são espaços de agravamento da prática da violência de gênero, com estruturas sociais, culturais, familiares e religiosas refletindo em comportamentos machistas, sexistas, opressores, patriarcais, intolerantes e heteronormativos.

Os relatos tornam clara a importância do papel da universidade na vida dos jovens universitários do curso de enfermagem, o qual não se restringe a formação profissional, mas também contribui em questões política, intelectual, social, emocional e mental, tornando-se imprescindível maiores ações e debates, nos espaços da instituição, em relação à temática. Além disso, evidenciam o poder de impacto das universidades sobre os sonhos e projeção de futuro desses jovens a partir das experiências vivenciados nesse período da juventude.

Ademais, foi possível depreender que os jovens universitários do curso de enfermagem passaram por várias situações complexas durante suas experiências em relação às suas relações amorosas e foram marcados de maneira muito violenta. Ainda, possuem vários roteiros sexuais, sendo que estes roteiros variam de acordo com o sexo feminino e masculino, o que indica a necessidade de se ter um olhar mais sensível, tanto da universidade, como de professores, profissionais no geral, quanto aos próprios jovens em relação a si mesmos, voltado para a compreensão e respeito aos seus processos de vida.

Por sua vez, há também a necessidade de maior incentivo à realização de ações, atividades e projetos voltados para a saúde mental dos jovens universitários de enfermagem, no que diz respeito à violência de gênero, violência nas relações amorosas e violência contra a mulher, com acesso mais facilitado ao serviço de psicologia, práticas integrativas e complementares em saúde, rodas de conversas, dentre outras estratégias que podem ser executadas de forma factível e simples.

Apesar das evidências encontradas, o presente estudo apresentou limitações quanto à restrição ao curso de enfermagem, o que indica a necessidade de realização de futuras pesquisas com um público mais diversificado.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. *In*: FREITAS, Maria Virgínia de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19-39.
- AFROUZ, Rozita; VASSOS, Sue. Adolescents' Experiences of Cyber-Dating Abuse and the Pattern of Abuse Through Technology: A Scoping Review. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 25, n. 4, p. 2814-2828, 2024. DOI: 10.1177/15248380241227457.
- ALMEIDA, N. **A influência das redes sociais e aplicações na vida dos jovens**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://iasaude.pt/index.php/informacao-documentacao/recortes-de-imprensa/919-a-influencia-das-redes-sociais-e-aplicacoes-na-vida-dos-jovens>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- ANTÔNIO, M. *et al.* **Adaptação à universidade em jovens calouros: Adaptação à universidade**. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/pee/a/vH9zX7jBvg8f8YxqBDqYyqH/?format=pdf\(=pt](https://www.scielo.br/j/pee/a/vH9zX7jBvg8f8YxqBDqYyqH/?format=pdf(=pt). Acesso em: 17 jul. 2024.
- APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Sousa *et al.* The uniform of nursing students: a strategy for the construction of professional identity (1950-1960). **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 28, e20170593, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0593>.
- ATLAS DA JUVENTUDE. **Evidências para a transformação das juventudes: sumário executivo**. [S. l.]: Veredas, 2021. Disponível em: <https://www.veredas.org/wordpveredas/wp-content/uploads/2021/06/atlas-sumario-executivo-v2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- ATLAS DA JUVENTUDE. **Quem são as juventudes do Brasil?** [S. l.], 2020. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/quem-sao-as-juventudes-do-brasil/>. Acesso em: 9 set. 2024.
- BAHIA. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. **Campus Jequié**. Jequié: UESB, [s. d.]. Disponível em: <http://www.uesb.br/nossos-campi/campus-de-jequei/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

BALL, Barbara *et al.* Implementing a targeted teen dating abuse prevention program: challenges and successes experienced by expert respect facilitators. **Journal of Adolescent Health**, v. 56, n. 2, p. S40-S46, 2015.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>.

BARRETTO, Roberta S. **Psicóloga explica relacionamentos abusivos**: o que é e como sair dessa situação. [Entrevista cedida ao Repórter UNESP]. São Paulo, 2015. Disponível em: reporterunesp.jor.br. Acesso em: 14 out. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENNETT, Danielle C. *et al.* College students' electronic victimization in friendships and dating relationships: Anticipated distress and associations with risky behaviors. **Violence and Victims**, v. 26, n. 4, p. 410-429, 2011. DOI: 10.1891/0886-6708.26.4.410.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, n. 69, p. 197-225, 1980.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. 2. ed. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.

BHOGAL, Manpal Singh *et al.* Paranoia Predicts the Perpetration of Psychological and Relational Cyber Dating Abuse. **Journal of Interpersonal Violence**, p. 1-17, 1 out. 2025.

BIANCHINI, Alice; BAZZO, Mariana; CHAKIAN, Silvia. **Crimes contra mulheres**. Salvador: Editora JusPodivm, 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOAS, Julia Caroline M. V.; SILVEIRA, Fabrício L. da. Redpill e machosfera: violência neomachista e extrema direita em uma análise de discurso. *In*: SEMANA INTEGRADA UFPel, 10., ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 26., 2024, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: UFPel, 2024. Disponível em: https://anais-siiepe.ufpel.edu.br/2024/SA_06184.pdf. Acesso em: 1 jun. 2026.

BONOMI, Amy E. *et al.* Dating violence victimization across the teen years: abuse frequency, number of abusive partners, and age at first occurrence. **BMC Public Health**, v. 12, n. 637, p. 1-10, 2012.

BORGES, Bruna Sampaio; VAZ, Laura Rocha. Jovem/Juventude nas pesquisas. **Cadernos da Fucamp**, v. 12, n. 16, p. 93-103, 2013. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/220/839>. Acesso em: 17 jul. 2024.

BORRAJO, Erika *et al.* The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. **Computers in Human Behavior**, v. 48, p. 358-365, 2015. DOI: 10.1016/j.chb.2015.01.063.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. [Conselho Nacional de Juventude]. **Política Nacional de Juventude**: diretrizes e perspectivas. Organização de Regina Célia Reyes Novaes, Daniel Tojeira Cara, Danilo Moreira da Silva e Fernanda de Carvalho Papa. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. Brasília, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 17 jul. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.737, de 30 de novembro de 2012**. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Brasília, 2012.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, 2013.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm.

Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.772, de 19 de dezembro de 2018**. Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para reconhecer que a violação da intimidade da mulher configura violência doméstica e familiar [...]. Brasília, 2018.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 15.123, de 24 de abril de 2025**. Altera o art. 147-B do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para estabelecer causa de aumento de pena no crime de violência psicológica contra a mulher quando praticado com o uso de inteligência artificial [...]. Brasília, 2025.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 42, p. 249-274, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2024.

CAMPEIZ, Alice Botelho *et al.* Redes sociais digitais: exposição à violência na intimidade entre adolescentes à luz da complexidade. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 29, p. e20190040, dez. 2020.

CAVALCANTI, Jaqueline Gomes. **Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma perspectiva das representações sociais e do modelo geral da agressão**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19494/1/JaquelineGomesCavalcanti_Tese.pdf. Acesso em: 17 ago. 2024.

CARLYLE, Kellie E. *et al.* Intimate Partner Violence on Instagram: Visualizing a Public Health Approach to Prevention. **Health Education & Behavior**, v. 46, n. 1, p. 90–96, 2019.

CAVALCANTI, Jaqueline Gomes; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 37, n. 2, p. 235–254, 2019.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. **Understanding Teen Dating Violence**. Atlanta: CDC, 2016.

CHARLENE, Maria; SILVA, Leonardo Martins. Distorções cognitivas nos relacionamentos amorosos em acadêmicos no interior do Ceará. **Revista Encontros Científicos UniVS**, v. 2, n. 1, p. 183–207, 2020.

CLEMENTI, J. *et al.* Mídias sociais e redes sociais: conceitos e características. *In*: SEMINÁRIO DE UNIVERSIDADE, CONHECIMENTO E GESTÃO (SUCEG), 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <https://anais.suceg.ufsc.br/index.php/suceg/article/download/80/33/185>. Acesso em: 10 dez. 2024.

COSTA, Geandra Karen Ferreira da *et al.* Stealthing among university students: associated factors. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 56, p. e20210573, 2022.

COSTA, Layana Letícia Alencar; VIANA, Hugo Amador; ALBUQUERQUE, Ilana Medeiros. Gênero. *In*: **Psicologia Social: temas e teorias**. São Paulo: Blucher, 2023. p. 445-464. DOI: 10.5151/9786555502046-13.

COSTA, Letícia Lorena Vieira *et al.* Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. **Interação em Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 147-157, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/87183/51212>. Acesso em: 9 out. 2024.

COUTURE, Sophie *et al.* “It’s a Feeling That Makes You do Anything”: Youth’ Narratives of Love and Experiences of Victimization in Their Romantic Relationships. **Journal of Adolescent Research**, p. 1-28, 2 ago. 2023.

DAWSON, Brandon *et al.* Measurements of methane and nitrous oxide in human breath and the development of UK scale emissions. **PLOS ONE**, v. 18, n. 12, p. e0295157, 13 dez. 2023.

Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0295157>.

Acesso em: 1 jun. 2026.

DEANS, Harriet; BHOGAL, Manpal Singh. Perpetrating cyber-dating abuse: a brief report on the role of aggression, romantic jealousy and gender. **Current Psychology**, v. 38, n. 5, p. 1077-1082, 2017. DOI: 10.1007/s12144-017-9715-4.

DEHINGIA, Nabamallika *et al.* Violence against women on Twitter in India: Testing a taxonomy for online misogyny and measuring its prevalence during COVID-19. **PLOS ONE**, v. 18, n. 10, p. e0292121, 2023.

DE SOUZA, Daniel Cerdeira; DA SILVA, Iolete Ribeiro; HONORATO, Eduardo Jorge San'Tana. Violência na intimidade de jovens – reflexões a luz da literatura. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 8, n. 3, p. 37–50, 2020. Disponível em: <https://periodicosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/humanas/article/view/6660>. Acesso em: 20 dez. 2025.

DONOSO, Maria Teresa Valenzuela. O gênero e suas possíveis repercussões na gerência de enfermagem. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, v. 4, n. 1/2, p. 45-51, 2000.

DOUCETTE, Hannah *et al.* Perpetration of Electronic Intrusiveness Among Adolescent Females: Associations With In-Person Dating Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 36, n. 11/12, p. NP6581-NP6601, 5 dez. 2018. DOI: 10.1177/0886260518815725.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010.

FGV SOCIAL. **Atlas da Juventude**: quem são as juventudes do Brasil? Rio de Janeiro: FGV Social, 2020a. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/quem-sao-as-juventudes-do-brasil/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

FGV SOCIAL. **A Pororoca Jovem**: juventude e mudanças demográficas. Versão preliminar. Coordenação de Marcelo Neri. Rio de Janeiro: FGV Social, 2020b. Disponível em: https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Jovens_Populacao_FGVSocial_Neri_20190902.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

FLACH, Renata Maria Dotta; DESLANDES, Suely Ferreira. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, e00138516, 2017. DOI: 10.1590/0102-311X00138516.

FONSECA DOS SANTOS, Jessica Lane *et al.* Violência no namoro em adolescentes e jovens brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, Coimbra, v. 11, n. 2, p. 1–23, 2025. Disponível em: <https://rpics.ismt.pt/index.php/ISMT/article/view/379>. Acesso em: 12 sep. 2025.

FORNARI, Lucimara Fabiana *et al.* Violência contra a mulher no início da pandemia da covid-19: o discurso das mídias digitais. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, v. 25, p. e1388, 2021.

FOSHEE, Vangie A. *et al.* Assessing the effects of families for safe dates, a family-based teen dating abuse prevention program. **Journal of Adolescent Health**, v. 51, n. 4, p. 349-356, 2012.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GAGNON, John H.; SIMON, William. **Sexual conduct: the social sources of human sexuality**. New Jersey: Aldine Transaction, 1973.

GALLEGUILLOS, Tania G. B.; OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n. 1, p. 80-87, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342001000100013>.

GARCÍA-RUIZ, María *et al.* Gender-Based Dating Violence and Social Media among Spanish Young People: A Qualitative Study. **Behavioral Sciences**, v. 14, n. 7, p. 575, 7 jul. 2024.

GARDNER, Howard; DAVIS, Katie. **La generación APP**. Buenos Aires: Paidós, 2014.

GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento**, tomo 2: adolescência, vida adulta e velhice. São Paulo: Paulinas, 2011.

HELLEVIK, Petra; OVERLIEN, Carolina. Teenage intimate partner violence: Factors associated with victimization among Norwegian youths. **Scandinavian Journal of Public Health**, v. 44, n. 7, p. 702–708, 11 jul. 2016.

HENRY, Nicola; POWELL, Anastasia. Technology-Facilitated Sexual Violence: A Literature Review of Empirical Research. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 19, n. 2, p. 195–208, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2023, 88,0% das pessoas com 10 anos ou mais utilizaram Internet**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-das-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet>. Acesso em: 19 ago. 2024.

INSTITUTO BH FUTURO. **O mundo digital e a juventude**. Belo Horizonte, [2024]. Disponível em: <https://institutobhfuturo.com.br/efeito-da-tecnologia-nos-jovens/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Jequié**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jequie>. Acesso em: 18 jul. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Vitória da Conquista**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jequie>. Acesso em: 18 jul. 2024.

KAFROUNI, Radamés. **A dimensão subjetiva da vivência de jovens em um programa social**: contribuições à análise das políticas públicas para a juventude. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

KRAISCH, Rafael José *et al.* Ideologia redpill e impactos na violência de gênero. **Revista de Geopolítica**, v. 16, n. 5, p. e1142, 2025. DOI: 10.56238/revgeov16n5-279. Disponível em: <https://revistageo.com.br/revgeo/article/view/1142>. Acesso em: 2 jun. 2026.

KULKARNI, Shanti J. *et al.* “I feel like... their relationship is based on the media”: Relationship Between Media Representation and Adolescents’ Relationship Knowledge and Expectations. **The Journal of Primary Prevention**, v. 40, n. 5, p. 545–560, 2019.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. *In*: FREITAS, Maria Virgínia de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 9-18.

LERNER, Cleci. A construção do gênero no discurso conservador: uma análise de comentários em rede social. **Perspectivas em Diálogo**: Revista de Educação e Sociedade, v. 10, n. 23, p. 145-160, 17 jun. 2023.

LISBINO, Jeidson. Exposição não consentida de conteúdos íntimos: questão de gênero. **Revista do Tribunal Regional Federal da Primeira Região**, v. 34, n. 1, p. 15–35, 2022. Disponível em: <https://revista.trf1.jus.br/trf1/article/view/349>. Acesso em: 2 jun. 2026.

LÓPEZ, Olga Consuelo. La violencia económica y/o patrimonial contra las mujeres en el ámbito familiar. **Persona y Familia**, v. 1, n. 6, p. 39-58, 2017. DOI: <https://doi.org/10.33539/peryfa.2017.n6.468>.

MARTINEZ, Courtney. An argument for States to outlaw “revenge porn” and for Congress to Amend: How our current laws do little to protect victims. **Journal of Technology Law & Policy**, v. 19, n. 1, p. 236-252, 2014.

MARTINS, Fernanda; DA COSTA SOHNGEN, Clarice Beatriz; DA SILVA RODRÍGUEZ, Liziane. Problemas de gênero: compartilhamento de imagens íntimas sem consentimento e alterações legislativas no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, Goiânia, v. 44, n. 2, p. 1-25, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revfd/article/view/58255>. Acesso em: 2 jun. 2026.

MARWICK, Alice E.; CAPLAN, Robyn. Drinking male tears: language, the manosphere, and networked harassment. **Feminist Media Studies**, v. 18, n. 4, p. 543–559, 2018.

MATASSOLI, Rebeca. **Violência digital nas relações afetivo-sexuais adolescentes**. 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e da Mulher) – Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: bvsalud.org. Acesso em: 2 jun. 2026.

MATASSOLI, Rebeca; DESLANDES, Suely Ferreira. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, p. e00138516, 2017.

MELANDER, Lisa A. College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 13, n. 3, p. 263-268, 2010. DOI: 10.1089/cyber.2009.0221.

MICHELS, Eduardo. **Relatos Anteriores**: um punhado de rosa e nenhum azul ou como distorcer dados estatísticos ou ainda, todo brasileiro gay merece ser heterossexual. [S. l.]: Homofobia Mata, 2018. Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/relatorios/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia**: pesquisa qualitativa em ação. Oliveira de Azeméis: Ludomedia, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 513-531, nov. 1997.

MUÑOZ-ZAPATA, Diana Estefanía; OSORIO-FRANCO, Juan Miguel. Social media as platforms for the visibility of gender-based violence during the COVID-19 pandemic in Colombia. **Salud Colectiva**, v. 20, p. e4601, 2024.

MUROYA, Renata de Lima; AUAD, Daniela; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Representações de gênero nas relações estudante de enfermagem e cliente: contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 1, p. 114–122, jan. 2011.

NJAINE, Kathie *et al.* **Atenção a homens e mulheres em situação de violência por parceiros íntimos**: violência e perspectiva relacional de gênero. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <https://violenciaesaude.ufsc.br/files/2015/12/Genero.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Yuri Policarpo de *et al.* Consequências da violência de gênero na saúde de universitárias: um estudo de caso sobre relacionamentos íntimos abusivos. **Physis: Revista de**

Saúde Coletiva, v. 34, p. e34087, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434087en>.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Natureza, magnitude e consequências da violência sexual e da violência por parceiro íntimo. *In: Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. Brasília, DF: Organização Mundial da Saúde, 2012. p. 11-17.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Prevenindo a violência juvenil**: um panorama das evidências. São Paulo: OMS, 2016.

ONU. Organização das Nações Unidas. Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental. **Juventude**. Bruxelas: ONU, 2024. Disponível em: <https://unric.org/pt/juventude/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Violência contra as mulheres**. Washington, DC: OPAS, [s. d.]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 2 jun. 2026.

OPAS/OMS. Organização Pan-Americana da Saúde; Organização Mundial da Saúde. 57º Conselho Diretor. 71ª Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas. **Estratégia e plano de ação para a saúde do adolescente do jovem**: relatório final. Washington, DC: OPAS, 2019.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; VAGHETTI, Helena Heidtmann; BRODERSEN, Gladys. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 14, n. 2, p. 292-300, 2006. Disponível em: uerj.br. Acesso em: 2 jun. 2026.

PAHO. Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. Região das Américas. **Dia Internacional da Juventude 2024**. Washington, DC: PAHO, 2024. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/campanhas/dia-internacional-da-juventude-2024>. Acesso em: 17 jul. 2024.

PAZ, Ana Amélia; SILVA, Salete Rosa da. Isso não é pornografia de vingança: violência contra meninas e mulheres a partir da explanação de conteúdo íntimo na internet. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 15, n. 2, p. 561–579, 2021.

PERASSI, Richard; MENEGHEL, Tarcísio. Conhecimento, mídia e semiótica na área de mídia do conhecimento. *In*: VANZIN, Tarcísio; DANDOLINI, Gertrudes Aparecida (org.). **Mídias do Conhecimento**. Florianópolis: Pandion, 2011. p. 85-102.

PESKIN, Melissa F. *et al.* Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 46, n. 2, p. 358-375, 2017. DOI: 10.1007/s10964-016-0568-1.

PEW RESEARCH CENTER. **Namoro e relacionamento online**. [S. l.]: Pew Research, 2013. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2013/10/21/online-dating-relationships-2/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

PINTOS, Claudio César García. **Cita a ciegas**: sobre la imprevisibilidad de la vida - reflexiones a partir de la obra Sincronización en Birkenwald, de Viktor Emil Frankl. San Pablo: [s. n.], 2006.

PRADO, Gabriela Silva dos Santos. **Representações sociais de adolescentes sobre sexualidades nas mídias sociais virtuais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: bvsalud.org. Acesso em: 2 jun. 2026.

REED, Larissa A.; TOLMAN, Richard M.; MONIQUE, Ward L. Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. **Journal of Adolescence**, v. 59, p. 79–89, 2017.

REED, Larissa A.; TOLMAN, Richard M.; WARD, L. Monique. Snooping and Sexting. **Violence Against Women**, v. 22, n. 13, p. 1556–1576, 9 jul. 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26912297/>. Acesso em: 2 jun. 2026.

REIS, Maryvânsley Nunes de Sá *et al.* Agressão e abuso: representações sociais de jovens universitários sobre violência no namoro. *In*: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA UESB, 28., 2025, Jequié. **Anais [...]**. Jequié: UESB, 2025. Disponível em: <https://anais2.uesb.br/index.php/semicit/article/view/4315>. Acesso em: 19 dez. 2025.

ROGERS, M. M. *et al.* Technology-Facilitated abuse in intimate relationships: A scoping review. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 24, n. 4, p. 152483802210902, 2022.

ROJAN AFROUZ; VASSOS, S. Adolescents' Experiences of Cyber-Dating Abuse and the Pattern of Abuse Through Technology, A Scoping Review. *Trauma, Violence, & Abuse*, v. 25, n. 4, 7 fev. 2024.

RUNIONS, K. et al. Cyber-aggression and victimization and social information processing: Integrating the medium and the message. **Psychology of Violence**, v.3, n.1, p. 9-26, 2013. Doi: 10.1037/a0030511

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência. **Expressão Popular**. 2015.

SALES, S.R.; SILVA, L.C.S. **Juventudes e relações de gênero**. 2021. Disponível em: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/10/Juventudes-e-relacoes-de-genero-1.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SANTOS, I.M.M.; SANTOS, R.S.. A etapa de análise no método história de vida – uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis: v.17, n.4, p.714-719, 2008.

SANTOS, T.C.F.; BARREIRA, I.A. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. **Texto Contexto Enferm** [Internet]. v.17, n.3, p.587-93, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a21v17n3.pdf>

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, p. 71 - 99. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SOUZA, B.C.B. *et al.* Violência por parceiro íntimo: entendimento de homens universitários. **Rev Pró-UniverSUS**. v.16, n.3p.12-18, 2025.

SEMESP. Instituto SEMESP. **Mapa do ensino superior no Brasil**. ed. 11, 2021.

SIMÕES, A. V. **Vulnerabilidade de jovens universitários às violências nas relações afetivas íntimas sob o olhar da enfermagem**. UERJ, 2019.

SOUSA, M. S.; SILVA, P. O. Impactos das tecnologias digitais da informação e comunicação (tdic) no desenvolvimento e na saúde mental da criança e do adolescente. **Revista foco**, v. 17, n. 4, p. e4990, 29 abr. 2024.

SPAZIRO, A. M.; RESENDE, C. M. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida?. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n.1, p. 43-49, 2010.

SPÍNDOLA, T.; SANTOS, R.S.. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista Escola de Enfermagem USP**, v.37, n.2, p.119-126, 2003.

STONARD, K.E. et al. “They’ll Always Find a Way to Get to You”: Technology Use in Adolescent Romantic Relationships and Its Role in Dating Violence and Abuse. **J Interpers Violence**, p. 2083–2117, 2017.

STONARD, K. E. et al The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: A research synthesis. **Aggression and Violent Behavior**, v.19, n.4, p.390-417, 2014. Doi: 10.1016/j.avb.2014.06.005

STJ. Superior Tribunal de Justiça. **STJ estendeu Lei Maria da Penha para mulheres trans**. 2023. Disponível em:
<<https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/29012023-Sexta-Turma-estendeu-protecao-da-Lei-Maria-da-Penha-para-mulheres-trans.aspx>>.

SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS. **Juventude e os ODS**. 2025. Disponível em:
<https://www.un.org/sustainabledevelopment/youth/>

TASSINARI, T. T. *et al*. Violência de gênero em mulheres estudantes universitárias: evidências sobre a prevalência e sobre os fatores associados. **Act. Colom. Psicol.**, Bogotá , v. 25, n. 1, p. 105-120, Junho, 2022 . Disponível em:
http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552022000100105&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 Jul. 2024.

TRANCOSO, A. E. R.; OLIVEIRA, A. A. S. The social, historical and cultural concept production of the heterogeneous youth(s) enhances political actions. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 137–147, 1 abr. 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/CZsJFxFGSsmTQ3JLzkH3qj5b/>. Acesso em 10 jul. 2024.

TUNGATE, A. Bare necessities: The argument for a “revenge porn” exception in Section 230 immunity. **Information & Communications Technology Law**, v.13, n.2, p.172-188, 2014.

UESB. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA. Catálogo dos Cursos. Bacharelado em enfermagem e obstetrícia. Campus: Jequié. 2022. Disponível em: <http://catalogo.uesb.br/cursos/enfermagem-bac-jq>. Acesso em: 15 abr. 2022.

UESB. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA. Catálogo dos Cursos. Disponível em: <http://catalogo.uesb.br/cursos>. 2021. Acesso em: 20 nov. 2021.

UESB. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA. UESB 40 anos: conhecimento para uma vida plena. 2020. Disponível em: <http://www.uesb.br/noticias/uesb-40-anos-conhecimento-para-uma-vida-plena/>. Acesso em: 08 out. 2022.

UESB. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA. Projeto pedagógico do curso de graduação em enfermagem. 2007. Disponível em: <http://catalogo.uesb.br/storage/documentos/enfermagem-bac-jq/projeto.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Juventude no Brasil [Internet]**. 2024. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/youth-brasil>. Acesso em: 10 jul. 2024.

VAN VAN OUYTSEL, J.; PONNET, K.; WALRAVE, M. Cyber dating abuse: Victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. **Journal of Interpersonal Violence**. 2016. Doi: 10.1177/0886260516629390.

WOLAK, J. et al. **Sextortion of Minors: Characteristics and Dynamics**. **J Adolesc Health**, p. 72–79, 2018.

WHA. World Health Organization. WHA 49.25. Prevention of violence: a public health priority. forty-ninth Assembly. Geneva: World Health Association, 20-25 may 1996.

ZEÑA-ÑÁÑEZ, S. et al. Violencia durante el enamoramiento en estudiantes universitarios. **Revista Cubana de Medicina Militar**, v. 51, n. 1, p. -, 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
DEPARTAMENTO DE SAÚDE II
COLEGIADO DE ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, Conselho Nacional de Saúde

Você está sendo convidada(o) a participar do estudo intitulado **“Violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem em mídias sociais”**, conduzida por mim, **Maryvânsley Nunes de Sá Reis**, pesquisadora responsável deste estudo, graduada em **Enfermagem**, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Este estudo tem por **objetivos**: analisar as vivências de violências de jovens universitários nas relações amorosas por meio das mídias sociais, identificar as vivências e discutir as condutas sexuais de jovens universitários de enfermagem, considerando as mídias sociais.

Você foi selecionada(o) por ser maior de 18 anos e estar cursando graduação em enfermagem, em uma universidade pública do sudoeste da Bahia. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo, como também ficará livre de quaisquer despesas, pagamentos ou gratificações.

Para a realização deste estudo, você será entrevistada(o) e deverá falar sobre aspectos de si mesma(o), sobre suas vivências no contexto da violência de gênero nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais.

Será disponibilizado um formulário em que serão solicitados dados sociodemográficos e sobre a temática. Após confirmar essas informações, você será encaminhado para o formulário validado com perguntas sobre violência de gênero e abuso digital. Durante o questionário, você poderá correr riscos de se confrontar com vivências difíceis, que poderão causar-lhe desconforto, tristeza, angústia. Ao final, você será convidado a participar da entrevista aberta e, caso selecionado, iremos retornar contato com você para agendamento conforme disponibilidade.

A entrevista será gravada com o uso de um gravador digital, em um local reservado nas instalações da referida universidade e, durante sua realização, você poderá correr riscos de se confrontar com vivências difíceis, que poderão causar-lhe desconforto,

tristeza, angústia. Porém, caso esta participação traga algum desconforto ou riscos ocasionais para a sua integridade física ou moral, você terá liberdade para não responder ao(s) questionamento(s), suspendendo a entrevista temporariamente ou até deixar de participar da pesquisa.

Os benefícios que esperamos com este estudo são as contribuições do seu conhecimento, suas experiências e suas opiniões para compreendermos a sua realidade e podermos elaborar estratégias e propostas de intervenção para esta situação. Sua identificação será mantida em sigilo, uma vez que os dados das entrevistas serão tratados exclusivamente pelos pesquisadores responsáveis e colaboradores, sem fornecimento a terceiros, e não serão divulgados em nível individual, de modo que os resultados obtidos se tornarão públicos nos meios acadêmicos e científicos, de forma consolidada, sem qualquer identificação dos participantes.

Salientamos que os gastos com a realização da pesquisa serão de responsabilidade dos pesquisadores.

Sua participação na pesquisa será voluntária e, em caso de recusa ou desistência, não haverá nenhuma penalidade, ressarcimentos ou indenizações.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra da pesquisadora responsável da pesquisa.

Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, através dos quais você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a sua participação, agora ou a qualquer momento.

Caso você tenha alguma outra dúvida em relação à pesquisa, ou quiser desistir em qualquer momento, poderá entrar em contato com a pesquisadora: Maryvânsley Nunes de Sá Reis; fone: (73) 9 8879-6615; e-mail: dreamy.mar@gmail.com; Av. José Moreira Sobrinho, s/n, (UESB), Jequiezinho, Jequié/BA.

Se você ainda tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091. Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e concordo em participar da mesma.

Jequié, _____ de _____ de _____.

Assinatura da(o) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados

Perfil sociodemográfico e informações dos participantes

1. Perfil Sociodemográfico

- . **Idade:** _____ anos
- . **Sexo:** M (☐) F (☐)
- . **Cor/raça:** (☐) Preto (☐) Pardo (☐) Amarelo (☐) Indígena (☐) Branco
- . **Orientação sexual:**
 (☐) Heterossexual (☐) Lésbico (☐) Gay (☐) Bissexual (☐) Pansexual (☐) Transexual
 (☐) *Queer* (☐) Interssexual (☐) Assexual (☐) Outro: _____

e. Estado civil:

- (☐) Solteiro (☐) Namorando (☐) União estável (☐) Casado (☐) Divorciado

f. Curso: (☐) Enfermagem

g. Qual o seu semestre? *Circule a resposta.* 1 2 3 4 5 6 7 8 9

h. Religião/Crença/Credo:

- (☐) Ateu (☐) AgnóstiCo (☐) CatóliCo (☐) Protestante (☐) Umbanda (☐) Espírita (☐)
 Candomblé. Outro: _____

i. Qual seu grau de religiosidade? *Circule a resposta.*

- Nada religioso (a) 1 2 3 4 5 Totalmente religioso (a)

2. Informações dos participantes sobre "violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem em mídias sociais".

- a) **Está em um relacionamento amoroso?** Sim(☐) Não(☐)
- b) **Com quantos anos teve início seu primeiro relacionamento amoroso?**
 (☐) Entre 10 e 14 anos (☐) Entre 15 e 19 anos
 (☐) Entre 20 e 24 anos (☐) Entre 25 e 29 anos
- c) **Você iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais?** Sim(☐) Não(☐)
- d) **Qual/quais mídia(s) sociais utiliza ou utilizou para manter contato com sua/seu parceira(o)?**
 (☐) Whatsapp (☐) Facebook (☐) Instagram (☐) Twitter (☐) Gmail (☐) Outro.
 Qual? _____

- e) **Você já vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais?**
☐ Sim ☐ Não
- f) **Quais dessas práticas abaixo você já vivenciou nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais?**
☐ *Cyberstalking* [perseguição virtual]
☐ *Gaslighting* [Manipulação]
☐ Invasão de privacidade
☐ *Porn revenge* [exposição de imagens íntimas sem consentimento]
☐ ADRA - *Cyber Dating Abuse ou Cyber Dating Aggression* [ameaças, insultos, humilhações ou comportamentos de ciúme com a intenção de provocar angústia no parceiro por meio da tecnologia]
 Outra. Qual? _____
- g) **Você faz terapia por causa da violência virtual vivenciada?** ☐ Sim ☐ Não.
- h) **Quais desses comportamentos você apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso?**
☐ Ansiedade ☐ Medo ☐ Crise de pânico ☐ Perturbação ☐ Ciúmes ☐ Angústia
 Outros. Quais? _____
- i) **Procurou os serviços de psicologia da universidade?** ☐ Sim ☐ Não

Entrevista

“Conte-me sobre suas vivências sobre violência nos relacionamentos amorosos por meio de mídias sociais”

Filtros: reações com os primeiros contatos de violência virtual; sentimentos e sensações provocadas pelas violências vividas; dependência emocional, amor romântico, amor fantasiado, responsabilidade afetiva; os conflitos internos e externos; formas de violência virtual nas relações amorosas; abusos digitais (*Gaslighting, Cyberbullying, Cyberstalking, Sexting*, dentre outros); tipos de violência pelas mídias sociais; mídias sociais (*Instagram, Whatsapp, Facebook, Telegram*, outras plataforma e aplicativos digitais); rede de apoio presente e ausente (família, amigos, conhecidos); as tomadas de decisões com base na violência vivida; as dimensões da vida que mais foram afetadas; se houve interferência nas condições de estudos e condições financeiras; se pensou ou precisou trancar matrícula; relacionamento tóxico; e como percebe o seu futuro pessoal.

APÊNDICE C: Convite aos participantes

CONVITE

Olá, cara (o) colega! Tudo bem?

É com grande alegria que te convido a participar do estudo sobre **“Vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários por meio das mídias sociais”**

O estudo constitui o projeto de mestrado de Maryvânsley Nunes de Sá Reis, pesquisadora responsável, Enfermeira e pós-graduanda em Comportamento Humano, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Aline Vieira Simões.

Alguns dos benefícios que esperamos com este estudo são as contribuições para pesquisa científica gerados a partir dos conhecimentos e vivências dos sujeitos, de modo a promover uma maior compreensão das realidades desses jovens e podermos traçar estratégias e propostas de intervenção para os desafios apontados.

Caso você tenha algum interesse em colaborar com a pesquisa ou quiser tirar alguma dúvida, em qualquer momento, poderá entrar em contato com a pesquisadora Maryvânsley Nunes de Sá Reis, através do e-mail: dreamy.mar@gmail.com e/ou Whatsaap: 73-9 8879-6615.

Será um grande prazer poder te ouvir!



Fonte: Google imagens. Acesso em 05 dez. 2024.

APÊNDICE D: Quadro 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa por semestre de estudo

Quadro 1. Distribuição do quantitativo de estudantes do curso de enfermagem, por semestre, que responderam ao questionário sociodemográfico e caracterização dos participantes e da entrevista em profundidade. Jequié, Bahia, Brasil, 2025.

Semestre	Questionário sociodemográfico e caracterização dos participantes	Entrevista em profundidade
1º	4	4
2º	1	1
3º	2	2
4º/ 5º*	3	3
6º	3	3
7º	2	2
8º	2	2
9º	2	2
TOTAL	19	19

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

APÊNDICE E: Quadro 2 – Distribuição das categorias e subcategorias

Agrupamento das Unidades temáticas	Total	Subcategorias	Categorias
1.Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)	17	Compreendendo os discursos socioculturais das violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem	Narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre violências nas relações amorosas
2. A perda da identidade de parceiras(os) intimas(os) submissas à violência	5	A “indigência” dos jovens universitários de enfermagem vítimas das violências nas relações amorosas	
3. Conflitos intra e interpessoais	5		
4. Repercussões das violências	19	Repercussões das violências nas vivências de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas	Condutas sexuais nas relações amorosas por mídias sociais de jovens universitários de enfermagem
5. Controle pelas redes sociais	10	Condutas sexuais de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais nas relações amorosas	
6. Comportamentos sexuais	13		

Fonte: Autora, 2025.

APÊNDICE F: Quadro 3 – Distribuição das unidades temáticas extraídas das entrevistas

N°	Unidades temáticas				
1	dizia que ela era o melhor que eu ia conseguir na vida/ que eu não ia conseguir mais ninguém/ eu precisava dele/ usava a dependência emocional contra mim/ me segurava na vida dele / me pressionou a ter um relacionamento / dizia que se eu saísse com alguém, íamos terminar / queria que eu me afastasse das pessoas de ambos os sexos / que ele iria se matar se eu continuasse querendo terminar com ele/ sofreu ameaça dele na universidade/	7	E eu quis me retirar do relacionamento até mesmo porque a própria família dele falava que não era para eu me manter naquela situação.	18	ele era uma pessoa ciumenta, invasora em relação às minhas redes sociais / controlava o meu celular e com quem eu conversava / queria mudar a forma que eu vestia / me via / me alimentava / me cuidava / me causava baixa autoestima
2	tentava fazer ela ficar/ evitava briga/ tinha medo de terminar/ enviava foto e vídeo por medo dele ficar distante e frio / sentia que precisava dela pra tudo / ela era meu porto seguro / tomada de decisão era sempre em prol dessa pessoa /	8	eu comecei a ter crise de pânico / medo de sair de casa/ tive ansiedade, transtorno e raiva de mim por estar em uma relação assim / passei a ter ansiedade / não tinha paz no relacionamento / comecei a ser tóxico / desenvolvi depressão / tive redução do rendimento acadêmico / afetou minhas notas na escola/ me adoeceu/	19	insistia pra voltar até eu aceitar /
3	passei a ter conflitos com os meus familiares por causa dele/ ela me usava / eu peguei remédio e tomei todo de uma vez / fingia estar bem / bati de frente com a minha família por não acreditar que ele era aquela pessoa que estavam dizendo / criei expectativas falsas /	9	falei que se ele continuasse com essas atitudes, eu iria chamar a polícia para ele, que eu não ia deixar as coisas acontecerem da forma que ele queria.	20	ele curti fotos de outras meninas / conversava com outras meninas / me traiu / tinha relações com outras pessoas enquanto estávamos namorando / tinha interações exageradas com amigos dele / conversas que me incomodavam
4	me colocava como pessoa tóxica/ me fazia acreditar que eu tava traindo ela, sendo que não estava/ criava que eu estava invadindo a privacidade dele/ dizia que eu era a causa da depressão dele/ dizia que eu aumentei a história e que não tinha acontecido daquele jeito que eu falava pra ele/ manipulava os meus sentimentos / dizia que eu pressionava ele / me insultava, xingava/ não tinha confiança, nem diálogo/	10	perda da virgindade em razão da pressão psicológica dele / autocoerção e compulsão sobre sexo para satisfação dele / fingimento de orgasmos / insistência no sexo / forçou o sexo / sexo sem consentimento (violência sexual) / bloqueio para relação sexual/	21	demorou para retornar a rede de apoio / lidei com tudo sozinha (o) por um bom tempo /
5	ele era extremamente abusivo/ era tóxico/ tinha excesso de ciúmes / ele passou a agir com frieza / ele era muito possessivo	11	ele só estava me usando para poder mostrar para a namorada dele que ele podia ficar com quem ele quisesse /	22	me desvinculei das mídias sociais nessa época e só mantive o WhatsApp /
6	não poderia postar nada/ se eu aceitasse algum amigo meu ou dele, que eu já estava traindo ele com aqueles amigos/ ele mandava mensagens virtuais e criou perfis fakes me ameaçando/ eu sofria perseguições e ameaças/	12	comportamento virtual sexual por mensagens, fotos, vídeos íntimos, chamadas de vídeos nus.	23	passei a ficar enfurecida de ciúmes /
		13	tenho confiança nele e sei que não vai compartilhar as fotos e vídeos íntimos /	24	acontecia o tratamento de silêncio / sumia por horas e voltava quando queria / não retornava minhas mensagens e nem ligações /
		14	início e término do relacionamento por rede social /	25	ele era muito presente no começo, de uma forma que às vezes me deixava pressionada /
		15	não houve troca de fotos, vídeos, chamadas de vídeo e conversas íntimas/	26	Eu tinha medo dele compartilhar fotos e vídeos íntimos
		16	rede social para planejar como seriam as relações e quais os desejos e fantasias de cada um /	27	ela me ligava de vídeo pra saber onde eu estava, pra mostrar o meu quarto e ver que não tinha ninguém no meu quarto
		17	ele foi se afastando de mim e quando vi no instagram, já estava com outra pessoa	28	tínhamos brigas frequentes / violência física / enviava prints para evitar brigas, mas não adiantava /
				29	continuei conversando depois do término e sentia saudades dele (a) /

Fonte: Autores, 2026.

APÊNDICE F: Quadro 3 – Continuação: Distribuição das unidades temáticas extraídas das entrevistas

30	reatamos mas tivemos os mesmos problemas /	42	ela conseguiu subverter totalmente quem eu era, então eu acabei ficando sem personalidade e essa minha inexistência pessoal fez com que eu sofresse uma violência de não poder ser uma pessoa simples	52	E aí ele não curtia, e ele vinha até a mim pessoalmente e também por WhatsApp falar que ele não ia curtir porque ele não tinha gostado / me proibia de postar as fotos
31	mas eu descobri que não era ele nas fotos íntimas, era outra pessoa... Mas eu já estava envolvido o suficiente	43	ele me culpava por ter tido mais parceiros sexuais do que ele /	53	eu fui falar com ele...foi a primeira vez que ele foi agressivo comigo. Ele me segurou, me jogou na parede e me sacudiu, mandando eu parar de chorar e calar a boca.
32	informações /	44	ele me mandou um texto terminando comigo, dizendo que ele não sabia lidar com o meu passado, que ele não aceitava o meu passado, o fato de eu ter vivido mais relacionamentos.	54	esse rapaz me deu um ghosting... a gente conversava, já tinha se encontrado duas vezes aí eu mandava mensagem pra ele e ele me avisou que tinha chegado em Salvador, parou o contato comigo e duas semanas depois ele assume relacionamento com a menina pelo Instagram
33	eu achava que era um amor da minha vida..	45	ele pegou o celular durante um ato sexual, pra gravar, sem a minha permissão.	55	Esse medo de entrar novamente em um relacionamento
34	era quase uma prostituição virtual em que eu entregava pra ele parte de mim e ele me dava coisas de presente ou dinheiro ou coisa de comer /	46	a gente já tinha gravado outras vezes, mas foi com a minha permissão e foi em momentos antes do término.	56	ele só poderia mexer menos no meu celular... mas estamos trabalhando nisso para não ser um relacionamento tóxico
35	durante a noite ele mexia comigo... enquanto eu dormia ele se tocava ou ele se masturbava durante o sono e gozava em cima de mim ou me tocava mesmo enquanto eu dormia e aí eu comecei a ficar louca.	47	Ele não gostava quando eu tava aqui na cidade no meio de semana, e não mandava nenhuma foto íntima, nenhum video, pra ele... ele dizia que era porque eu não sentia vontade... que só ele sentia vontade.	57	eu parei de ficar fazendo as coisas que eu deveria fazer e ficava mais conversando com essa pessoa... mas ela era um pouco manipuladora e tinha o ego do tamanho do mundo todinho.
36	fulano tinha vídeos íntimos nossos e eu descobri só depois	48	Ele terminou comigo por uma mensagem. Foi algo assim... um dia terrível na minha vida. Porque eu não sabia lidar. Eu achei que ele estava brincando. Porque a gente morava tão perto. Então por que ele não foi até mim?	58	toda vez que a gente ia conversar, era tudo sobre ele e falava que minhas coisas eram besteiras, já passei por isso e isso e isso. E eu ficava tipo, hum, talvez o que eu esteja passando seja tão pouco, tão nada.
37	ele mandava lingerie e essas coisas tudo que ele queria me ver usando... ele me dava e aí a gente fazia chamada de vídeo e a gente fazia tudo que se faz intimamente. Ele participava assistindo e aí não mostrava nada	49	Aí a gente voltou depois de um mês separados. Ele começou a me ligar, dizendo que queria voltar comigo.	59	eu decidi que eu não queria mais conversar com ele, porque estava me machucando, meu psicológico não estava bem. E eu cheguei e falei, olha, não quero mais conversar com você, ter esse tipo de relacionamento com você.
38	ele me confrontou sobre os lugares que eu disse pra ele que não ia e depois eu resolvia ir, tirava foto e depois eu falava pra ele no final porque ele era muito tóxico e isso fez ele apagar muita foto minha do drive	50	a gente tava praticamente quase que realmente iniciando um relacionamento mais sério mas por essa questão da exposição no grupo de whatsapp chegou ao fim.	60	A atração sexual não tinha muito, tanto que foi uma época da minha vida que eu fiquei meio sem saber se eu tinha algum problema ou se eu não tinha algum problema por causa disso. Ficou por isso.
39	ele deixou de me responder /	51	eu comecei a postar algumas das fotos, ele não curtia, que era uma forma dele de se mostrar revoltado porque eu postei uma foto de biquíni mas não eram foto chamativas nem sexualizadas eram fotos na praia, comuns	61	a família dele começou a mandar mensagem pra minha família, falando que eu estava ameaçando ele, estava perseguindo ele dentro da faculdade /
40	quando isso se tornou presencial agravou mais ainda todo aquele quadro de pressão psicológica				
41	eu achava que aquela pessoa que eu conheci na internet, era a mesma pessoa que tava comigo; o que não era verdade / manter a mesma coisa do virtual no presencial é difícil /				

Fonte: Autores, 2026.

Apêndice G – Quadro 4: Distribuição dos temas agrupamentos - Síntese

Agrupamentos	Nº	Unidades temáticas
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	1	dizia que ela era o melhor que eu ia conseguir na vida/ que eu não ia conseguir mais ninguém/ eu precisava dele/ usava a dependência emocional contra mim/ me segurava na vida dele / me pressionou a ter um relacionamento / dizia que se eu saísse com alguém, iam terminar / queria que eu me afastasse das pessoas de ambos os sexos /que ele iria se matar se eu continuasse querendo terminar com ele/ sofreu ameaça dele na universidade/
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	19	insistia pra voltar até eu aceitar /
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	38	ele me confrontou sobre os lugares que eu disse pra ele que não ia e depois eu resolvia ir, tirava foto e depois eu falava pra ele no final porque ele era muito tóxico e isso fez ele apagar muita foto minha do drive
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	39	ele deixou de me responder /
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	43	ele me culpava por ter tido mais parceiros sexuais do que ele /
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	44	ele me mandou um texto terminando comigo, dizendo que ele não sabia lidar com o meu passado, que ele não aceitava o meu passado, o fato de eu ter vivido mais relacionamentos.
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	49	Aí a gente voltou depois de um mês separados. Ele começou a me ligar, dizendo que queria voltar comigo.
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	52	E aí ele não curtiu, e ele vinha até a mim pessoalmente e também por WhatsApp falar que ele não ia curtir porque ele não tinha gostado / me proibia de postar as fotos
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	53	eu fui falar com ele...foi a primeira vez que ele foi agressivo comigo. Ele me segurou, me jogou na parede e me sacudi, mandando eu parar de chorar e calar a boca.

<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	manipulação	19	insistia pra voltar até eu aceitar /
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	relacionamentos abusivos	38	ele me confrontou sobre os lugares que eu disse pra ele que não ia e depois eu resolvia ir, tirava foto e depois eu falava pra ele no final porque ele era muito tóxico e isso fez ele apagar muita foto minha do drive
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	ghosting	39	ele deixou de me responder /
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	culpabilização ou negação	43	ele me culpava por ter tido mais parceiros sexuais do que ele /
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	falta de responsabilidade afetiva	44	ele me mandou um texto terminando comigo, dizendo que ele não sabia lidar com o meu passado, que ele não aceitava o meu passado, o fato de eu ter vivido mais relacionamentos.
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	dependência	49	Aí a gente voltou depois de um mês separados. Ele começou a me ligar, dizendo que queria voltar comigo.
<i>Discursos de parceiros(as) íntimos(as) violentos(as)</i>	manipulação	52	E aí ele não curtiu, e ele vinha até a mim pessoalmente e também por WhatsApp falar que ele não ia curtir porque ele não tinha gostado / me proibia de postar as fotos

Fonte: Autores, 2026.

Agrupamentos	Assunto	Nº	Unidades temáticas
<i>Conflitos intra e interpessoais</i>	Conflitos	3	passei a ter conflitos com os meus familiares por causa dele/ ela me usava / eu peguei remédio e tomei todo de uma vez / fingia estar bem / bati de frente com a minha família por não acreditar que ele era aquela pessoa que estavam dizendo / criei expectativas falsas /
<i>Conflitos intra e interpessoais</i>	irresponsabilidade afetiva, controle, término	14	início e término do relacionamento por rede social /
<i>Conflitos intra e interpessoais</i>	reinclusão / retorno	21	demorou para retomar a rede de apoio / lidei com tudo sozinha (o) por um bom tempo /
<i>Conflitos intra e interpessoais</i>	quebra de roteiro	22	me desvinculei das mídias sociais nessa época e só mantive o WhatsApp /
<i>Conflitos intra e interpessoais</i>	perseguição	61	a família dele começou a mandar mensagem pra minha família, falando que eu estava ameaçando ele, estava perseguindo ele dentro da faculdade /

Agrupamentos	Nº	Unidades temáticas
<i>A perda da identidade de parceiras(os) íntimas(os) submissas à violência</i>	2	tentava fazer ela ficar/ evitava briga/ tinha medo de terminar/ enviava foto e vídeo por medo dele ficar distante e frio / sentia que precisava dela pra tudo / ela era meu porto seguro / tomada de decisão era sempre em prol dessa pessoa/
<i>A perda da identidade de parceiras(os) íntimas(os) submissas à violência</i>	29	continuei conversando depois do término e sentia saudades dele(a)
<i>A perda da identidade de parceiras(os) íntimas(os) submissas à violência</i>	33	eu achava que era um amor da minha vida.
<i>A perda da identidade de parceiras(os) íntimas(os) submissas à violência</i>	42	ela conseguiu subverter totalmente quem eu era, então eu acabei ficando sem personalidade e essa minha inexistência pessoal fez com que eu sofresse uma violência de não poder ser uma pessoa simples
<i>A perda da identidade de parceiras(os) íntimas(os) submissas à violência</i>	60	A atração sexual não tinha muito, tanto que foi uma época da minha vida que eu fiquei meio sem saber se eu tinha algum problema ou se eu não tinha algum problema por causa disso. Ficou por isso.

Apêndice G – Quadro 4: Continuação: Distribuição dos temas agrupamentos – Síntese

Agrupamentos	Nº	Unidades temáticas
<i>Repercussões das violências</i>	8	eu comecei a ter crise de pânico / medo de sair de casa/ tive ansiedade, transtorno e raiva de mim por estar em uma relação assim / passei a ter ansiedade / não tinha paz no relacionamento / comecei a ser tóxico / desenvolvi depressão / tive redução do rendimento acadêmico / afetou minhas notas na escola/ me adoeceu/
<i>Repercussões das violências</i>	10	perda da virgindade em razão da pressão psicológica dele / autocobrança e compulsão sobre sexo para satisfação dele / fingimento de orgasmos / insistência no sexo / forçou o sexo / sexo sem consentimento (violência sexual) / bloqueio para relação sexual/
<i>Repercussões das violências</i>	23	passei a ficar enfurecida de ciúmes /
<i>Repercussões das violências</i>	30	reatamos mas tivemos os mesmos problemas /
<i>Repercussões das violências</i>	50	a gente tava praticamente quase que realmente iniciando um relacionamento mais sério mas por essa questão da exposição no grupo de whatsapp chegou ao fim.
<i>Repercussões das violências</i>	55	Esse medo de entrar novamente em um relacionamento
<i>Repercussões das violências</i>	57	eu parei de ficar fazendo as coisas que eu deveria fazer e ficava mais conversando com essa pessoa... mas ela era um pouco manipuladora e tinha o ego do tamanho do mundo todinho.
<i>Repercussões das violências</i>	58	toda vez que a gente ia conversar, era tudo sobre ele e falava que minhas coisas eram besteiras, já passei por isso e isso e isso. E eu ficava tipo, hum, talvez o que eu esteja passando seja tão pouco, tão nada.

Agrupamentos	Nº	Unidades temáticas
<i>Repercussões das violências</i>	4	me colocava como pessoa tóxica/ me fazia acreditar que eu tava traindo ela, sendo que não estava/ criava que eu estava invadindo a privacidade dele/ dizia que eu era a causa da depressão dele/ dizia que eu aumentei a história e que não tinha acontecido daquele jeito que eu falava pra ela/ manipulava os meus sentimentos / dizia que eu pressionava ele / me insultava, xingava/ não tinha confiança, nem diálogo/
<i>Repercussões das violências</i>	5	ele era extremamente abusivo/ era tóxico/ tinha excesso de ciúmes / ele passou a agir com frieza / ele era muito possessivo
<i>Repercussões das violências</i>	18	ele era uma pessoa ciumenta, invasora em relação às minhas redes sociais / controlava o meu celular e com quem eu conversava / queria mudar a forma que eu vestia / me via / me alimentava / me cuidava / me causava baixa autoestima
<i>Repercussões das violências</i>	40	quando isso se tornou presencial agravou mais ainda todo aquele quadro de pressão psicológica
<i>Repercussões das violências</i>	41	eu achava que aquela pessoa que eu conheci na internet, era a mesma pessoa que tava comigo; o que não era verdade / manter a mesma coisa do virtual no presencial é difícil /
<i>Repercussões das violências</i>	47	Ele não gostava quando eu tava aqui na cidade no meio de semana, e não mandava nenhuma foto íntima, nenhum vídeo, pra ele... ele dizia que era porque eu não sentia vontade... que só ele sentia vontade.
<i>Repercussões das violências</i>	48	Ele terminou comigo por uma mensagem. Foi algo assim... um dia terrível na minha vida. Porque eu não sabia lidar. Eu achei que ele estava brincando. Porque a gente morava tão perto. Então por que ele não foi até mim?
<i>Repercussões das violências</i>	51	eu comecei a postar algumas das fotos, ele não curtia, que era uma forma dele de se mostrar revoltado porque eu postei uma foto de biquíni mas não eram foto chamativas nem sexualizadas eram fotos na praia, comuns

Agrupamentos	Nº	Unidades temáticas
<i>Repercussões das violências</i>	7	E eu quis me retirar do relacionamento até mesmo porque a própria família dele falava que não era para eu me manter naquela situação.
<i>Repercussões das violências</i>	9	falei que se ele continuasse com essas atitudes, eu iria chamar a polícia para ele. que eu não ia deixar as coisas acontecerem da forma que ele queria.
<i>Repercussões das violências</i>	59	eu decidi que eu não queria mais conversar com ele, porque estava me machucando, meu psicológico não estava bem. E eu cheguei e falei, olha, não quero mais conversar com você, ter esse tipo de relacionamento com você.

Apêndice G – Quadro 4: Continuação: Distribuição dos temas agrupamentos – Síntese

Agrupamentos	Nº	Unidades temáticas
<i>Controle pelas redes sociais</i>	6	não poderia postar nada/ se eu aceitasse algum amigo meu ou dele, que eu já estava traindo ele / com aqueles amigos/ ele mandava mensagens virtuais e criou perfis fakes me ameaçando/ eu sofria perseguições e ameaças/
<i>Controle pelas redes sociais</i>	11	ele só estava me usando para poder mostrar para a namorada dele que ele podia ficar com quem ele quisesse /
<i>Controle pelas redes sociais</i>	17	ele foi se afastando de mim e quando vi no instagram, já estava com outra pessoa
<i>Controle pelas redes sociais</i>	24	acontecia o tratamento de silêncio / sumia por horas e voltava quando queria / não retornava minhas mensagens e nem ligações /
<i>Controle pelas redes sociais</i>	25	ele era muito presente no começo, de uma forma que às vezes me deixava pressionada /
<i>Controle pelas redes sociais</i>	27	ela me ligava de vídeo pra saber onde eu estava, pra mostrar o meu quarto e ver que não tinha ninguém no meu quarto
<i>Controle pelas redes sociais</i>	28	tínhamos brigas frequentes / violência física / enviava prints para evitar brigas, mas não adiantava /
<i>Controle pelas redes sociais</i>	32	invadiu minha conta do Google sem meu consentimento e tentou me tirar informações /
<i>Controle pelas redes sociais</i>	54	esse rapaz me deu um ghosting... a gente conversava, já tinha se encontrado duas vezes aí eu mandava mensagem pra ele e ele me avisou que tinha chegado em Salvador, parou o contato comigo e duas semanas depois ele assume relacionamento com a menina pelo
<i>Controle pelas redes sociais</i>	56	ele só poderia mexer menos no meu celular.. mas estamos trabalhando nisso para não ser um relacionamento tóxico

Agrupamentos	Nº	Unidades temáticas
Comportamentos sexuais virtuais	12	comportamento virtual sexual por mensagens, fotos, vídeos íntimos, chamadas de vídeos nus.
Comportamentos sexuais virtuais	13	tenho confiança nele e sei que não vai compartilhar as fotos e vídeos íntimos /
Comportamentos sexuais virtuais	15	não houve troca de fotos, vídeos, chamadas de vídeo e conversas íntimas/
Comportamentos sexuais virtuais	16	rede social para planejar como seriam as relações e quais os desejos e fantasias de cada um /
Comportamentos sexuais virtuais	20	ele curtiu fotos de outras meninas / conversava com outras meninas / me traiu / tinha relações com outras pessoas enquanto estávamos namorando / tinha interações exageradas com amigos dele / conversas que me incomodavam
Comportamentos sexuais virtuais	26	Eu tinha medo dele compartilhar fotos e vídeos íntimos
Comportamentos sexuais virtuais	31	mas eu descobri que não era ele nas fotos íntimas, era outra pessoa... Mas eu já estava envolvido o suficiente
Comportamentos sexuais virtuais	34	era quase uma prostituição virtual em que eu entregava pra ele parte de mim e ele me dava coisas de presente ou dinheiro ou coisa de comer /
Comportamentos sexuais	35	durante a noite ele mexia comigo... enquanto eu dormia ele se tocava ou ele se masturbava durante o sono e gozava em cima de mim ou me tocava mesmo enquanto eu dormia e aí eu comecei a ficar louca.
Comportamentos sexuais virtuais	36	fulano tinha vídeos íntimos nossos e eu descobri só depois
Comportamentos sexuais virtuais	37	ele mandava lingerie e essas coisas tudo que ele queria me ver usando... ele me dava e aí a gente fazia chamada de vídeo e a gente fazia tudo que se faz intimamente. Ele participava assistindo e aí não mostrava nada
Comportamentos sexuais virtuais	45	ele pegou o celular durante um ato sexual, pra gravar, sem a minha permissão.
Comportamentos sexuais virtuais	46	a gente já tinha gravado outras vezes, mas foi com a minha permissão e foi em momentos antes do término.

Fonte: Autores, 2026.

Apêndice H – Quadro 5: Diário de campo

Participante	Comportamentos
1	Mãos ansiosas; mãos e braços cruzados em vários momentos; curvados na cadeira.
2	Centrada, calma, a vontade, gesticulação durante as explicações, olhar perdido no espaço.
3	Mexer as mãos com frequência, nervosismo, mão soa ao falar do primeiro relacionamento, receio/ficou sem jeito ao falar sobre as fotos e vídeos íntimos.
4	Balançar dos pés, gesticulação excessiva.
5	Gesticulação, centrado, tranquilo, caneta tirando o bocal e colocando.
6	Sem jeito de falar sobre comportamentos sexuais, nervosismo com as mãos gesticulando, mexe com frequência no cabelo e na caneta tirando a tampa e colocando, e não encara muito.
7	Centrada, calma; (<i>“buum loving”</i>)
8	Olhar analítico, presente, pensativo, lembrando, gesticulação em excesso. (<i>“bum loving”</i>)
9	Centrado, olhar compenetrado à direita dele, gesticulações para explicar algum ponto específico, sorridente, autorreflexivo, mexe muito nos dedos como se estivesse beliscando. (<i>Hadsflags</i>)
10	Pés balançando, tirava e colocava o bocal da caneta, durante entrevista se sentiu pressionado, olhou as perguntas da entrevista pesadas.
11	Olhar para os lados da sala, postura cabisbaixa, gesticulação em demasia, chorou. (<i>“Catfishing”</i>)
12	Centrada, encara no olho a entrevistadora
13	Pensativo, olhar ao redor, gesticulação, olhar a direita dele, está morando junto com parceiro, tentativa de suicídio, excesso de ciúmes
14	Bastante confortável, inquieto, mexe na caneta, olhar para baixo, gesticulação; filho de policiais, tem irmã, foi criado a maior parte pela mãe, ele que equilibrava os problemas familiares; mexe nos cachos do cabelo com frequência; entrevista quase toda ele olhando para baixo.
15	“cárcere” gênero; expressiva, quieta, olhar para o lado direito dela enquanto conta a história; bastante confortável; gesticula com frequência; focar em assuntos que não programou;
16	Centrado e objetivo
17	Pensativa; gesticulação frequente. (<i>“Golsting e web sexo”</i>)
18	Gesticulação frequente, olhar direcionado para direita dele
19	Gesticulação frequente, aparentemente tensa, olha para a folha de entrevista com frequência, olha para a esquerda dela sempre que narra sobre o ex-parceiro “manipula, maldoso, até conseguir o que ele quer e depois quando consegue, ele deixa de lado”

Apêndice I– Historiograma

Nº	Breve relato das histórias
1	Masculino, 27 anos, branco, heterossexual, solteiro, estudante do 7º semestre, católico, com grau 2 de religiosidade; não está em um relacionamento amoroso; iniciou vida amorosa entre 15 e 19 anos, por meio das mídias sociais e utilizou o Whatsapp e Instagram para mantê-lo; vivenciou violência na forma de Gaslighting e Cyber Dating Abuse; faz terapia em razão das violências vivenciadas nas relações amorosas por meio das mídias sociais; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, medo e crise de pânico; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
2	Feminino, 25 anos, parda, heterossexual, namorando, estudante do 9º semestre, católica, com grau 5 de religiosidade (totalmente religiosa); está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 10 e 14 anos; iniciou um relacionamento por meio das mídias sociais e utilizou o Whatsapp, Instagram e Facebook para mantê-lo; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Cyberstalking, Gaslighting e Cyber Dating Abuse – ADRA); faz terapia em razão das violências vivenciadas nas relações amorosas por meio das mídias sociais; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, medo e crise de pânico; procurou os serviços de psicologia da universidade em razão das violências vividas.
3	Feminino, 19 anos, branca, heterossexual, namorando, estudante do 1º semestre, católica, com grau 5 de religiosidade (totalmente religiosa); está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; iniciou um relacionamento por meio das mídias sociais e utilizou o Whatsapp e Instagram para mantê-lo; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Gaslighting); não faz terapia em razão da violência vivenciada; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
4	Feminino, 29 anos, parda, heterossexual, solteira, estudante do 9º semestre, protestante, com grau 4 de religiosidade; não está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 20 e 24 anos; não iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, mas já utilizou o Whatsapp para manter o relacionamento; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Gaslighting, invasão de privacidade e Cyber Dating Abuse – ADRA); não faz terapia em razão da violência vivenciada; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade e angústia; procurou os serviços

	de psicologia da universidade.
5	Masculino, 19 anos, parda, gay, namorando, estudante do 3º semestre, católico, com grau 2 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp para manter o relacionamento; não vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais; não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, medo e ciúmes; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
6	Feminino, 19 anos, parda, heterossexual, namorando, estudante do 1º semestre, católico, com grau 3 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Twitter para manter o relacionamento; não vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais; não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, ciúmes e insegurança; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
7	Feminino, 18 anos, parda, heterossexual, solteira, estudante do 1º semestre, católico, com grau 4 de religiosidade; não está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; não iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utiliza/utilizou o Whatsapp, Twitter e Gmail para manter o relacionamento; não vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais; mas vivenciou a prática do Gaslighting [manipulação] e do ADRA – Cyber Dating Abuse; faz terapia por causa do que vivenciou; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, medo, ciúmes e angústia; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
8	Feminino, 19 anos, branca, heterossexual, solteira, estudante do 1º semestre, católico, com grau 3 de religiosidade; não está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; não iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp para manter o relacionamento; não vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais, mas vivenciou a prática do Gaslighting [manipulação] e do ADRA – Cyber Dating Abuse; faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade e ciúmes; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
9	Masculino, 22 anos, branca, heterossexual, solteiro, estudante do 5º semestre, católico, com grau 3 de religiosidade; não está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; não iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp, Facebook e Instagram para manter o relacionamento; vivenciou

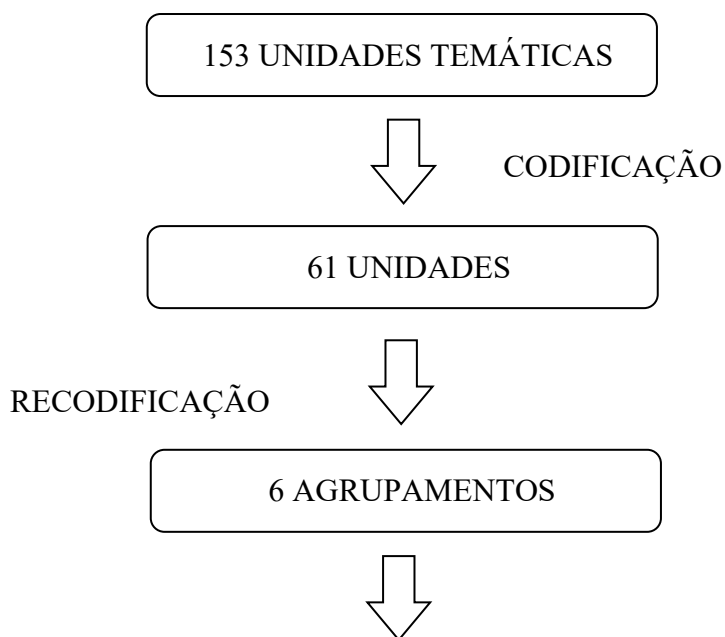
	violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Gaslighting [manipulação] e invasão de privacidade; não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, medo, crise de pânico, perturbação, ciúmes, angústia, raiva e tristeza; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
10	Masculino, 21 anos, preto, heterossexual, solteiro, estudante do 3º semestre, protestante, com grau 3 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Instagram para manter o relacionamento; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Cyberstalking, Gaslighting [manipulação] e ADRA – Cyber Dating Abuse); faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
11	Feminino, 24 anos, preta, bissexual, noiva, estudante do 8º semestre, agnóstico, com grau 2 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 10 e 14 anos; iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp, Twitter, Tinder, Skype, Snapchat e o Discord para manter o relacionamento; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Gaslighting [manipulação], Invasão de privacidade, ADRA – Cyber Dating Abuse, Falsidade ideológica e Catfishing); faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, medo, perturbação, angústia, baixa autoestima, insônia, recuso sexual, desconfiança geral; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
12	Feminino, 23 anos, parda, bissexual, união estável, estudante do 7º semestre, cristã não-atuante, com grau 2 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; não iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp, Facebook, Instagram para manter o relacionamento; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Gaslighting [manipulação] e ADRA – Cyber Dating Abuse); não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade e angústia; procurou os serviços de psicologia da universidade.
13	Masculino, 21 anos, branco, gay, namorando, estudante do 6º semestre, agnóstico, com grau 1 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 10 e 14 anos; iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp, Facebook, Instagram e o Tiktok para manter o relacionamento; não vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais, mas sofreu ADRA – Cyber Dating Abuse; não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso,

	ansiedade e ciúmes; procurou os serviços de psicologia da universidade.
14	Masculino, 20 anos, pardo, heterossexual, namorando, estudante do 2º semestre, protestante, com grau 2 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp, Instagram e o Twitter para manter o relacionamento; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Gaslighting [manipulação] e ADRA – Cyber Dating Abuse); não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, medo, perturbação, angústia e ímpetos suicidas; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
15	Feminino, 23 anos, parda, heterossexual, solteira, estudante do 5º semestre, católica, com grau 2 de religiosidade; não está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 10 e 14 anos; iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp, Facebook e Instagram para manter o relacionamento; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (ADRA – Cyber Dating Abuse); faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, medo, crise de pânico, ciúmes e insegurança; procurou os serviços de psicologia da universidade.
16	Masculino, 25 anos, preto, heterossexual, namorando, estudante do 5º semestre, católico, com grau 4 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 20 e 24 anos; não iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, mas utilizou o Whatsapp e o Instagram para manter o relacionamento; não vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais, mas sofreu invasão de privacidade; não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, perturbação, ciúmes e angústia; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
17	Feminino, 23 anos, parda, heterossexual, namorando, estudante do 6º semestre, ateu, com grau 1 de religiosidade (nada religioso); está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; não iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp, Instagram e Twitter para manter o relacionamento; não vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais, mas sofreu (Gaslighting [manipulação], invasão de privacidade e ADRA – Cyber Dating Abuse); não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade; não procurou os serviços de psicologia da universidade.
18	Masculino, 25 anos, branco, gay, união estável, estudante do 6º semestre, Umbanda e espírita, com grau 3 de religiosidade; está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; não iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias

	sociais, e utilizou o Whatsapp e o Instagram para manter o relacionamento; não vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais, mas sofreu invasão de privacidade e ADRA – Cyber Dating Abuse); não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, medo, ciúmes e angústia; procurou os serviços de psicologia da universidade.
19	Feminino, 24 anos, preta, bissexual, casada, estudante do 8º semestre, sem religião, com grau 1 de religiosidade (nada religioso); está em um relacionamento amoroso; seu primeiro relacionamento amoroso foi com idade entre 15 e 19 anos; iniciou um relacionamento amoroso por meio das mídias sociais, e utilizou o Whatsapp para manter o relacionamento; vivenciou violência nos relacionamentos amorosos por meio das mídias sociais (Gaslighting [manipulação] e ADRA – Cyber Dating Abuse); não faz terapia; apresenta ou apresentou, durante ou após o relacionamento amoroso, ansiedade, angústia, tristeza e raiva; não procurou os serviços de psicologia da universidade.

Fonte: Autores, 2026.

Apêndice J – Figura 1 - Fluxograma da construção da categoria analítica



CATEGORIAS ANALÍTICAS

1) Narrativas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre violências nas relações amorosas:

Subcategoria 1: Compreendendo os discursos socioculturais das violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem;

Subcategoria 2: A “indigência” dos jovens universitários de enfermagem vítimas das violências nas relações amorosas;

Subcategoria 3: Repercussões das violências nas vivências de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas;

2) Condutas sexuais nas relações amorosas por mídias sociais de jovens universitários de enfermagem:

Subcategoria 4: Condutas sexuais de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais nas relações amorosas

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB/BA		
PARCELER CONSTATANDO DO CEF		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: VIOLENCIA NAS RELAÇÕES AMOROSAS DE JOVENS UNIVERSITARIOS DE ENFERMAGEM EM MEIO SOCIAL		
Pesquisador: MARYVALDEY NUNES DE SA MICO		
Área Temática:		
Versão: 1		
CAD: 6701-025-3.000-2005		
Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB		
Patrocinador Principal: Financeamento Próprio		
DADOS DO PARCEIRO		
Número do Parceiro: 7.471.662		
Apresentação do Projeto:		
Segundo informações extraídas do formulário do Plataforma Brasil (PB), "Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa [...], a perspectiva etnossociológica, baseada no relato de vida dos participantes [...], a qual contribui para a obtenção de evidências para análise das vivências de violências nas relações amorosas de jovens universitários no âmbito das mídias sociais, a influência dessas vivências nas condutas e comportamentos sexuais, assim como o papel das mídias sociais diante de trajetórias de violências nas relações amorosas de jovens universitários".		
"Os participantes da pesquisa serão acadêmicos do curso de enfermagem, de todas as semestres, sendo a amostra composta por 30 jovens universitários, de uma universidade pública do sudoeste da Bahia. Os participantes serão selecionados acidentalmente, até três estudantes por semestre, respeitando o critério de saturação da pesquisa [...], a proteção de todos os dados por meio da entrevista aberta (APÊNDICE B), a qual será conduzida para pesquisadores [...]. Inicialmente serão feitos os testes (APÊNDICE C), aos estudantes do curso de enfermagem por meio da visita em sala de aula e, caso necessário, serão utilizados os meios sociais, através das plataformas digitais WhatsApp, Instagram e Telegram. Em seguida, após essas avaliações concluídas em paralelo, a pesquisadora irá apresentar o objeto de estudo e os objetivos da pesquisa. Logo em seguida, serão entregues aos voluntários o TGI, B para que assinem e elaborem o interesse em fornecer suas vivências [...], a entrevista será realizada com		
Endereço: Parque Industrial Centro de Desenvolvimento e Infraestrutura (CIDI) - Rodovia Federal 242, s/n - 45060-000, Avenida		
Bairro: Alagoinhas CNPJ: 08.964.288/0001-00		
CEP: 45060-000	Cidade: Alagoinhas	UF: BA
Telefone: (75)3334-0007	Fax: (75)3334-0000	E-mail: ces@uesb.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB/BA		
Instituição de Ensino - Fornecedor		
a utilização do gravador do aparelho celular e disponibilizar ao participante para que responda à questão norteadora: "Já você considerou informações sociodemográficas dos jovens participantes da pesquisa, sem o intuito de melhor caracterizá-los quanto ao seu perfil e contexto social?"		
Crédito de matrícula: discentes com idade a partir de 18 anos, que estejam matriculados em quaisquer períodos do curso de enfermagem.		
Crédito de ECTS/aula: estudantes matriculados, mas que não estejam cursando o período exp. por tempo ou quaisquer outras formas de atendimento".		
O estudo será realizado "no próprio campus universitário, em um local privado" (entrevista estranha ao TCU).		
Objetivo da Pesquisa: Objetivo Geral: analisar as práticas de vida de jovens universitários de enfermagem sobre as violências vivenciadas nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais.		
Objetivo Secundário: descobrir as violências dos jovens universitários de enfermagem sobre as violências nas relações amorosas no âmbito das mídias sociais, e descrever as condições sociais dos jovens universitários de enfermagem, considerando os contextos no âmbito das mídias sociais".		
Análise dos Riscos e Benefícios: Riscos e benefícios apresentados ao IP: Nenhum. Os participantes podem se confrontar com violências físicas, que poderão causar-lhes desconforto, tristeza e angústia. Porém, caso essa participação traga algum desconforto ou risco ocasional para a sua integridade física ou moral, esse sendo considerado parte não responderá (isso) questionamentos), suspendendo a emissão temporariamente ou até deixar de participar da pesquisa.		
Benefícios: não as contribuições para pesquisa científica gerada a partir dos conhecimentos e vivências dos sujeitos, de modo a promover uma maior compreensão das realidades desses jovens e poderemos traçar estratégias e medidas de intervenção para se desmitificar a violência".		
Observação: "Foi avaliada a possibilidade de participação de estudantes de outras instituições de ensino superior, no entanto, não foi possível devido a questões de logística e de segurança".		
Assinatura: _____ CPF: _____		
Assinatura: _____ CPF: _____		
Assinatura: _____ CPF: _____		
Assinatura: _____ CPF: _____		

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA**



Continuação do Formulário F-073-902

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Toda-se de projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Mestrado acadêmico, sob orientação da professora doutora Aline Vieira Simões, que consta como membro da equipe de pesquisa no formulário da PB.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos abaixo listados foram anexados à Plataforma Brasil:

- 1) Projeto.docx, 14/02/2025 12:31:23 (OK)
- 2) TOLU_CEP.docx, 14/02/2025 14:17:10 (OK)
- 3) Declaração de compromissos para pesquisas com seres humanos: DECLARACAO.pdf, 14/02/2025 14:25:50 (OK)
- 4) FolhaDeRosto.pdf, 14/02/2025 14:29:55 (OK)
- 5) Instrumento de Coleta de Dados.docx, 26/02/2025 16:01:06 (OK)
- 6) PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2495517.pdf, 26/02/2025 16:01:29 (OK)

Recomendações:

Vier o campo "Condições ou Pendências e Lista de Inadequações".

Condições ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo de pesquisa não apresenta impedimentos de ordem ética. Sendo assim, recomenda-se a aprovação.

Importante que a pesquisadora esteja atenta para:

- 1) Realizatos:
 - Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (Itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 23, Inciso V).
- 2) Emendas
 - Para realizar alterações de qualquer sorte (apresentar membros/assistentes, alterar um instrumento ou inserir um campo de coleta, mudar aspectos metodológicos, etc) em projetos já aprovados, você precisará submeter uma [EMENDA] para avaliação do CEP.

As instruções para tanto estão nas páginas 67 a 78 do Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil. Mas cuidado! Emendas não podem fazer mudanças profundas, que descaracterizem o projeto

Endereço: 14º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Delva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida			
Bairrada, Jequié/BA			
UF: BA	Município: JEQUIÉ	CEP: 45.200-510	
Telefone: (75)3525-4727	Fax: (75)3525-4983	E-mail: cep@uesb.edu.br	




Continuação do Form. 1-03-002

em anexo. Pequenas alterações textuais podem ser informadas nos resumos.

Considerações Finais a critério do CEP:
 Em reunião realizada no dia 21 de março de 2020, por videoconferência, autorizada pelo COBENF, a pauta do CEP UESB acabou a pouco mais de metade.

Toda pesquisa foi elaborada baseada nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Protocolo	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	DE INFORMACOES BASICAS DO PROJETO - ANEXO 01.pdf PROJETO DE REVISÃO DO PROJETO DE REVISÃO	2019/0005 18.03.20 20.03.2020	UNILINO DE SA MOTA	Aprovado
Forma de Roteio	FormaRoteio.pdf	18.03.20 18.03.2020	UNILINO DE SA MOTA	Aprovado
Declaração de Responsabilidade	DECLARACAO.pdf	18.03.20 18.03.2020	UNILINO DE SA MOTA	Aprovado
Forma de Roteio de Assessoramento / Justificativa de Avaliação	FormaRoteio.pdf	18.03.20 18.03.2020	UNILINO DE SA MOTA	Aprovado
Projeto Científico / Breve Descrição	Projeto.docx	18.03.20 18.03.2020	UNILINO DE SA MOTA	Aprovado

Situação do Projeto:
 Aprovado

Assinatura - Agente do COBENF:

 Assinatura de 28 de março de 2020

 Assinado por:
 José Sádler Faria Macielmonte
 (coordenador(a))

Resumo: 1º e 2º reuniões do Conselho de Desenvolvimento Institucional (CDI) da UESB em 2020, Assunto: Resoluções, Assinatura: CEP, 45.224.010

CPF do: Resumido: 45.224.010

Sigla do: Fone: (75)3324-0000 E-mail: sigla@uesb.edu.br